



CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA

O EQUIPAMENTO ENQUANTO ELEMENTO DE REQUALIFICAÇÃO DO LUGAR EXPECTANTE

JOANA FILIPA ALEIXO DE LEMOS

(Licenciada)

PROJECTO FINAL DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA

Orientação Científica:

Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Júri:

Presidente: Professor Doutor Filipe Alexandre Duarte González Migães de Campos

Vogal: Professora Doutora Ana Marta das Neves Santos Feliciano

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA ULisboa, Julho, 2019

CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA

O EQUIPAMENTO ENQUANTO ELEMENTO DE REQUALIFICAÇÃO DO LUGAR EXPECTANTE

JOANA FILIPA ALEIXO DE LEMOS

(Licenciada)

PROJECTO FINAL DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA

Orientação Científica:

Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Júri:

Presidente: Professor Doutor Filipe Alexandre Duarte González Migães de Campos

Vogal: Professora Doutora Ana Marta das Neves Santos Feliciano

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA ULisboa, Julho, 2019

Resumo

O período industrial teve um grande impacto na consolidação e desenvolvimento de grandes áreas urbanas, como no caso da cidade ribeirinha do Barreiro, com o aparecimento de grandes complexos industriais, provocando alterações consideráveis na sua morfologia e vivências. Contudo, aquando das mudanças de paradigmas decorrentes de processos de desindustrialização, surgiram um pouco por toda a cidade, mas maioritariamente na sua frente ribeirinha, várias áreas expectantes, das quais a zona de Alburrica faz parte.

O presente trabalho, procura contribuir para o desenvolvimento de uma proposta de requalificação da área em estudo, que se encontra numa área privilegiada da cidade, que necessita improrrogavelmente de ser preservada, valorizada e devolvida à sua cidade e população. Reforçada por novas dinâmicas e vivências, através de novos usos, que culminam com o desenvolvimento de um equipamento multifuncional, que surge como elemento de requalificação e conexão deste espaço urbano.

Palavras-Chave

Alburrica | Áreas Expectantes | Requalificação Urbana | Equipamento Colectivo

Abstract

The industrial period had a great impact in the consolidation and development of the big urban areas like the waterfront in Barreiro, with the appearance of the big industrial complexes, provoking considerable changes in its morphology and life experiences. However, when the paradigms changes occur, the desindustrialization appears a little everywhere in the city, especially in it's waterfront in very expectante areas in wich the Alburrica zone is part of.

The present work seeks to contribute for the development of a requalification proposal of the área in study which can be found in a privileged area of the city, which needs to be preserved, valued and to be returned to it's city and population. Reinforced by new Dynamics and life experiences trough new uses wich culminate with the development of the multifuncional equipment that comes up as a requalification and connection elements of this urban space.

Keywords

Alburrica / Expectant Place / Urban Requalification / Collective Equipment

Agradecimentos

A todos aqueles que, de uma forma inspiradora, contribuíram para a realização do presente trabalho, com o seu incentivo, disposição e incansável companhia, que marca o culminar dos meus últimos anos deste percurso académico.

Ao Professor Pedro Rodrigues e à Professora Bárbara Massapina, que me acompanha desde o primeiro ano de faculdade, pelo permanente apoio, generosa disponibilidade e por todos os conhecimentos transmitidos.

À minha família, que sempre impulsionou a minha persistência e dedicação neste percurso, salientando a companhia, de longos dias de trabalho, das minhas queridas Tida e Niki, que hoje olham por mim lá em cima.

Aos meus amigos e colegas, com quem cresci e percorri estes últimos anos, cujas memórias levarei sempre comigo.

Em especial ao Petersen, à Daniela, à Raquel e à Maggie, por todo o apoio e preciosa ajuda nesta recta final, por todas as horas de paciência para comigo e todas as palavras de força, pelas quais ficarei eternamente grata.

A todos o meu sincero obrigada.

Índice Geral

| | |
|--|-----|
| Resumo..... | I |
| <i>Abstract</i> | III |
| Agradecimentos..... | V |
| Índice Geral..... | VII |
| Índice de Figuras..... | IX |
| I. Introdução..... | 1 |
| 1.1. Enquadramento e Objectivos..... | 3 |
| 1.2. Metodologia..... | 5 |
| 1.3. Estrutura do Documento..... | 7 |
| II. Enquadramento Teórico-Conceptual..... | 11 |
| Nota Introdutória..... | 13 |
| 2.1. Áreas Expectantes..... | 15 |
| 2.2. Requalificação Urbana como estratégia de intervenção..... | 23 |
| 2.3. O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação..... | 31 |
| Síntese..... | 35 |
| III. Caracterização da Área em Estudo..... | 37 |
| Nota Introdutória..... | 39 |
| 3.1. Enquadramento geral..... | 41 |
| 3.2. Acessibilidade e mobilidade..... | 43 |

| | |
|--|------------|
| 3.3. Breve contextualização histórica..... | 45 |
| 3.4. Breve caracterização populacional..... | 51 |
| 3.5. Estrutura Compositiva do Lugar..... | 57 |
| 3.6. A sua relação com o Rio..... | 77 |
| Síntese..... | 81 |
| IV. Projectos de Referência..... | 83 |
| Nota Introdutória..... | 85 |
| 4.1. Fundação Calouste Gulbenkian..... | 87 |
| 4.2. Centro de Congressos do Arade..... | 91 |
| 4.3. Centro Cultural de Viana do Castelo..... | 95 |
| 4.4. Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso..... | 99 |
| Síntese..... | 103 |
| V. Proposta de Intervenção..... | 107 |
| Nota Introdutória..... | 109 |
| 5.1. Proposta Urbana..... | 111 |
| 5.2. Proposta Arquitectónica..... | 113 |
| Síntese..... | 127 |
| VI. Considerações Finais..... | 129 |
| Referências Bibliográficas..... | 133 |
| Anexos..... | 141 |

Índice de Figuras

Capa

Imagem produzida pela autora, 2019.

I. Introdução

I. 1. Planta do Concelho do Barreiro. C.M.B. Levantamento Fotométrico. 2015.

Fonte: Câmara Municipal do Barreiro

II. Enquadramento Teórico-Conceptual

II. 1. Complexo Industrial da CUF, durante o século XX, na cidade do Barreiro, caracterizado como elemento marcante do seu desenvolvimento industrial, que se encontra actualmente ao abandono e descaracterizado.

Fonte: https://4.bp.blogspot.com/-JulmDeMhgAQ/WSrF4TAoc5I/AAAAAAAAAORg/-5AxU9Q9O8UOGt1OUODQICjyIRSWHUbACLCB/s1600/513100865_210065989380199_3236568085811833315_n-CUF%2Bdo%2BBarreiro-.jpg

II. 2. Complexo Industrial da CUF, durante o século XX, na cidade do Barreiro, caracterizado como elemento marcante do seu desenvolvimento industrial, que se encontra actualmente ao abandono e descaracterizado.

Fonte: https://1.bp.blogspot.com/-ga-F-9y7LO8/WSrF1z9_uXl/AAAAAAAAAORc/6ZSxIPiXtweiHETo7syNnunTrN4bFY4gCLCB/s1600/413091952_210065806046884_202389300433_206997_2_n-Barreiro.jpg

II. 3. Estado actual de parte das infra-estruturas industriais da cidade do Barreiro. Fotografia da autora. 2018.

II. 4. Memórias e Costumes da população Barreirense – Aula de Natação em Alburrica, 1927 – Práticas de lazer e recreação de íntima relação e apropriação com plano de água que envolve a cidade, que fora despoletando uma série de actividades, ao longo dos tempos, até aos dias correntes.

Fonte: <https://soplanicie.blogspot.com/2012/12/a-condicao-operaria-no-barreiro.html>

II. 5. Memórias e Costumes da população Barreirense – Grupo de trabalhadores da CUF, 1940 – Representação da classe operária que demarcou o concelho, com os seus hábitos e lutas diárias, que desencadearam uma série de colectividades e associações, representativas da cultura barreirense.

Fonte: https://s3.amazonaws.com/gs-geo-images/472ea0d2-5235-4e00-b805-e78e86edd4c1_l.jpg

II. 6. e II. 7. Memórias e Costumes da população Barreirense – Edição dos Jogos Juvenis do Barreiro, 1964 – Cultura e Desporto como traços fundamentais das suas vivências.

Fonte: https://issuu.com/associacaobarreiropratrimonio/docs/fundi___0_2.1

I. 7. Ortofotomapa da cidade do Barreiro, adaptado pela autora, com identificação das principais áreas expectantes do território.

III. Caracterização da Área em Estudo

III. 1. Esquema compositivo de localização da área de intervenção (Portugal, Setúbal, Barreiro, Alburrica). Elaborado pela autora. 2019.

III. 2. Mapa de Acessibilidades circundante à Área de Intervenção. Elaborado pela autora. 2019.

III. 3. Estação do terminal rodo-ferro-fluvial do Barreiro, vista a partir de Alburrica. Fotografia da autora, Alburrica, 2018.

III. 4. Cartografia dos primeiros assentamentos populacionais no Concelho do Barreiro.

Fonte: <https://patrimoniobarreiro.files.wordpress.com/2012/06/barreiro.jpg?w=640&h=327>

III. 5. Actividades primárias do território – Actividade de salicultura, com registos desde o século XIV até ao século XX.

Fonte: http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/arq/img/foto-de-rosto_1.jpg

III. 6. Actividades primárias do território – As vinhas da margem sul do Tejo. Na primeira metade do século XIX, mais de um terço do solo do Concelho do Barreiro era cultivado e na sua maioria com vinhas.

Fonte: http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/arq/img/quinta-bb-1960_1.jpg

III. 7. Paisagem industrial fumegante, caracterizadora da cidade do Barreiro em meados do Século XX.

Fonte: <https://2.bp.blogspot.com/-oIVZ3XsmQk0/UNSRsN6ErPI/AAAAAAADb8/nz5-4Np7n6I/s1600/n%C2%BA49.jpg>

III. 8. Vista a partir de Alburrica, do Clube Naval Barreirense, sobre a marginal norte ribeirinha do Concelho do Barreiro, demarcada pelos aterros e assentamentos industriais, Século XX.

Fonte: <https://i.pinimg.com/750x/bd/cb/78/bdcb78199a17eba474faa9a9c06f1d98.jpg>

III. 9. Enquadramento aéreo sobre o complexo de Alburrica, o terminal ferro-fluvial e o seu complexo fumegante da indústria operativa durante o século XX.

Fonte: <https://i.pinimg.com/750x/6c/7e/0e/6c7e0e3497e7566da1851d5c7be66b1e.jpg>

III. 10. Abandono das infra-estruturas da actividade industrial na cidade do Barreiro. Fotografia da autora, 2018.

III. 11. Aterros industriais desactivados na marginal norte ribeirinha do Concelho do Barreiro. Fotografia da autora, 2018.

III. 12. Enquadramento da área de intervenção expectante em Alburrica. Vazio urbano deixado pelo desmantelamento da industria aqui presente. Fotografia da autora, 2018.

III. 13. Memórias e Costumes da população Barreirense – Grupo de Orquestra Penincheiro de Jazz. 1955.

Fonte: <http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/arq/img/f635.jpg>

III. 14. Memórias e Costumes da população Barreirense – Grupo de Orquestra dos Bombeiros do Barreiro. 1904.

Fonte: <http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/arq/img/bombeiros-HEROLD1.jpg>

III. 15. Memórias e Costumes da população Barreirense – Grupo desportivo de prática de Remo, afiliado ao Clube Naval Barreirense. 1928.

Fonte: <http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/arq/img/Remo.jpg>

III. 16. Memórias e Costumes da população Barreirense – Clube de Futebol Barreirenses, Associação Colectiva que perdura até aos dias de hoje.

Fonte: https://c1.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/B7b06640e/12929477_tEJgk.jpeg

III. 17. Memórias e Costumes da população Barreirense – Banhistas na praia em Alburrica. 1978.

Fonte: <https://i.pinimg.com/750x/1e/b1/2a/1eb12a36b3879965ff42f7cd6b804e9f.jpg>

III. 18. Memórias e Costumes da população Barreirense – Prova de natação dos Jogos Juvenis do Barreiro, com partida de um moinho de maré em Alburrica.

Fonte: AA.VV. UM OLHAR SOBRE O BARREIRO - Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro – Número Especial História dos Moinhos - Nº 2, III Série. Augusto Pereira Viegas. 1993.

III. 19. Memórias e Costumes da população Barreirense – Actividade piscatória nas margens ribeirinhas do Barreiro, com seu pano de fundo fumegante industrial.

Fonte: AA.VV. UM OLHAR SOBRE O BARREIRO - Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro, Nº 2. Augusto Pereira Viegas. 1989.

III. 20. Ortofotomapa com identificação da estrutura compositiva de Alburrica. Produzido pela autora, 2019.

III. 21. Gravura do Moinho de Maré Braamcamp, em Alburrica, 1898.

Fonte: https://issuu.com/alfman/docs/barreiro_contempor__neo_volume_iii__bd09abfcbaee9b

III. 22. Estado actual do Moinho de Maré Braamcamp. Fotografia da autora, Alburrica, 2018.

III. 23. Estado actual do Moinho do Cabo. Fotografia da autora, Alburrica, 2018.

III. 25. Estado actual do Moinho do Cabo, em obras de requalificação. Fotografia da autora, Alburrica, 2018.

III. 25. Enquadramento dos três moinhos de vento: o Gigante, o Poente e o Nascente, da esquerda para a direita, respectivamente. Com o emblemático Cristo Rei como pano de Fundo. Fotografia da autora, Alburrica, 2018.

III. 26. Vivências na praia norte de Alburrica, em 1929, junto ao designado Moinho do Gim.

Fonte: https://s3.amazonaws.com/gs-geo-images/f8482832-fa70-45b3-a162-a9c0ceef045c_l.jpg

III. 27. Vivências na praia norte de Alburrica, em 1929, junto ao designado Moinho do Gim.

Fonte: <https://i.pinimg.com/750x/07/74/ef/0774ef0c2d9a4641d7dec3bfe66cbee3.jpg>

III. 28. Planta de Implantação da Quinta Braamcamp, Séc. XIX.

Fonte: Câmara Municipal do Barreiro

III. 29. Fotografias áreas da evolução da Quinta e sua respectiva indústria, Séc. XX e XXI, respectivamente.

Fonte: https://www.cm-barreiro.pt/thumbs/cmbarreiro/uploads/writer_file/image/7478/2_-_Quinta_braamcamp_1_1024_2500.jpg

III. 30. Fotografias áreas da evolução da Quinta e sua respectiva indústria, Séc. XX e XXI, respectivamente.

Fonte: https://www.cm-barreiro.pt/thumbs/cmbarreiro/uploads/news/image/5330/Quinta_Braa_camp_1_1024_2500.jpg

III. 31. Estado actual do Moinho de maré Braamcamp pertencente à Quinta Braamcamp e sua respectiva Sociedade Nacional Corticeira. Fotografia da autora. 2018.

III. 32. e **III. 33.** Estado actual em ruínas da Quinta Braamcamp. Fotografia da autora. 2018.

III. 34. Cartografia representativa do complexo de Alburrica, nos meados do Século XIX. Com identificação da antiga localização dos primeiros cais de atracagem e pontes de travessia.

Fonte: Câmara Municipal do Barreiro

III. 35. Antigo estaleiro de construção naval junto aos moinhos de vento em Alburrica, que laborou até meados do século XX.

Fonte: <https://patrimoniobarreiro.files.wordpress.com/2012/06/cnaval2.jpg>

III. 36. Identificação das estruturas de suporte (palafitas e muros de suporte) que serviam de base estrutural ao antigo estaleiro naval aqui presente em Alburrica.

Fonte: <https://patrimoniobarreiro.files.wordpress.com/2012/06/alburrica-estaleiro.jpg>

III. 37., III. 38. e III. 39. Vestígios actuais da estacaria e embasamentos das primeiras pontes de travessia construídas em Alburrica.

Fonte: <https://patrimoniobarreiro.files.wordpress.com/2012/06/conjunto.jpg>

III. 40. Vista do Clube Naval Barreirense a partir da marginal norte da cidade do Barreiro, com enquadramento face ao plano de água e ao seu pano de fundo paisagístico. Fotografia da autora, 2018.

III. 41. O primeiro pavilhão do Clube Naval Barreirense, na Praia Norte do Barreiro, junto ao moinho de vento do Jim, em 1930, dois anos antes do início da construção da Muralha Marginal.

Fonte: https://issuu.com/alfman/docs/barreiro_contemporaneo_vol_i_red

III. 42. Época balnear em 1966, na pequena praia da Bela Vista, encontrando-se no primeiro plano a zona ocupada pelo Clube, para os respectivos sócios.

Fonte: https://issuu.com/alfman/docs/barreiro_contemporaneo_volume_ii_pa

III. 43. Percurso das regatas de vela organizadas pelo Clube Naval, em 1941.

Fonte: https://issuu.com/alfman/docs/barreiro_contemporaneo_volume_ii_pa

III. 44. Clube Naval Barreirense nos dias de hoje. Fotografia da autora. 2018.

III. 45. Praia Fluvial de Alburrica. Fotografia da autora, 2018.

III. 46. Vegetação halófitas presente nas margens das diversas caldeiras de Alburrica. Fotografia da autora, 2018.

III. 47. Linha de vegetação arbórea pertencente à Quinta Braamcamp em Alburrica. Fotografia da autora, 2018.

III. 48. Enquadramento parcial do conjunto singular de Alburrica, em constante e forte relação com o plano de água.. Fotografia da autora, 2018.

III. 49. Assentamentos informais de pescadores junto às margens do rio em Alburrica. Fotografia da autora, 2018.

III. 50. Actividades de veraneio na praia fluvial de Alburrica. Fotografia da autora, 2018.

III. 51. Conjunto de embarcações, de recreio e pesca, atracadas nas margens de Alburrica. Fotografia da autora, 2018.

III. 52. Prática da actividade piscatória na frente marginal norte da cidade do Barreiro. Fotografia da autora, 2018.

III. 53. Tabela de síntese das potencialidades e fraquezas do território. Elaborada pela autora, 2019.

IV. Projectos de Referência

IV. 1. Parte do volume da Fundação Calouste Gulbenkian envolto com os seus jardins.

Fonte: <https://gulbenkian.pt/fundacao/informacoes-contactos/>

IV. 2. A Fundação Calouste Gulbenkian marcada pela sua envolveria em espelhos de água.

Fonte: <https://gulbenkian.pt/museu/colecao-do-fundador/o-edificio/>

IV. 3. Exterior do Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian.

Fonte: <https://nit.pt/wp-content/uploads/2016/11/23-1-754x394.jpg>

IV. 4. Interior do Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian com destaque ao seu plano de fundo.

Fonte: https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2015/12/30012717/Palco_Cortina_Aberta_Janela-1024x681.jpg

IV. 5. Desenho Técnico – Planta de Implantação da Fundação Calouste Gulbenkian.

Fonte: https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/sites/29/2015/09/01182254/AC_17975st.jpg

IV. 6. Esboço do Arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles que compoe a composição volumétrica da Fundação Calouste Gulbenkian.

Fonte: <https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/sites/29/2015/11/01181743/FOTO-MAQUETE-112-B411F-M5-1.jpg>

IV. 7. Maquete compositiva da Fundação Calouste Gulbenkian.

Fonte: <https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/perspectiva-da-zonasul-do-parque-gulbenkian/>

IV. 8. Esquemas de Concepção do Projecto do Centro de Congressos do Arade.

Fonte: <http://0608.habitarportugal.org/hp2009/uploads/imgs/1243598444Y2cQL6ur7Ai01YQ1.jpg>

IV. 9. Composição volumétrica do Centro de Congressos do Arade envolto pelo seu espelho de gua.

Fonte: <https://secilpro.com/obras/centro-de-congressos-do-arade>

IV. 10. Composição volumétrica do Centro de Congressos do Arade envolto pelo seu espelho de gua.

Fonte: <http://www.miguelarruda.com/Portfolio.aspx?Lista=ListaPavilhaoMultiusosdoArade&id=5#>

IV. 11. Relação interior/exterior do Centro de Congressos do Arade.

Fonte: <http://0608.habitarportugal.org/hp2009/uploads/imgs/1243537700P1ITD2jt9LI26XV1.jpg>

IV. 12. Relação interior/exterior do Centro de Congressos do Arade.

Fonte: <http://0608.habitarportugal.org/hp2009/uploads/imgs/1243537701B1rRC7mq1Ba17UX2.jpg>

IV. 13. Relação interior/exterior do Centro de Congressos do Arade.

Fonte: <http://0608.habitarportugal.org/hp2009/uploads/imgs/1243537701G4vIE1go7NI48TK4.jpg>

IV. 14. Diferença do efeito cénico lumínico em cenário diurno e nocturno, do Centro de Congressos do Arade.

Fonte: <http://miguelarruda.com>

IV. 15. Desenho Técnico – Planta de Implantação do Centro de Congressos do Arade.

Fonte: <http://0608.habitarportugal.org/hp2009/uploads/imgs/1243598444I1lBA9ea3RI49RW2.jpg>

IV. 16. Desenho Técnico – Corte-Alçado do Centro de Congressos do Arade com o seu enquadramento envolvente.

Fonte: <http://0608.habitarportugal.org/hp2009/uploads/imgs/1243598451F6wAB0gv4Jw28YD7.jpg>

IV. 17. Desenhos Técnicos – Planta do Piso Subterrâneo, Térreo e Superior, respectivamente, do Centro de Congresso do Arade.

Fonte: <http://0608.habitarportugal.org/hp2009/uploads/imgs/1243598452V7pVK7qn4lp44QC4.jpg>

IV. 18. Esboços do arquitecto relativamente à concepção do projecto do Centro Cultural de Viana do Castelo.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-133038/centro-cultural-de-viana-do-castelo-slash-eduardo-souto-de-moura/520101c0e8e44e4eff200002d-cultural-center-of-viana-do-castelo-eduardo-souto-de-moura-sketch-02>

IV. 19. Centro Cultural de Viana do Castelo , visto a partir do rio.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-133038/centro-cultural-de-viana-do-castelo-slash-eduardo-souto-de-moura/52010028e8e44e949b00000a-cultural-center-of-viana-do-castelo-eduardo-souto-de-moura-photo>

IV. 20. Centro Cultural de Viana do Castelo , visto a partir da cidade e seu enquadramento envolvente.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-133038/centro-cultural-de-viana-do-castelo-slash-eduardo-souto-de-moura/52010018e8e44ebcd3000017-cultural-center-of-viana-do-castelo-eduardo-souto-de-moura-photo>

IV. 21. Centro Cultural de Viana do Castelo , visto a partir da cidade e seu enquadramento envolvente.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-133038/centro-cultural-de-viana-do-castelo-slash-eduardo-souto-de-moura/52010063e8e44ebcd300001a-cultural-center-of-viana-do-castelo-eduardo-souto-de-moura-photo>

IV. 22. Nave multiusos do Centro Cultural de Viana do Castelo. A plateia divide-se em duas bancadas laterais que acompanham a direcção do seu meio urbano e do plano do rio, expandindo-se para o recinto central.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-133038/centro-cultural-de-viana-do-castelo-slash-eduardo-souto-de-moura/5201009ae8e44ebcd300001e-cultural-center-of-viana-do-castelo-eduardo-souto-de-moura-photo>

IV. 23. Desenho Técnico – Planta de Implantação do Centro Cultural de Viana do Castelo.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-133038/centro-cultural-de-viana-do-castelo-slash-eduardo-souto-de-moura/52010330e8e44e949b000016-cultural-center-of-viana-do-castelo-eduardo-souto-de-moura-site-plan>

IV. 24. Desenhos Técnicos – Plantas do Centro Cultural de Viana do Castelo.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-133038/centro-cultural-de-viana-do-castelo-slash-eduardo-souto-de-moura/52010314e8e44efff200002e-cultural-center-of-viana-do-castelo-eduardo-souto-de-moura-level-01-plan>

IV. 25. Desenhos Técnicos – Plantas do Centro Cultural de Viana do Castelo.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-133038/centro-cultural-de-viana-do-castelo-slash-eduardo-souto-de-moura/52010311e8e44e949b000015-cultural-center-of-viana-do-castelo-eduardo-souto-de-moura-level-00-plan>

IV. 26. Desenhos Técnicos – Plantas do Centro Cultural de Viana do Castelo.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-133038/centro-cultural-de-viana-do-castelo-slash-eduardo-souto-de-moura/52010328e8e44ebcd300002a-cultural-center-of-viana-do-castelo-eduardo-souto-de-moura-level-01-plan>

IV. 27. Maquete do espaço interior do Centro Cultural de Viana do Castelo, que permite compreender a relação entre a galeria envolvente, bancadas e nave multiusos.

Fonte: https://ciamh.up.pt/arma/wp-content/uploads/2014/08/C5_G5.pdf

IV. 28. Maquete em corte do Centro Cultural de Viana do Castelo, que permite perceber a relação entre o seu interior e exterior e os seus respectivos níveis.

Fonte: https://ciamh.up.pt/arma/wp-content/uploads/2014/08/C5_G5.pdf

IV. 29. Esboços do arquitecto relativos à concepção do projecto do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

Fonte: <https://www.archdaily.com/791546/nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira/5784184ae58ece69fd000053-nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira-sketch>

IV. 30. Maquete da estrutura laminada que compõe o Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

Fonte: <https://www.archdaily.com/791546/nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira/57841ad1e58ece69fd00005d-nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira-model>

IV. 31. Fotografia aérea do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

Fonte: <https://www.archdaily.com/791546/nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira/57842a40e58ece69fd00008a-nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira-photo>

IV. 32. Enquadramento geral entre a rampa de acesso e o volume do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

Fonte: <https://www.archdaily.com/791546/nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira/578427b0e58ece69fd000081-nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira-photo>

IV. 33. Composição da fachada do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

Fonte: <https://www.archdaily.com/791546/nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira/57841e73e58ece69fd000061-nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira-photo>

IV. 34. Composição da fachada do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

Fonte: <https://www.archdaily.com/791546/nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira/57841e14e58ece69fd000060-nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira-photo>

IV. 35. Maquete da composição final do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

Fonte: <https://www.archdaily.com/791546/nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira/57841b15e58ece1a900001a-nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira-model>

IV. 36. Desenho Técnico – Planta de Implantação do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

Fonte: <https://www.archdaily.com/791546/nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira/57841795e58ece69fd00004f-nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira-site-plan>

IV. 37. Desenho Técnico – Planta do Piso Térreo do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

Fonte: <https://www.archdaily.com/791546/nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira/578417cee58ecee1a900000e-nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira-plan-0>

IV. 38. Desenho Técnico – Planta do Piso Superior do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

Fonte: <https://www.archdaily.com/791546/nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira/57841801e58ece69fd000051-nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira-plan-1>

V. Proposta de Intervenção

V. 1. (à direita) Planta de enquadramento da proposta urbana de intervenção. Elaborada pela autora, 2019.

V. 2. Fragmentos de destaque de enquadramento da proposta urbana de intervenção. Elaborados pela autora, 2019.

V. 3. Enquadramento do território à margem da caldeira do moinho Braamcamp, visto a partir de um dos topos da caldeira. Fotografia da autora, 2018.

V. 4. O território como um amplo vazio urbano expectante. Fotografia da autora, 2018.

V. 5. Enquadramento do território à margem da caldeira do moinho Braamcamp, vista a partir do topo da caldeira adjacente ao moinho.. Fotografia da autora, 2018.

V. 6. Acumulação de lixos e depósitos dos destroços da antiga fábrica da Sociedade Nacional de Cortiça, no território em estudo. Fotografia da autora, 2018.

V. 7. A muralha que confina o território, face a frente marginal e praia fluvial de Alburrica. Fotografia da autora, 2018.

V. 8. A relação de paisagem do território a intervir com a quebra dos muros existentes, Fotografia da autora, 2018.

V. 9. Planta de cobertura da proposta arquitectónica de intervenção. Elaborada pela autora, 2019.

V. 10. Planta do Piso 2 da proposta arquitectónica de intervenção. Elaborada pela autora, 2019.

V. 11. Planta do Piso 1 da proposta arquitectónica de intervenção. Elaborada pela autora, 2019.

V. 12. Planta do Piso 0 da proposta arquitectónica de intervenção. Elaborada pela autora, 2019.

V. 13. Corte da proposta arquitectónica de intervenção – Relação exterior / interior com a paisagem. Elaborado pela autora, 2019.

V. 14. Corte construtivo da proposta arquitectónica de intervenção. Elaborado pela autora, 2019.

V. Considerações Finais

VI. 1. Vista área sobre Alburrica e respectiva área de intervenção.

Fonte: <http://www.distribonline.pt/wp-content/uploads/2018/09/braamcamp.jpg>

I. Introdução

1.1. Enquadramento e Objectivos

O presente documento decorre no desenvolvimento do Projecto Final de Mestrado, tendo em vista como área de estudo a cidade do Barreiro, mais especificamente a zona ribeirinha de Alburrica, no seu extremo noroeste.

A cidade vivencia actualmente um período de indefinição e reestruturação urbana devido ao processo de desindustrialização que marcou o concelho. Este processo desencadeou variadíssimas áreas expectantes, principalmente na sua frente ribeirinha, como no caso de Alburrica, que dão origem a uma imagem e paisagem pouco cuidada da cidade.

Alburrica, num local privilegiado do concelho, foi em tempos um local de várias concentrações e actividades humanas, considerada com um lugar singular e identitário, é hoje em dia, uma área expectante e pouco usufruída, na sua maioria pontual e sazonalmente, que necessita de ser preservada, valorizada e devolvida à cidade e à sua população.

Efectivamente existe uma escassez no que diz respeito a espaços de estar e lazer assim como de equipamentos que potencializem e sustentem a integração com o lugar, uma proximidade à população e que moderem uma regeneração urbana da área envolvida, através da qualificação de usos e novas actividades, valorizando-a.

Dado este enquadramento, Alburrica assinalada como um território singularmente dotado de diversas potencialidades. Pretende-se assim reintegrá-la na vivência diária dos residentes da cidade, bem como na de futuros visitantes que aqui possam

descobrir um local com o qual se identifiquem. Tudo isto visa uma contribuição determinante para um desenvolvimento global da própria cidade do Barreiro, quer ao nível de usos, das dinâmicas sociais e culturais, e mesmo a nível económico.

Para que tal aconteça, é necessária uma intervenção de requalificação a nível urbano, com vista a conceber um pólo que promova várias vivências, possibilitando a participação activa dos cidadãos, bem como reforçar a atractividade da cidade através de preservação e valorização de um espaço de excelência, com diversificadas valências programáticas, de carácter ambiental, educacional, cultural, desportivo, balnear e turístico. Desta forma, é fundamental estabelecer conexões firmes e de interesse entre a população e o território, capazes de gerar um efeito positivo às áreas adjacentes, que beneficiam da qualificação e amplificação de qualidade de vida e que vão de encontro às necessidades da população local e dos seus visitantes. Assegura assim uma proximidade e uma resposta às necessidades existentes, como também um sentimento de identificação e pertença, que consequentemente colaborará para um sentimento de preservação e consolidação do lugar.

Como objectivo, propõe-se, desta forma, uma intervenção urbana em toda a extensão do território de Alburrica, mas sobretudo a implantação de um novo equipamento, tendo estes uma grande importância ao nível de requalificação urbana, de carácter desportivo, de lazer e cultural, sobre o qual recai o principal objecto de estudo e desenvolvimento deste trabalho.

1.2. Metodologia

Considerando o objectivo principal do decorrente trabalho como fio condutor de investigação, adoptou-se uma metodologia contínua e sincrónica entre a componente prática e teórica, de modo a desenvolver um trabalho o mais homogénea e coerentemente possível.

Através de uma metodologia e pesquisa empírica, a procura das resposta a dar aos objectivos a desenvolver, começou a ser transformada em hipóteses de desenvolvimento mais precisas, que impulsionaram o desenvolvimento da componente projectual, procurando fundamentar e melhorar a qualidade das suas opções práticas.

Numa primeira abordagem, a metodologia de trabalho teve a sua génese com uma observação directa no local e recolha documental relativamente ao lugar em estudo. Revisando uma observação e investigação face a sua estrutura urbana, história do local, análise social e os primeiros passos na compreensão do lugar. Posteriormente, em complementaridade, foram analisados os documentos e referências literárias recolhidas sobre o Barreiro, assim como a realização de várias visitas ao local para a recolha de dados e registos fotográficos e gráficos.

Simultaneamente, procedeu-se a uma pesquisa, leitura e interpretação minuciosa de referências literárias e casos de estudo relevantes, face a componente teórica.

Estabelecendo um enquadramento estratégico, pré-definido conceptualmente e problematizadamente, deram-se os primeiros passos relativamente a componente

projectual deste trabalho, a proposta urbana que culminará no desenvolvimento da proposta arquitectónica central de desenvolvimento. Este que passará constantemente por um estudo de várias soluções e percepções das mesmas, de modo a materializar uma proposta de projecto que fosse de encontro à melhor solução possível, relativamente às questões de trabalho previamente enunciadas.

Todo este trabalho, foi acompanhado de uma repetida e contínua análise e consulta de projectos de referência e referências literárias, reforçando-o a cada momento.

1.3. Estrutura do Documento

O presente documento assenta numa estrutura composta, essencialmente, por duas componentes, uma teórica e uma prática (componente projectual de trabalho), demarcada por quatro capítulos principais, que posteriormente se desdobram em subcapítulos complementares.

A componente teórica surge em fundamento do desenvolvimento da componente projectual, como conjectura de investigação e suporte às decisões tomadas, correspondendo aos três primeiros capítulos sequências, posteriores ao presente capítulo, do presente documento.

Num primeiro momento, surge um capítulo dedicado a um enquadramento teórico-conceptual, que vem dar resposta ao subtítulo de trabalho “O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante”, onde são abordados os conceitos teóricos que sustentam e fundamentam o mote de investigação de trabalho. Realizando uma reflexão de procura e entendimento, no âmbito da requalificação do lugar, tendo-a como referência à sua aplicabilidade face a componente projectual.

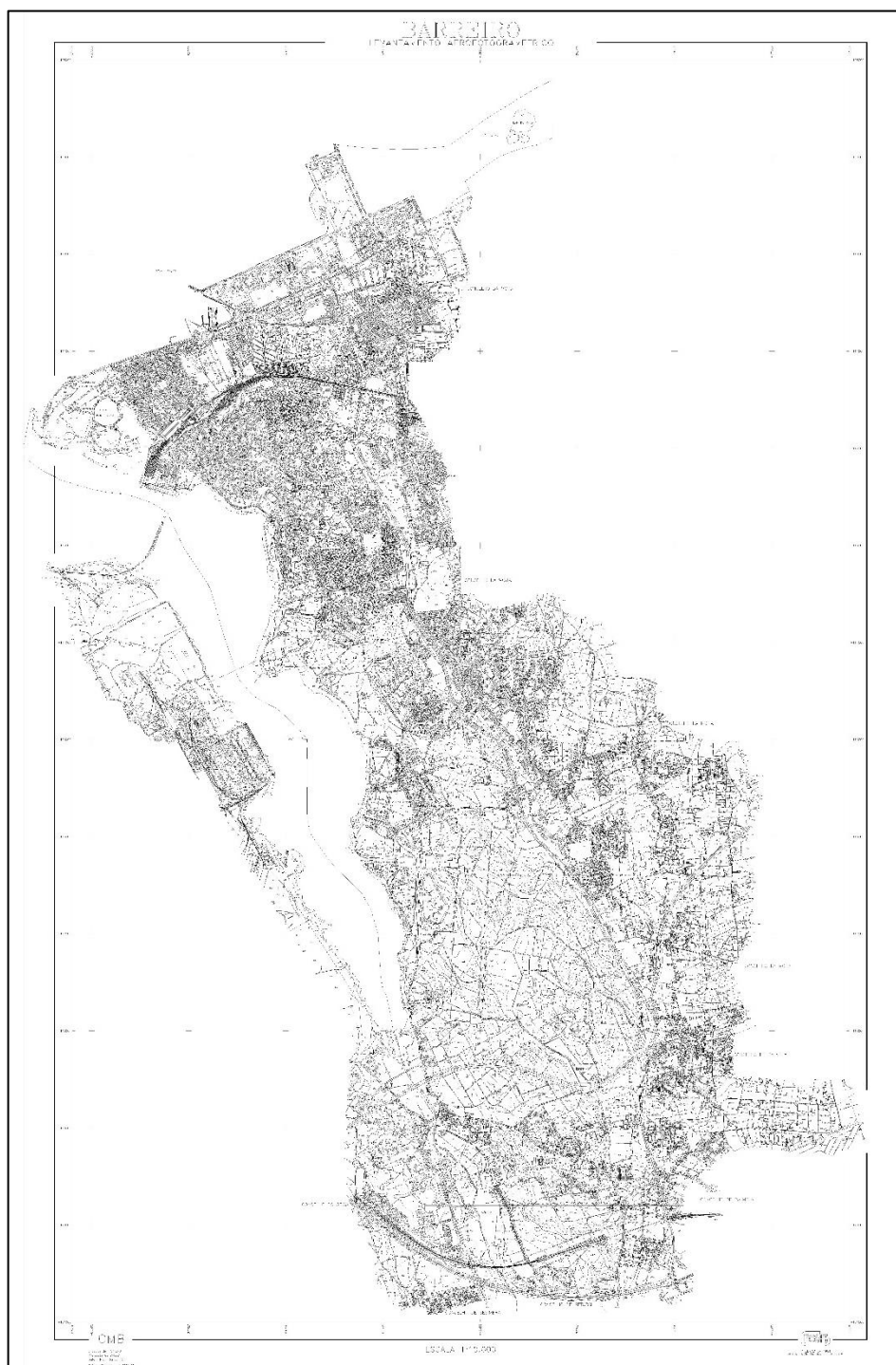
Posteriormente, num segundo momento, é realizada a caracterização da área em estudo, efectuando uma investigação e contextualização sobre o lugar, procedendo a uma análise histórica, social, cultural, identitária e urbana. Procurando salientar as linhas de força de estruturação ao desenvolvimento da proposta de intervenção, em consonância para com o lugar e as suas potencialidades.

Sequencialmente, é realizada uma análise de projectos de referência que sustentam a concepção da prática projectual e que fundamentam o seu contexto para com a área em estudo. Estes que têm como objectivo estabelecer um conjunto de lógicas projectuais de aplicabilidade no projecto, tais como: questões programáticas, conceptuais e de relacionamento compositivo para com a sua envolvente.

Culminando no capítulo proferido como “Proposta de Intervenção”, que tal como a sua denominação indica será a explanação de toda a componente projectual desenvolvida, decorrente do estudo e análise, prévia, de toda a componente teórica abordada, interrelacionando conceitos a matéria projectual, ilustrando o resultado da reflexão realizada através da concretização do projecto proposto.

Por fim, encontram-se um conjunto de anexos que representam a proposta gráfica de desenvolvimento projectual, bem como todo o seu processo, que inclui outros elementos preponderantes à sua concepção, como material de suporte: cartografia, fotografias, referências complementares ao projecto, desenhos e maquetes de trabalho.

Todos os capítulos contam ainda com uma nota prévia de introdução, aos assuntos a tratar, bem como uma nota de síntese que faz um enquadramento geral dos aspectos a salientar em cada um deles, que culminam no desenvolvimento das considerações finais do presente documento.



I. 1. Planta do Concelho
do Barreiro. C.M.B.
Levantamento
Fotométrico. 2015.

II. Enquadramento Teórico-Conceptual

*(...) algo terá de ser feito nesta área tão sensível e, neste momento, em tão profundo estado de degradação. É urgente uma intervenção urbanística planificada que tenha em vista o superior interesse da população quanto a esta área vocacionada para seu lazer e repouso (desporto e cultura), intervenção que considera o equilíbrio ecológico e histórico que evidenciamos.*¹

¹ AA. VV. Um olhar sobre o Barreiro – Revista não periódica – Nº 3. Augusto Viegas. 1985. Pág. 9.

Nota Introdutória

Procurando dar resposta ao subtítulo de trabalho “O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante”, como temática de desenvolvimento, serão abordados os conceitos teóricos que sustentam a presente investigação. Realizando uma reflexão sobre três conceitos base, que se interrelacionam entre si: o de áreas expectantes, o de requalificação urbana e o de equipamentos colectivos, procurando o seu entendimento como referência de aplicabilidade à proposta de projecto de intervenção desenvolvida.

2.1. Áreas Expectantes

CONCEITO E CARACTERIZAÇÃO

O presente conceito incorpora diversas leituras e pode apresentar diversas nomenclaturas, contudo é, frequentemente, utilizado o termo de vazio urbano para caracterizar o de áreas expectantes e vice-versa.

Segundo, o arquitecto e autor, Solá-Morales, estes espaços constituem *"uma área sem limites claros, sem uso actual, vacante, de difícil compreensão na percepção colectiva dos cidadãos, constituindo normalmente um rompimento no tecido urbano. Mas também uma área disponível, cheia de expectativas, de forte memória urbana, com potencial original: o espaço do possível, do futuro"*², ressaltando uma perspectiva positiva e de oportunidade para com estas áreas.

Estas áreas expectantes, tal como o nome o indica, aguardam por uma nova activação, através de novos usos e funções. Normalmente são zonas que nem sempre estiveram vagas, possuindo uma memória intrínseca, que devido a mudanças de paradigmas cessaram as suas funções sem nada surgir em substituição, dando origem a espaços abandonados e obsoletos. Distinguindo-se dos vazios urbanos projectados, entendidos como áreas de espaço público.

² SOLÁ-MORALES, Ignasi. *Terrain Vague in Anyplace*. Gustavo Gili. Barcelona. 1995. Pág. 120.

Estes pontos podem estar localizados em zonas consolidadas ou até mesmo em espaços sobrantes, esquecidos no meio urbano, podendo apresentar-se sob diversas formas, tais como: áreas não construídas, com ajardinados cobertos de arbustos e herbáceos, com sinais de abandono; terrenos selvagens; zonas edificadas degradadas ou em ruína; ou simplesmente vazios. Que ao estarem à margem do olhar depressa se tornam áreas propensas a acumulação de lixos e resíduos.

Na sua maioria encontram-se como áreas vedadas, permanecendo como obstáculos ao desenvolvimento do território, quando na realidade são uma grande oportunidade para a sua requalificação. Sendo que muitos destes locais até são zonas centrais, que se encontram extremamente bem localizadas, a níveis de infra-estruturas de acesso e ocupam por norma grandes áreas, possibilitando inúmeras formas de ocupação.

Correspondem a áreas que permitem uma certa liberdade face ao que podem oferecer, por ausência de uso, possuindo a pertinência certa de reestruturar e equilibrar a imagem envolvente, nunca esquecendo aquilo que representam enquanto memória, devolvendo estes locais a sua população, de forma a possuírem uma grande importância para o seu uso colectivo e desenvolvimento social, económico e cultural.

São vários os autores que abordam esta temática, estando na ordem do dia da sociedade contemporânea, contudo nem todos possuem esta visão de oportunidade, adoptando posições mais negativas para com estas áreas, ao nível das suas consequências, que contribuem para a degradação da imagem do território. Mas acima de qualquer conotação negativa, devem ser procuradas formas de dissolução

desta mesma vertente, permitindo a ligação destes locais desconectados, como potenciais pontos de fomento à novas vivências e dinâmicas.

De salientar, que são áreas que necessitam de uma requalificação urbana, considerando o seu valor simbólico e suas memórias temporais, passando pelo entendimento dos seus elementos residuais e de que forma devem ser apropriadas, como novas referência territoriais e palco de novas vivências sociais, promovendo o desenvolvimento do meio em que se insere. Devendo ser integrados de forma coerente, aliado as carências e necessidades do território e sua população, promovendo uma estrutura hierarquizada.

GÉNESE DE DESENVOLVIMENTO

A presença de áreas expectantes nos meios urbanos contemporâneos é uma realidade bastante presente, que tanto podem estar localizados em áreas centrais como em áreas mais periféricas. A expansão urbana no século XX, o desenvolvimento e dispersão territorial, influenciados por factores históricos e políticos, foram influenciado o aparecimento destes lugares.

Foram as marcas de destruição provocadas por grandes guerras, como a II Guerra Mundial, nos centros históricos de múltiplas cidades europeias, completamente arrasadas, que deram protagonismo a esta temática, dando origem a espaços como estes.

Algumas destas cidades permanecem ainda hoje com este tipo de áreas bem presentes, em planos de esquecimento, devido em parte à continua expansão dos meios urbanos para zonas periféricas e a implantação de grandes indústrias no território, que foram se tornando em novos planos de referência. Contudo, certas cidades foram recuperando algumas áreas do seu tecido urbano, tirando partido destes vazios expectantes, no renascer das cidades, como no caso da cidade de Berlim, atribuindo a estes locais um significado valorativo, como lugares de excepção, importantes na difusão de novas actividades e funções.

"As três décadas que se seguiram à II Guerra Mundial, constituíram um período de forte aceleração das dinâmicas sociais, económicas e urbanas. Durante estes "30 gloriosos" anos, nos países da esfera da economia de mercado, instauraram-se o modelo económico "fordista", caracterizado pela produção e o consumo massificado (...). As cidades (...) pela consolidação de zonas industriais e pólos de crescimento deram suporte físico à modernização da indústria pesada, aos complexos portuários e petroquímicos e às unidades produtoras de bens de consumo duráveis.

Os choques petrolíferos e a crise económica da década de 70 marcaram a falência do modelo "fordista" (...). (...) As pesadas infra-estruturas económicas e industriais próprias da cidade fordista – estaleiros navais, siderurgias, complexos petroquímicos, refinarias petrolíferas – assim como as grandes infra-estruturas logísticas – os aeroportos nos centros urbanos, as estações ferroviárias terminais, os portos alfandegários – entraram em progressiva obsolescência económica e funcional, que só se resolveria através da sua reconversão ou realocação num

perímetro metropolitano cada vez mais extenso. Produziram-se assim, rupturas físicas entre a cidade e o súbito esvaziamento de enormes áreas do seu tecido consolidado, abrindo-se, como nunca antes, oportunidades de transformação urbanística.

As cidades, que até aqui constituíam o suporte físico e humano destas infra-estruturas, depararam-se subitamente com uma nova questão: o preenchimento dos vazios urbanos deixados pela própria recomposição do seu tecido.³

Posteriormente, estes espaços surgem, na sua maioria, associados ao fenómeno da desindustrialização e à sociedade pós-industrial, com o encerramento de grandes indústrias, que com a dissolução das suas actividades, as suas áreas sofreram uma reorganização ou o seu encerramento. Surgindo diversos espaços de carácter industrial abandonados, que perderam a sua função, mas mantiveram as suas antigas estruturas ou apenas marcas residuais, ficando estagnadas no tempo, como fragmentos históricos da cidade.

Paralelamente a estes processos, o aparecimento de áreas expectantes pode estar relacionado com impedimentos físicos e ou ambientais, perda populacional, barreiras culturais, desarticulação e falta de plano urbano.

Tornando-se inevitável a procura por programas que reflectam o presente paradigma, visando a sua resolução e oportunidades, procurando estabelecer exemplos sustentáveis e dinâmicos para o meio urbano.

³ PORTAS, Nuno. *Cidades e Frentes de Água*. Edição FAUP. Porto. 1998. Pág. 12 e 13.



II. 1. (em baixo) e II. 2. (em baixo) Complexo Industrial da CUF, durante o século XX, na cidade do Barreiro, caracterizado como elemento marcante do seu desenvolvimento industrial, que se encontra actualmente ao abandono e descaracterizado.



A SUA RELAÇÃO COM A ÁREA EM ESTUDO

O processo de desindustrialização, sentido durante a segunda metade do século XX, levou ao encerramento de grande parte da actividade industrial em Portugal e a cidade ribeirinha do Barreiro não foi excepção.

Distinguindo-se pelo seu histórico desenvolvimento industrial, é, actualmente, marcada pela desocupação e declínio das suas grandes áreas de indústria, como grandes vazios expectantes e devolutos, contudo com uma enorme carga simbólica, onde permanecem as suas memórias.

Considerada como uma cidade portuária industrial, o Barreiro, teve a sua frente ribeirinha tomada por grandes infra-estruturas, à semelhança do que aconteceu em outras cidades europeias. A apropriação das suas margens deveu-se sobretudo às oportunidades que o plano de água oferecia relativamente a facilidade de escoamento de produtos e de fácil acesso a meios de transporte marítimo. Surgindo vários aterros, para o meio em que se inseriam crescer em direcção ao rio e consequentemente as suas indústrias poderem aumentar.

Posteriormente, a par da dissolução de muitas destas funções aqui presentes, a sua frente ribeirinha apresenta-se como um espaço desqualificado, à espera de intervenção, e como uma barreira física à fruição da ligação entre a cidade e o rio, que assume uma importância tremenda na construção da sua imagem.

A cidade do Barreiro é, então, caracterizada por uma paisagem industrial obsoleta e a sua malha compositiva apresenta uma grande heterogeneidade e dificuldade na

sua permeabilidade, apresentando uma grande mancha de áreas expectantes, ligadas à indústria moderna como artesanal, que constituem grandes barreiras físicas, aterros a céu aberto e descontinuidades no seu tecido urbano. Destacando a grande área onde se encontrava a antiga CUF, o troço de caminho-de-ferro desactivado e Alburrica, área de grande valor patrimonial e natural, sobre a qual o presente trabalho recai.

Estes locais representam uma grande oportunidade, para a reestruturação do espaço urbano da cidade, requalificando-a e projectando uma versão melhorada da sua imagem e paisagem, em proveito da sua população.

II. 3. Estado actual de parte das infra-estruturas industriais da cidade do Barreiro. Fotografia da autora. 2018.



2.2. Requalificação Urbana como estratégia de intervenção

Verificando a degradação da imagem e da qualidade dos meios urbanos, que vão surgindo ao longo do tempo, surgem a cada dia que passa intenções e processos que invertam essa mesma tendência. Deste modo, a requalificação urbana surge como mote de referência aos problemas verificados e como salvaguarda territorial.

(...) pelo menos desde os anos de 1960 que se tem vindo a ampliar o âmbito do conceito de reabilitação urbana para dar resposta às exigências da vida contemporânea, nomeadamente integrando as questões sociais, económicas, ambientais, culturais e de sustentabilidade, para além da conservação e manutenção do património arquitectónico. 4

O termo de Requalificação Urbana é um conceito relativamente recente no vocabulário urbanístico, mas que sempre representou as diversas acções associadas à intervenção no meio urbano. Está associado a outras nomenclaturas como regeneração, revitalização e reabilitação, que embora com definições diferenciadas, têm como propósito principal a melhoria e transformação do território urbano, por forma a visar a qualidade da imagem do território, do espaço e da sua população.

“A requalificação urbana é sobretudo um instrumento para a melhoria das condições de vida das populações, promovendo a construção e recuperação de equipamento e infra-estruturas e a

⁴ CALMEIRO, Margarida Relvão. *Seminário de Investigação em Arquitectura – Laboratório de Arquitectura 2016 / 2017 – Cidade e reabilitação urbana: entre o planeamento institucional e as acções de cidadania*. Edição da Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologias, Departamento de Arquitectura. 2016. Pág. 1.

*valorização do espaço público com medidas de dinamização social e económica. Procura a (re)introdução de qualidades urbanas, de acessibilidade ou centralidade a uma determinada área.*⁵

Assume um carácter mobilizador para com o território, procurando fomentar novos componentes urbanos, tais como a reestruturação de espaços desconectados e pouco qualificados, integrando novas estruturas edificadas, como serviços, equipamentos colectivos e espaços públicos conceituados.

*O conceito de requalificação urbana abrange as alterações, desenvolvidas de forma integrada, das características de uma área urbana que está em transição devido a um processo de declínio. Incluindo aspectos de carácter económico, social, ambiental e físico.*⁶

Deve ter em consideração o meio em que intervém, como as suas pré-existências, carências e costumes e valores da sua população, por forma a que a integração de novos paradigmas seja realizada de forma coesa e integrada. Salientando o património, físico e intangível, a cultura e dinâmicas sociais características de um determinado local, como mecanismos de estruturação de um lugar, devendo estes incorporar o processo de requalificação, como uma mais valia para a sua própria valorização.

⁵ MOURA, Dulce; GUERRA, Isabel; SEIXAS, João; FREITAS, Maria. *A Revitalização Urbana – Contributos para a Definição de um Conceito Operativo – Cidades, Comunidades e Territórios*, Nº 12 / 13. Edição ISCTE, Lisboa. 2006. Pág. 20.

⁶ MOREIRA, Graça. *Requalificação Urbana: Alguns conceitos básicos – Nº5*. ARTITEXTOS, Lisboa. 2007. Pág. 120.

MEMÓRIA E IDENTIDADE COMO REFERÊNCIA

O processo de requalificação urbana, como já foi referido, apresenta-se como uma temática bastante actual e estes processos devem ter em consideração a preservação das peculiaridades de cada território, por forma a que este processo valorize o lugar intervencionado. Para que tal aconteça é de salientar a importância de percepção do lugar em si: das suas características e identidade física e cultural: usos, vivências e memórias.

*A noção de Identidade é frequentemente invocada nos projectos urbanos, seja no desígnio de respeitar contextos e continuidades seja, pelo contrário, no de facilitar a adesão das populações à inovação, que tais projectos possam conter.*⁷

Segundo o autor Marc-Augé, na sua obra literária os 'Não Lugares', os lugares são estruturados segundo três dimensões: a sua história, as suas relações sociais e a sua identidade, compondo a estruturação da memória de um lugar.

Tendo como referência o território de Alburrica, aprofundado posteriormente no presente documento, que é uma área denotada com parâmetros simbólicos e patrimoniais, com uma grande carga histórica e identitária da cidade do Barreiro, torna-se relevante compreender o quanto a memória e identidade de um espaço

⁷ BRANDÃO, Pedro. *A identidade dos lugares e a sua representação colectiva – Bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público*. DGOTDU. 2008. Pág. 12.

devem ser tidas em conta, potencializando a valorização do mesmo no contexto de uma requalificação urbana.

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa, o termo identidade é definido como um *"conjunto de características, físicas e psicológicas, essenciais e distintivas de alguém, de um grupo social ou de alguma coisa"*, enquanto que memória é considerada como a *"faculdade pela qual o Homem conserva ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço"*, sendo está última, demarcada pelo indivíduo por aquilo que vê e percebe, correlacionando-se intrinsecamente estes dois conceitos.

A percepção da identidade faz parte da própria noção de identidade urbana – transmitida pela educação, pela comunicação – faculta o reconhecimento do carácter de um lugar, não tanto como sendo constante mas como sendo coerente consigo próprio. Individualmente, a identidade é percebida pelo sentimento de pertença, através de uma coerência entre narrativas e experiência pessoal (individual ou social) do lugar.⁸

O sentimento de pertença de um indivíduo face ao espaço físico que o envolve, é desenvolvido pela compreensão da sua cultura, da sua história, das duas formas, texturas, cores, odores, sons que determinado espaço proporciona, estabelecendo os seus próprios valores identitários.

⁸ BRANDÃO, Pedro. *A identidade dos lugares e a sua representação colectiva – Bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público*. DGOTDU. 2008. Pág. 14.

Contudo se a identidade for entendida como um processo de construção através daquilo que nos rodeia, será de supor que um grupo de pessoas que habitem uma determinada região, nos mesmo círculos sociais, tenham características comuns que servem de elo de ligação entre elas, como princípio de uma identidade colectiva. Conceito este defendido pelo autor e sociólogo Maurice Halbwachs, que afirma que a memória é sempre construída em grupo, embora seja sempre um trabalho individual e identitário: *"Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente."*⁹

Deste modo, podemos caracterizar a memória, enquanto representação e elemento agregador comum de uma comunidade, que assinala e fortalece o sentimento de pertença ou de identificação, a um determinado grupo e a um espaço físico e simbólico. A memória é o filtro comum pelo qual cada indivíduo de um determinado grupo vê e interage com a envolvente que representa um factor importante na concepção do meio urbano, que apela à memória como marca simbólica, histórica ou como experiência vivenciada.

Ampliando a tese de Halbwachs, gostaria de dizer que a própria cidade é a memória colectiva dos povos; e como a memória está ligada a factos e lugares, a cidade é o "locus" da memória colectiva. Essa relação entre

⁹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Colectiva*. Edição Vértice. São Paulo. 1990. Pág. 72.

*o “locus” e os cidadãos torna-se, pois, a imagem predominante, a arquitectura, a paisagem; e, como os factos fazem parte da memória, novos factos crescem juntos na cidade.(...) a memória colectiva torna-se a própria transformação que é sempre condicionada por aqueles dados materiais que se opõem a essa acção.*¹⁰

Podemos afirmar que esta não existe sem o lugar, e este representa um papel orientador e identificador do indivíduo, integrando parte da sua essência, do modo como este se relaciona e interioriza o ambiente que o envolve, como ressalta a Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, que a *“memória colectiva é atribuída frequentemente a própria identidade espacial – um lugar seria produto de uma sedimentação de vivências das quais a comunidade teria a memória, não podendo existir um (lugar), sem o outro (a memória).”*¹¹

Logo deve ser tida em conta a percepção perante o lugar, que é reforçada segundo o autor Norberg-Schulz, na sua obra literária *“Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, procurando ter em conta as propriedades de um lugar na concepção do mesmo. O autor enuncia ainda, que o *“Genius loci, que é um conceito romano, que de acordo com as crenças romanas qualquer ser ‘independente’ tem o seu ‘genius’, o seu espírito guardião. Este espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento até a morte, e determina o seu carácter ou essência.”*

¹² e tem por base a relação identitária do Homem com as qualidades e propriedades

¹⁰ ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Edição Cosmos. Lisboa. Pág. 198.

¹¹ BRANDÃO, Pedro. *A identidade dos lugares e a sua representação colectiva – Bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público*. DGOTDU. 2008. Pág. 14.

¹² NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Academy Editions, Londres. 1980. Pág. 18.

do lugar, sendo cada lugar único e com particularidades simbólicas que afirmam a sua identidade.

O modo mais coerente para a construção do Lugar parte do correcto entendimento do sítio como elemento morfológico com a sua própria história, cujas características fundamentais deverão ser exaltadas positivamente pela Arquitectura e não camufladas ou ignoradas. (...) (...) a sua concepção tem que partir de uma abordagem interpretativa do Lugar, tem que reconhecer os seus símbolos de identidade e proporcionar a interacção entre os seus utilizadores e os diferentes espaços de pertença individual ou social. ¹³

Desta forma, nenhuma intervenção deve nascer do vazio, mas sim partindo dos seus antecedentes, pois sem eles o espaço perderia o seu valor e sua identidade. Devendo ter em conta as suas condições particulares, desde a paisagem às condições morfológicas e geográficas do terreno com a adequação à envolvente natural, não esquecendo a sua identidade colectiva, que acaba por definir o carácter de um específico lugar pela sua apropriação e diferentes usos e hábitos culturais que lhe conferem identidade e memória e que fazem parte do seu património, como factores preponderantes à sua concepção e naquilo que o lugar representa, como conceitos fundamentais de intervenção no meio urbano.

¹³ PIRES, Amílcar Gil. *O Entendimento Poético do Lugar como um Pequeno Cosmos*. ARTITEXTOS, Lisboa. 2008. Pág. 4.



II. 4. Memórias e Costumes da população Barreirense – Aula de Natação em Alburrica, 1927 – Práticas de lazer e recreação de íntima relação e apropriação com plano de água que envolve a cidade, que fora despoletando uma série de actividades, ao longo dos tempos, até aos dias correntes.



II. 5. Memórias e Costumes da população Barreirense – Grupo de trabalhadores da CUF, 1940 – Representação da classe operária que demarcou o concelho, com os seus hábitos e lutas diárias, que desencadearam uma série de colectividades e associações, representativas da cultura barreirense.



II. 6. (à esquerda) e II. 7. (à direita) Memórias e Costumes da população Barreirense – Edição dos Jogos Juvenis do Barreiro, 1964 – Cultura e Desporto como traços fundamentais das suas vivências.

2.3. O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação

O acesso por parte do Homem a direitos cívicos, como: a educação, a saúde, o lazer, o desporto, a cultura, a segurança e protecção civil, despoletaram, ao longo da história civilizacional, o aparecimento de diversos programas de equipamentos colectivos, estrategicamente implementados no território, por forma a satisfazer as necessidades básicas da população, sendo tidos em conta como "*fundamentais à vivência das populações e à qualificação dos espaços urbanos*".¹⁴

Os equipamentos influenciaram, directa e indirectamente, o processo de desenvolvimento urbano das cidades, imprimindo áreas de interesse e de uso colectivo, público ou privado, com diversas finalidades, constituindo-se como elementos de formação da malha urbana.

*A distribuição equilibrada das funções de habitação, trabalho, cultura e lazer é um dos objectivos do território e do urbanismo, no qual se enquadram a programação, a criação e a manutenção de infra-estruturas, de equipamentos colectivos e de espaços verdes, tendo em conta as necessidades específicas das populações, as acessibilidades e a adequação da sua capacidade de utilização.*¹⁵

¹⁴ DGOTDU. *Normas para a Programação e Caracterização de Equipamentos Colectivos*. DGOTDU, Lisboa. 2002. Pág. 6.

¹⁵ DGOTDU. *Normas para a Programação e Caracterização de Equipamentos Colectivos*. DGOTDU, Lisboa. 2002. Pág. 6.

Os equipamentos assumem, desta forma, as mais variadas funções, com diversos objectivos, e são considerados como geradores de novos pólos centrais de atractividade, revitalizando o espaço urbano, como elementos de consolidação e amplificação das suas oportunidades.

Como refere o autor Aldo Rossi, na sua obra literária “A Architectura da Cidade”: *“são aqueles elementos capazes de acelerar o processo de urbanização de uma cidade e, referindo-os a um território mais vasto, são elementos caracterizadores dos processos de transformação espacial do território. Agindo frequentemente como catalisadores.”*

¹⁶

Actualmente, em determinadas áreas urbanas, como no caso da cidade do Barreiro, o território apresenta-se como uma estrutura descontínua e difusa, demarcada por áreas centrais mais densas em contraste com áreas diluídas e irregulares, normalmente em zonas mais periféricas.

De modo a contrariar esta mesma tendência e em mote de consolidação destas áreas expectantes, surgem estratégias de polarização e qualificação do território, que passam pela criação de novos complexos de uso colectivo, gerando novas centralidades, atraindo investimentos públicos e privados, que potencializam uma rede de urbanização das áreas adjacentes, bem como a qualificação do seu espaço público em redor. Evidenciando, a mais valia de estratégias de implementação de novos equipamentos enquanto elementos de requalificação do espaço.

¹⁶ ROSSI, Aldo. *A Architectura da Cidade*. Edição Cosmos, Lisboa. 2001. Pág. 116.

O seu papel estruturante enquanto elemento físico é evidente, imprescindíveis no ordenamento do território, porém possuem também uma enorme capacidade de criação de novas redes de interacção social.

Permitindo a participação activa da população e surgindo como pontos de referência, que se pretendem inseridos num sistema integrado com o desenvolvimento de espaços públicos de qualidade, como pretendido para a área em estudo, que assiste a uma emergência de estruturas sociais e culturais fragmentadas, onde a criação de equipamentos e estruturas de efeito polarizador para as comunidades e identidades locais é essencial.

(...) a falta de equipamentos que fomentem a interacção com este espaço faz dele um território de vertente natural parcialmente abandonado e só explorado pelos agentes privados ou por um grupo restrito de indivíduos.¹⁷

Desta forma, os equipamentos colectivos, permitem a promoção de qualidade de vida, favorecem a fixação populacional e coesão social, além de contribuírem para a dinamização e fomento de novas actividades, criando uma rede com um ambiente rico e diversificado.

¹⁷ OLEIRO DAS NEVES, Rodrigo Reis; FREIRE E VEIGA, Maria de Fátima Silva. *Workshop Estejo: Alburrica - Organização: Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa*. Universidade Lusíada Editora, Lisboa. 2013. Pág.19.



Síntese

Os vários processos urbanos e acontecimentos histórico-políticos, ao longo dos tempos, têm influenciado a estruturação dos meios urbanos, assim como o inverso, como com o aparecimento de várias áreas expectantes, que embora caracterizem o meio em que se inserem com uma imagem desqualificada, são vistos como lugares de oportunidade. Como tal, a sua requalificação enquanto estratégia é fundamental, à sua incorporação e fomento de criação de novas áreas urbanizadas.

Caracterizando a requalificação urbana como um conjunto de acções desenvolvidas de forma integrada para com o território e as suas especificidades, por forma a potencializa-lo e resolver problemas existentes, torna-se fundamental como componente de desenvolvimento da área em estudo. Permitindo a concepção de novas soluções, que impulsionem o fomento da sua vivência, de forma agradável e segura, dotada de novas funções, como um novo plano de referência.

Para tal, a memória e a identidade, devem ser consideradas como peças fundamentais de resolução do espaço, essenciais para a sua população, edificado e paisagem, para que as áreas a intervir não sejam descaracterizados e preservem o seu património material e imaterial, como elementos fundamentais do seu território.

Como suplemento, mas com um carácter fundamental, os equipamentos de utilização colectiva devem constituir, como elementos chave, o planeamento e ordenamento do território, que potencializam a estruturação do próprio espaço, bem como a socialização da sua população, procurando responder às suas necessidades.

I. 7. (à esquerda)
Ortofotomapa da cidade do Barreiro, adaptado pela autora, com identificação das principais áreas expectantes do território.

III. Caracterização da Área em Estudo

Manuel Teixeira Gomes (1860 – 1941)

Seara Nova (1928):

Chegámos ao Barreiro e embarcámos para a travessia do larguíssimo Tejo. Como é extraordinária e desusada, ali, a paisagem! À direita, a terra baixa e rasa, adianta-se, à flor de água, balizada pelos nossos cilindros dos moinhos de vento, tudo parodiando um canto de Dordrecht, na sua atmosfera luminosa húmida e perlada. Na margem esquerda, o vasto espelho de água quebrara-se de encontro aos alcantis de argila ruiva, que lhe tinge de vermelho a cristalina transparência; são altos cortes, a pique, abrindo em pequeninas enseadas e sustento um pinhal cerrado, que de longe parece cobrir inteiramente a terra de veludo. É o contraste de verde e púrpura da costa de Lingúria.

*Mas a grande, a esplêndida fantasia, que vai além desse arremedos de paisagem holandesa ou italiana, é Lisboa, ao fundo, ferida obliquamente pelo sol nascente, a galgar montes sem fim, entre penumbras levíssimas de névoa rosada, e faiscantes rutilâncias de oiro, levando a desordem do seu interminável casario, até perder de vista, quando já o fumo em que se esvai pousa nas longínquas esteiras da água luzente.*¹⁸

¹⁸ PAIS, Armando da Silva. *O BARREIRO ANTIGO E MODERNO – As outras terras do Concelho*. Edição da CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO. Câmara Municipal do Barreiro, 1963. Pág. 355.

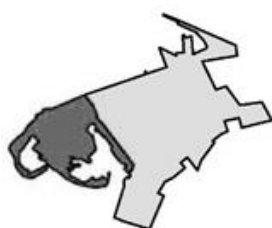
Nota Introdutória

Outrora lugar rural e piscatório, morada de engenhos moageiros, Alburrica e, consequentemente, a sua cidade sofreram várias transformações com a chegada da industrialização, que deixou marcas não apenas no território, bem como na sua população e costumes.

Alburrica transformou-se num lugar à margem, que sendo um lugar à margem assim à margem da cidade também o ficou. Contudo, veio a transformar-se num símbolo histórico, de génese de desenvolvimento desta cidade ribeirinha que é o Barreiro, num lugar onde permanece a nostalgia do passado. Carecendo de uma requalificação urbana, por falta de reestruturação e manutenção do seu território ao longo dos tempos, marcado por profundas mudanças económicas e culturais, mas que tem dado, actualmente, os seus primeiros passos à sua redescoberta, de interesse e desenvolvimento.

Desta forma, o presente capítulo procura realizar uma breve leitura e análise sobre o lugar, Alburrica, e a sua cidade, o Barreiro, de modo a permitir a concepção de uma proposta de requalificação da presente área em estudo de uma forma coerente e regrada, de encontro às suas necessidades e identidade, apresentada, posteriormente, no V capítulo do presente documento.

3.1. Enquadramento geral



III. 1. Esquema
compositivo de
localização da área de
intervenção (Portugal,
Setúbal, Barreiro,
Alburrica). Elaborado pela
autora. 2019.

Alburrica, topónimo árabe que deriva de *al-bariqâ*¹⁹, que significa brilho e esplendor, localiza-se no extremo ribeirinho noroeste da cidade do Barreiro, limitada a norte e a oeste pelo estuário do Tejo e a sul pelo seu afluente rio Coina.

A sua cidade, pertencente ao distrito de Setúbal, contudo parte integrante da Área Metropolitana de Lisboa e Região de Lisboa e Vale do Tejo e o seu concelho, com o mesmo nome, possui uma área de implantação de 36,41 Km², subdividindo-se em 4 freguesias: Palhais e Coina; Santo António da Charneca; Alto do Seixalinho, Santo André e Verdena; e por último, sobre a qual o estudo recai, Barreiro e Lavradio.

A sua ocupação remonta aos primórdios da civilização até aos dias de hoje, com um enorme interesse histórico para a cidade, encontrando-se classificada com um conjunto patrimonial de grande importância.

Caracterizada como uma zona limite de transição e de encontro entre a cidade e o plano de água, com uma íntima relação entre o rio, o Homem e a cidade, formando uma península. A partir das suas margens nos permite um avistamento sobre vários trechos emblemáticos da sua envolvente: desde as duas travessias sobre o rio, as pontes 25 de Abril e Vasco da Gama; o Seixal, concelho vizinho, separado pelo rio Coina; passando pela cidade de Almada e o seu emblemático Cristo Rei; até vários recortes ilustres da capital, que é demarcada pelas suas colinas, destacando-se o Terreiro do Paço como elemento de referência à outra margem de Alburrica.

¹⁹ Segundo José Pedro Machado no dicionário de Vocabulário Português de origem Árabe, 1991.

Na Idade Média terá sido aproveitada como área de salinas e, posteriormente, as suas características distintas proporcionaram a implantação de diversas estruturas edificadas: desde engenhos moageiros, hidráulicos e eólicos, como indústria primitiva de carácter artesanal; aos primeiros cais de atracagem; estaleiros navais; à Quinta Braamcamp e a sua indústria corticeira.

Segundo a Câmara Municipal do Barreiro, encontra-se classificada pelo Plano Director Municipal como *“espaço verde de recreio e lazer, de protecção e enquadramento (UOPG Nº 1)”* e é considerada como *“uma zona de grande interesse patrimonial e paisagístico na qual deve ser mantida e valorizada a estrutura natural existente. Esta classificação é reforçada pelo reconhecimento nacional da sua singularidade e sensibilidade, estando abrangida pelo regime de Reserva Ecológica Nacional”*²⁰.

Como um lugar testemunho de inúmeras vivências, associadas ao rio, e actualmente a viver uma situação de obsolescência, continua a ser um lugar vivido e procurado pela população, que reconhece o seu valor. Foi local das primeiras concentrações humanas do território e é hoje considerada como uma área expectante de excepção do concelho, com características únicas e paisagísticas, de grande interesse como alvo de requalificação urbana.

²⁰ CAMARÃ MUNICIPAL DO BARREIRO. *Programa de Acção REPARA – Candidatura para a Regeneração Programada da Área Ribeirinha de Alburrica*. Câmara Municipal do Barreiro, Departamento de Planeamento e Gestão Urbana, Projecto Municipal para Acções e Projectos Estratégicos. 2009. Pág. 11.

3.2. Acessibilidades e mobilidade

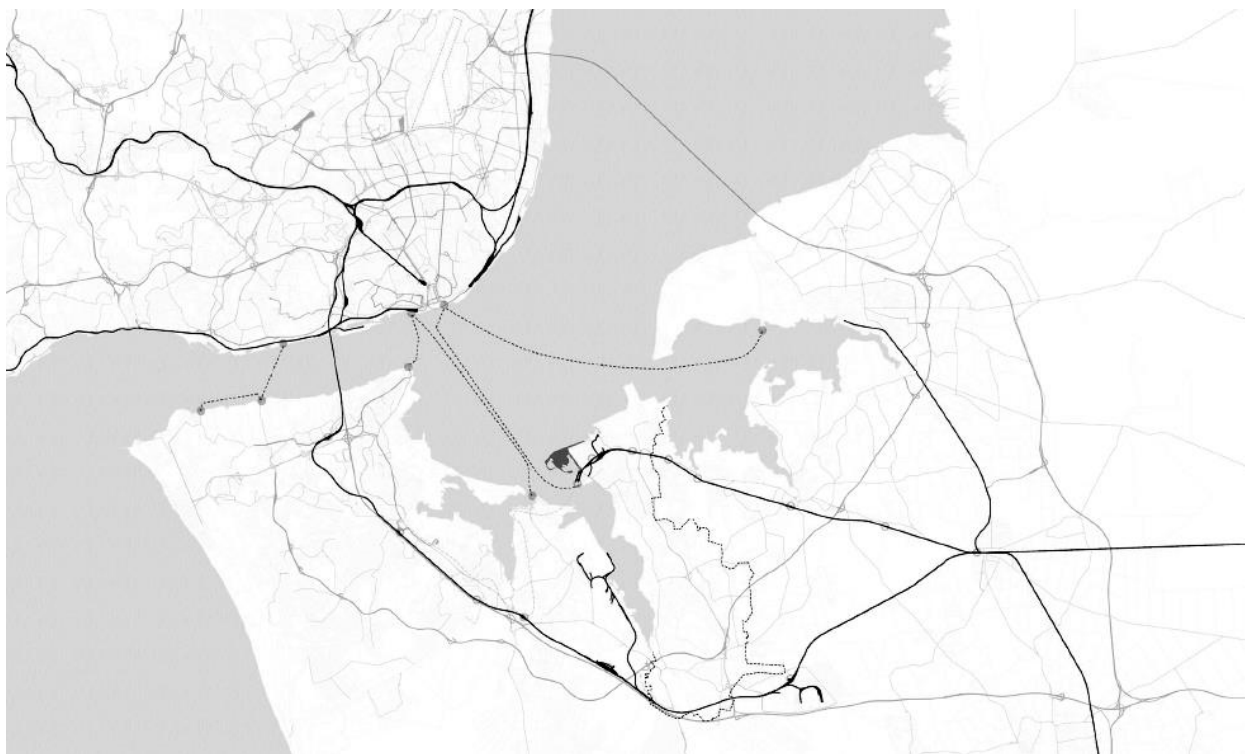
*A vila do Barreiro está situada a cerca de 7000 metros dos cais marítimos de Lisboa, gozando assim de uma situação privilegiada, que lhe permitirá conquistar vastos terrenos ao rio, facilmente acostáveis, com vista ao seu maior desenvolvimento, particularmente no aspecto industrial, já hoje tão notável. Tem ligação com Lisboa, por carreiras fluviais, efectuadas, modernamente, por barcos a vapor, que fazem a travessia no período de 30 a 35 minutos.*²¹

Com uma posição estratégica, face à sua envolvente, a cidade do Barreiro, encontra-se na zona da Estremadura da Área Metropolitana de Lisboa, enquadrada entre as duas travessias sobre o Tejo, e a cerca de 35km da cidade de Setúbal, capital do distrito em que esta se insere.

Permite o seu acesso desde meios rodoviário, ferroviários, como fluviais, contando com uma rede de transportes interna, com um grande suporte de terminais ferroviários e rodoviários.

Destaca-se a estação do terminal rodo-ferro-fluvial do Barreiro, junto a Alburrica, como ponto central de fluxos, que num só ponto da cidade incorpora todas as ligações possíveis a cidade como ao seu território envolvente.

²¹ PAIS, Armando da Silva. *O BARREIRO ANTIGO E MODERNO – As outras terras do Concelho*. Câmara Municipal do Barreiro. 1963. Pág. 27.



III. 2. Mapa de Acessibilidades circundante à Área de Intervenção. Elaborado pela autora. 2019.

III. 3. Estação do terminal rodo-ferro-fluvial do Barreiro, vista a partir de Alburrica. Fotografia da autora, Alburrica, 2018.

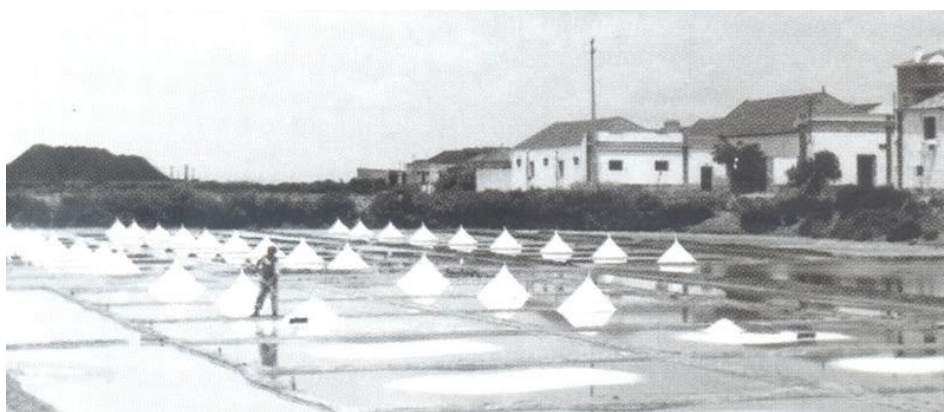
3.3. Breve contextualização histórica

A composição histórica da cidade do Barreiro é bastante rica e variada, tendo sido erguida ao longo de vários séculos que são ainda essenciais para a sua caracterização, tal e qual como é hoje.

De génese ribeirinha como uma aldeia piscatória e agrícola, a cidade foi crescendo até ter esse mesmo estatuto, adquirindo importância ao longo dos séculos, com o seu desenvolvimento industrial indissociável ao seu maior crescimento, que deixou variadíssimas marcas pelo território.

Num primeiro momento, durante o período do século XVIII, o aparecimento de indústrias artesanais, tradicionais e manufactureiras caracterizavam o território. Estas que eram, primeiramente e maioritariamente, para consumo próprio e, foram evoluindo para mercados externos nos arredores do território, para o fornecimento de bens e produtos necessários, a par do aumento populacional da época, tanto local como das áreas próximas, como a capital. Foram surgindo de modo disperso, em ambientes rurais, como em Alburrica, tirando proveito dos recursos naturais existentes e os registos deste tipo de indústria reflectiam-se ao nível de actividades moageiras, náuticas e de quintas de produção de sal.

Até então, a sua imagem mantinha uma essência rural, com quintas de lavoura com produção de fruto, vinhas, hortas, pinhais, entre outras, que foram sendo pontuadas com engenhos moageiros, com intensificação de produção de cereais, que foram dominando as margens do rio.



III. 4. Cartografia dos primeiros assentamentos populacionais no Concelho do Barreiro.

III. 5. Actividades primárias do território – Actividade de salicultura, com registos desde o século XIV até ao século XX.



III. 6. Actividades primárias do território – As vinhas da margem sul do Tejo. Na primeira metade do século XIX, mais de um terço do solo do Concelho do Barreiro era cultivado e na sua maioria com vinhas.

Por consequência ao aumento populacional que se fez sentir à época e em virtude à proximidade da capital, os paradigmas até então registados começaram a ser alterados. Com necessidades de produção cada vez maiores e a sua estratégica localização geográfica, o território começara a sofrer alterações.

Com a chegada dos primeiros troços de caminho-de-ferro, a partir de 1861, com intuito de escoar os seus produtos e receber matérias primas, o panorama rural, piscatório e proto-industrial é profusamente alterado. Passando a ser definido por complexos fumegantes, bairros operários e grandes aterros que alteraram a sua estrutura territorial, social, cultural e económica.

Durante os séculos seguintes, XIX e XX, o concelho demarcou-se pelos seus complexos industriais e infra-estruturas de transporte. Foram-se fixando as primeiras oficinas de caminho-de-ferro, passando pela indústria corticeira, que fora uma das primeiras a instalar-se, até a chegada das indústrias consideradas mais pesadas como a indústria química.

Neste contexto, ergueu-se o grande complexo fabril, com maior importância no território, a Companhia União Fabril, conhecida como CUF, urbanizando uma grande parte do território, com incidência nas suas margens ribeirinhas. Atraindo mão-de-obra de todo o território português a população sofreu um aumento considerável.

Surgiram em abundância vários bairros operários, que passaram rapidamente de vilas operárias a uma cidade industrializada, devido ao contínuo e exponencial aumento deste sector. Caracterizando o Barreiro como uma vila industrial e operária à época, tornando-se cidade em 1984 com o maior número de habitantes de sempre registado.



III. 7. Paisagem industrial fumegante, caracterizadora da cidade do Barreiro em meados do Século XX.



III. 8. Vista a partir de Alburrica, do Clube Naval Barreirense, sobre a marginal norte ribeirinha do Concelho do Barreiro, demarcada pelos aterros e assentamentos industriais, Século XX.



III. 9. Enquadramento aéreo sobre o complexo de Alburrica, o terminal ferro-fluvial e o seu complexo fumegante da indústria operativa durante o século XX.

Estas alterações vieram transformar a até então imagem característica de génese de desenvolvimento do território, numa imagem maioritariamente fabril, que em simultâneo contribuía para a destruição e poluição da fauna e flora locais, como também para a diminuição de condições sociais, em circunstâncias obsoletas e pouco higiénicas, com falta de infra-estruturas de saneamento básico.

Factores como estes contribuíram para a poluição das águas, solos e do ar, assim como a proliferação de epidemias e doenças. Contudo, nos dias correntes, estas marcas territoriais da indústria fazem parte integrante do património edificado do concelho e demarcam uma época e as memórias de uma população.

A partir da segunda metade do século XVI, com o declínio da estrutura industrial que se fez sentir a época, marcado pela desfragmentação e desactivação de complexos fabris, o concelho do Barreiro não fugiu ao embalo, devido à crise económica e petrolífera de cerca da década de 70. Este efeito repercutiu-se em muitos espaços ao abandono e áreas expectantes, repletas de infra-estruturas em desuso, que marcam de alguma forma a imagem da cidade nos dias actuais.

Tornou-se numa cidade dormitório e terciária, acentuada pela fraca dinâmica económica interna, pela degradação e ruína do seu património edificado histórico e industrial, pela segregação de várias áreas da cidade e pela consequente deterioração da imagem da cidade. Que, actualmente, por parte de vários esforços da Câmara Municipal do Barreiro e vários grupos associativos procura dar resposta a alguns problemas do território, tendo como problemática a requalificação da sua cidade, impulsionando novas vivências do espaço e fomentando a sua atractividade a novas fixações populacionais no seu território.



III. 10. Abandono das infra-estruturas da actividade industrial na cidade do Barreiro. Fotografia da autora, 2018.



III. 11. Aterros industriais desactivados na marginal norte ribeirinha do Concelho do Barreiro. Fotografia da autora, 2018.



III. 12. Enquadramento da área de intervenção expectante em Alburrica. Vazio urbano deixado pelo desmantelamento da indústria aqui presente. Fotografia da autora, 2018.

3.4. Breve caracterização populacional

DESENVOLVIMENTO POPULACIONAL

A cidade ribeirinha do Barreiro, contou com uma evolução populacional ascendente ao longo dos vários séculos, todavia, este cenário inverteu-se, registando uma quebra populacional, vivenciada até aos dias correntes. Em 1981, o Barreiro atingira o seu maior registo, com 88.052 habitantes e desde então os números foram decrescendo.

Segundo dados do INE (Instituto Nacional de Estatística) os últimos dados registados, datados de 2011, o concelho do Barreiro regista 78.764 habitantes, vindo a decrescer face a 2001, com cerca de menos 248 habitantes e, ainda, a sua distribuição não é proporcionalmente, sendo maior nas periferias à freguesia do Barreiro.

A estrutura etária indica, actualmente, um envelhecimento demográfico, que se faz acompanhar pelo decréscimo populacional, esta que ocorre de forma generalizada por todo o país, não apenas no caso do concelho do Barreiro, que indica, também, um aumento no seu índice de longevidade. Entre os anos de 2001 e 2011, a população com mais de 67 anos de idade fora o grupo etário que registou maior percentagem de crescimento, representando 23,9% da sua população. Paralelamente, o grupo etário mais jovem, entre os 0 e os 14 anos de idade, apesar de não acompanhar o primeiro grupo referido, padecera também de um aumento, apenas não tão

acentuado. Contudo, o grupo etário dominante situa-se na faixa dos 25 aos 64 anos, representado a maioria da percentagem da população.

Este cenário circunscreve-se perante as já enunciadas vivências actuais da cidade, que influenciam directamente a sua população e perante esta análise, aquando de uma intervenção programada de requalificação desta cidade, deve ser pensado num programa geral que não seja apenas destinado à sua população local. Pelo contrário, o novo programa proposto deverá proporcionar dinamismo que atraia população, que regenere esta zona e que devolva, de forma simbólica, esta cidade à população, reabilitando-a e preservando a sua memória no futuro.

VIDA CULTURA E SEUS COSTUMES

A população barreirense é caracterizada pelas suas fortes tradições, memórias, vida política, e vivências cooperativas e associativas, que fazem os costumes desta população muito enriquecidos nas suas várias vertentes.

O associativismo, foi um fenómeno social de grande impacto junto da população, que marcou de forma activa a vida e cultura barreirense, até aos dias de hoje, e daí a sua importância na caracterização desta população. Com a implosão do desenvolvimento industrial, surgiram também diversas colectividades que contribuíram para um cenário impactante crescente.

Como uma vila industrial, durante mais de um século, o concelho do Barreiro, contava com uma população significativa, de operários, ferroviários e corticeiros, oriundos de

várias regiões do país, que pela sua necessidade de integração e das suas famílias na vida local e pelas tensões sociais que se iam fazendo sentir, foram surgindo um leque de associações.

*(...) associações mutualistas e de socorros, colectividades, cooperativas, sociedades recreativas, grupos desportivos, bandas filarmónicas, orquestras, grupos teatrais e outras, mais de carácter reivindicativo como as associações de classe e os sindicatos, que imprimiram à vida no Barreiro uma riqueza social e cultural ímpar.*²²

Constituíam núcleos de fomento e dinamização social e cultural, que intercediam a vários níveis. Promoviam a instrução dos seus associados, como a ler e a escrever; proporcionavam convívios sociais, de recreio e lazer, como matinés, espectáculos, eventos desportivos ou até mesmo exposições; e deu ainda expressão a manifestações de resistência política, aquando da ditadura e ao Estado Novo sediados nestas associações.

Projectando uma imagem dinâmica e positiva do concelho, as colectividades foram verdadeiras dinamizadoras da vida social no Barreiro e são depositárias de um património intangível, constituído por muitas vontades, horas e horas de dedicação e esforço voluntário, além de um significativo património edificado, constituído pelas suas sedes sociais. Enraizado e bem vivo na cultura local, o Movimento Associativo Popular é merecedor da dimensão social que hoje se lhe conhece.

²² ESPAÇO MEMÓRIA, Câmara Municipal do Barreiro.

<http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/espaco-memoria/rota-do-trabalho-e-da-industria/industrializacao-e-associativismo.html>



III. 13. (à esquerda) Memórias e Costumes da população Barreirense – Grupo de Orquestra Penincheiro de Jazz. 1955.

III. 14. (à direita) Memórias e Costumes da população Barreirense – Grupo de Orquestra dos Bombeiros do Barreiro. 1904.



III. 15. Memórias e Costumes da população Barreirense – Grupo desportivo de prática de Remo, afiliado ao Clube Naval Barreirense. 1928.



III. 16. Memórias e Costumes da população Barreirense – Clube de Futebol Barreirenses, Associação Colectiva que perdura até aos dias de hoje.

De entre as muitas memórias barreirenses, a proximidade ao Tejo, é outro grande mote de referência desta população, ora não fosse este um dos motores de génese de desenvolvimento da cidade, que pelo seu potencial atractivo o tornou num local privilegiado e palco de muitas actividades, algumas que perduram até aos dias de hoje, como a pesca, a apanha de mexilhão, actividades náuticas e navegação de recreio. Temática esta que confere uma imagem muito própria a área em estudo, com uma grande relevância a nível desportivo e sociocultural, observando por todo o seu território, actualmente, a dinamização destas actividades, que incorporam enraizadamente os costumes e tradições da sua população.

*Ainda no Barreiro há uns tantos pescadores que vivem duma faina curiosa, a apanha do peixe, que fica impossibilitado de fugir, quando a maré vasa (...). Uns utilizam redes e estacas para o cerco da certa área que fica a descoberto na baixa-mar; outros, sem quaisquer redes ou apetrechos, metem-se ao lodo, apenas munidos de baldes ou sacos, e apanham os «cativos», que por ali ficaram, assim como diversos moluscos.*²³

Assim sendo, o Barreiro é conhecido como a cidade das colectividades recreativas, das organizações culturais, das colectividades desportivas, das organizações sindicais e patronais, das instituições humanitárias e das suas actividades ribeirinhas, conferindo-lhe uma cultura muito própria e que é sentida por parte de quem a visita e que deve ser preservada e reforçada, procurando através de novos programas colectivos, a implementar no território, ir ao encontro desta sua identidade.

²³ PAIS, Armando da Silva. *O BARREIRO ANTIGO E MODERNO – As outras terras do Concelho*. Câmara Municipal do Barreiro. 1963. Pág. 135.



III. 17. Memórias e Costumes da população Barreirense – Banhistas na praia em Alburrica. 1978.



III. 18. Memórias e Costumes da população Barreirense – Prova de natação dos Jogos Juvenis do Barreiro, com partida de um moinho de maré em Alburrica.



III. 19. Memórias e Costumes da população Barreirense – Actividade piscatória nas margens ribeirinhas do Barreiro, com seu pano de fundo fumegante industrial.

3.5. Estrutura Compositiva do Lugar

Alburrica considerada como uma estrutura peninsular, evidencia uma estrutura natural com várias lagoas (caldeiras), pequenas praias fluviais e estruturas vegetais de relevância. Porém, a par do seu valor natural, incorpora uma grande carga patrimonial edificada de génese de desenvolvimento da cidade, de grande relevância para a sua estrutura compositiva.

Inicialmente uma zona piscatória e de salinas, denunciada pelas várias construções de habitações, armazéns de apoio e cais de embarque de que há registo e, posteriormente, tornou-se numa área vocacionada à moagem de cereais, proto-indústria, com a implantação de estruturas edificadas com esse propósito, como os moinhos de maré e de vento.

A construção naval fora aqui outra actividade desenvolvida com registos de estaleiros navais até meados do século XX. A par deste enquadramento era também neste território ribeirinho da cidade que se localizava o primeiro cais de embarque do Barreiro, que posteriormente passou para o local onde se encontra actualmente, impulsionado pela proximidade à estação ferroviária.

Com a inauguração do primeiro troço ferroviário, a partir de 1861, mote de génese à industrialização da vila, Alburrica passou para um plano de esquecimento. A indústria mais pesada assumiu uma posição de importância e as indústrias mais artesanais ficaram em segundo plano. Contudo foi em Alburrica que se se instalou uma destas indústrias, mas sem um peso menor como as restantes existentes, a Sociedade

Nacional de Cortiça, pertencente a Quinta Braamcamp, uma quinta de origem rural, que actualmente se encontra em ruínas e a sua fábrica de cortiça desmantelada.

Paralelamente a este tipo de edificado moageiro e à Quinta Braamcamp, outras estruturas edificadas compõem o seu território, embora que de forma muito dispersa e de uso pouco diverso: uma instituição de ensino, a Escola Secundária Alfredo Silva; uma colectividade associativa, o Clube Naval Barreirense, com zona de restauração;; uma cafetaria denominada de o Bar do Bento e, também, pequenos abrigos precários de pescadores.

Na generalidade, o seu património edificado, apresenta, actualmente, um mau estado de conservação assim como a sua estrutura natural pouco cuidada e ao abandono. A pouca diversidade do tipo de actividades aqui existentes e a especificidade dos grupos etários a que se destinam, contribui para um usufruto pouco dinâmico desta área. Associado ao facto deste local da cidade ainda não estar convenientemente cuidado, contribui para se tornar inibidor de um usufruto de qualidade.

Os seus percursos também não se encontram devidamente qualificados e existem quebras de circulação, quer automóvel, quer pedonal. Contudo, já fora realizada uma intervenção de percursos em passadiços sobre o rio, que permitem uma nova permeabilidade do território, mas que não é de todo suficiente.

Alburrica, caracterizada, hoje em dia, como tendo uma extrema relevância simbólica, constitui um valor patrimonial, ambiental e de identidade inegável, caracterizada pelos mais variadíssimos elementos testemunhais e caracterizadoras do lugar.

III. 20. Ortofotomapa com identificação da estrutura compositiva de Alburrica: Produzido pela autora, 2019.

A presença de vários usos e actividades e a sua estrutura morfológica, é sem dúvida um reflexo da formação da comunidade e dinâmicas sociais da população, que importam serem referidos, de seguida, para uma melhor compreensão e leitura deste território e a importância que este tem para a formação da identidade local.



1. Moinho de vento do Jim | 2. Igreja de Nossa Senhora do Rosário | 3. Escola Secundária Alfredo Silva | 4. Moinho de maré Pequeno | 5. Moinho de maré Grande | 6. Moinho de maré do Cabo | 7. Moinhos de vento | 8. Quinta Braamcamp | 9. Moinho de maré Braamcamp | 10. Ponta do Mexilhoeiro | 11. Habitações e armazéns de pescadores | 12. Área da antiga fábrica da Sociedade Nacional Corticeira | 13. Clube Naval Barreirense

[Os moinhos de maré e de vento]

Os moinhos de maré e de vento, presentes em Alburrica, representam um testemunho significativo de uma actividade abrangente ao concelho, que se desenvolverá ao longo de séculos. Firmam as iniciais construções de maior relevo no território e representam parte do património moageiro, em solo português, da época proto-industrial.

*(...) este património de pedra, paisagístico e intimista, carrega uma história desvendada em memórias (...) são parte significativa da nossa memória social e cultural, são suporte da nossa vida, da nossa identidade e estímulo para o futuro.*²⁴

Considerados como o *ex-libris* de Alburrica, como representação simbólica do lugar, conferem um enquadramento cénico, cultural, histórico e patrimonial de grande valor e especificidade, que devem ser preservados e enaltecidos, como testemunho identitário da cidade do Barreiro.

As condições morfológicas, costeiras e meteorológicas de excepção em Alburrica foram o motivo principal das suas manifestações neste território, para além de possuírem fácil acesso local tanto por terra como por água.

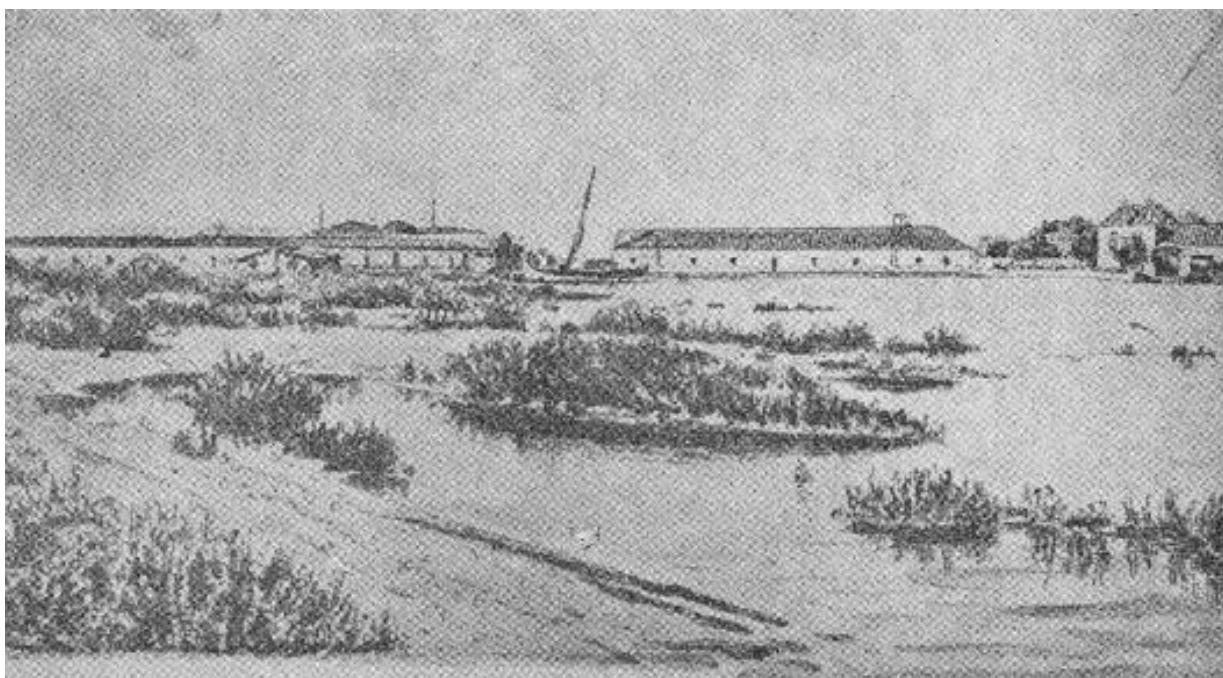
²⁴ MARINA, Carla. QUARESMA, Maria João. *REVISTA FUNDIÇÃO – ASSOCIAÇÃO BARREIRO PATRIMÓNIO MEMÓRIA E FUTURO*. Revista não periódica da Associação Barreiro Património Memória e Futuro. N.º 1. Associação Barreiro Património Memória e Futuro. 2012. Pág. 21.

Relativamente, aos moinhos de maré estes reuniam aqui as suas condições de funcionamento, em margens alagadiças e esteiros, uma vez que utilizavam o diferencial do nível de água das marés geradas nas respectivas caldeiras, que colocavam os seus mecanismos de moagem em acção. Caldeiras estas que foram reconversões de antigas caldeiras de salinas, que pela sua anterior existência favoreceram o aparecimento deste tipo de actividade especificamente neste no lugar.

Em oposição, os moinhos de vento que normalmente são observados em zonas mais altas, como montes e serras, caso que não é o da cidade com uma morfologia plana, foram aqui colocados estrategicamente em zonas de fácil penetração de vento, potencializadas pela localização de excepção que providenciava este mesmo efeito.

III. 21. Gravura do Moinho de Maré Braamcamp, em Alburrica, 1898.

O seu edificado é, assim, de uma forma peculiar e única e por este motivo a paisagem que Alburrica detém é considerada como uma lugar emblemático.



*É fácil estabelecermos com os moinhos de vento e de maré uma relação imediata de carácter emocional. A sua beleza, simbolismo e a relação que estabelecem com elementos vitais como o vento e a água inscrevem em nós, de forma natural, um imaginário de sonhos.*²⁵

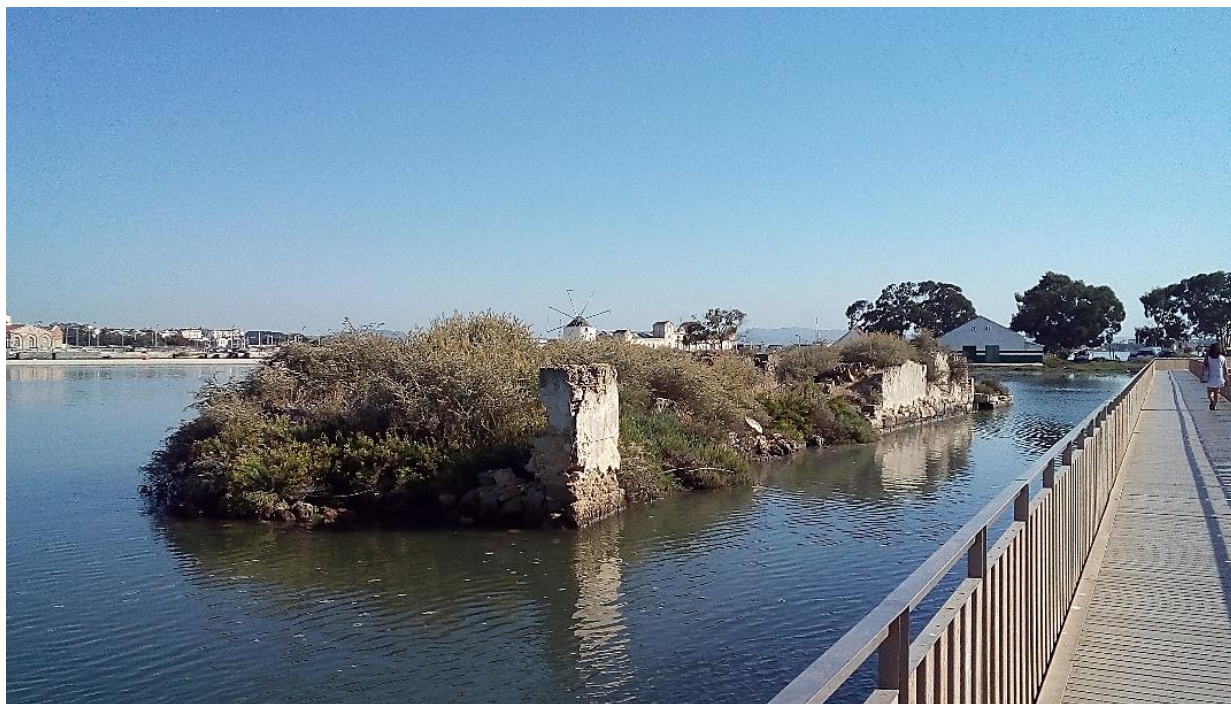
O aparecimento deste tipo de moinhos de água na região, deveu-se essencialmente ao aparecimento de impulsionadores económico, de produção alimentar.

Em Alburrica existem quatro destes exemplares, juntamente com as suas caldeiras: o moinho do Cabo e o moinho de maré Grande, pertencentes ao século XVII; o moinho de maré Pequeno e o moinho de maré Braamcamp, ambos do século XVIII.



III. 22. Estado actual do Moinho de Maré Braamcamp. Fotografia da autora, Alburrica, 2018.

²⁵ MARINA, Carla. QUARESMA, Maria João. *REVISTA FUNDIÇÃO*. Revista não periódica da Associação Barreiro Património Memória e Futuro. N.º 1. Editor: Associação Barreiro Património Memória e Futuro. 2012. Pág. 21.



III. 23. Estado actual do
Moinho do Cabo.
Fotografia da autora,
Alburrica, 2018.



III. 25. Estado actual do
Moinho do Cabo, em
obras de requalificação.
Fotografia da autora,
Alburrica, 2018.

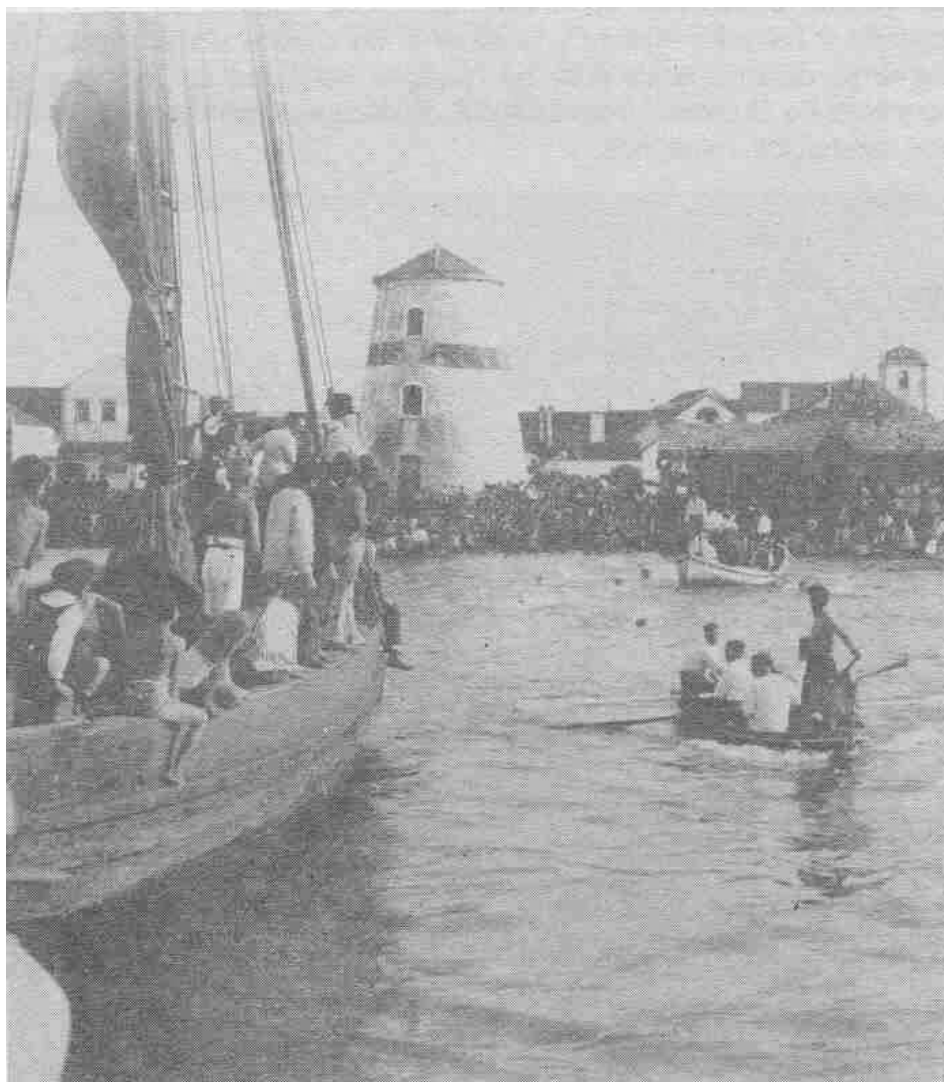
Todavia, existia carência de mais infra-estruturas do género, porém a implantação de novos moinhos de maré requeria locais com características particulares, dando origem ao aparecimento de moinhos de vento para suprimirem esta necessidade.

Marcado por este carácter inovador, pela sua peculiaridade em zonas planas, surge, em 1818, o primeiro moinho de vento, o moinho Gigante do Barão do Sobral, intrínseca à propriedade da Quinta Braamcamp, do qual já não existe registo devido a um incêndio das operações laborais da Sociedade Nacional Corticeira. Posteriormente, surgem outros quatro moinhos, que ainda caracterizam o lugar: o moinho do Gim, datado de 1827, localizado no extremo poente da Avenida Bento Gonçalves; o moinho Gigante, de 1852, no extremo sul do complexo lagunar; e nesse mesmo ano surgem outros dois moinhos, mais pequenos, adjacentes a esta mesma área, o moinho Poente e Nascente.

Os moinhos de vento ao contrário dos de maré apresentam um estado razoável de conservação, devido às intervenções de reabilitação por parte das entidades camarárias já sofridas, com vista à preservação deste património edificado, contudo existe essa mesma intenção para com os moinhos de maré.



III. 26. (em cima) e III. 27.
(em baixo) Vivências na
praia norte de Alburrica,
em 1929, junto ao
designado Moinho do
Gim.



III. 25. (à esquerda)
Enquadramento dos três
moinhos de vento: o
Gigante, o Poente e o
Nascente, da esquerda
para a direita,
respectivamente. Com o
emblemático Cristo Rei
como pano de Fundo.
Fotografia da autora,
Alburrica, 2018.



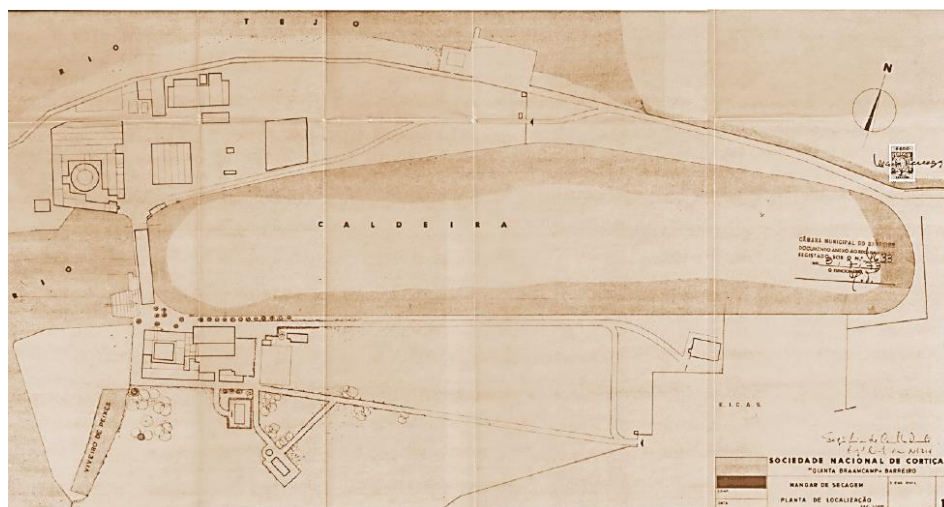
[A Quinta Braamcamp]

A Quinta Braamcamp, como é hoje conhecida, representa um relevante marco na margem ribeirinha de Alburrica, não só pela sua presença física, mas pelo seu carácter histórico e simbólico. De carácter rural em pleno contexto urbano, foi um lugar que albergara, ao longo de vários séculos, uma panóplia de actividades e vivências distintas: de veraneio e residências; rurais e agrícolas; fluviais e piscatórias; moageiras e industriais.

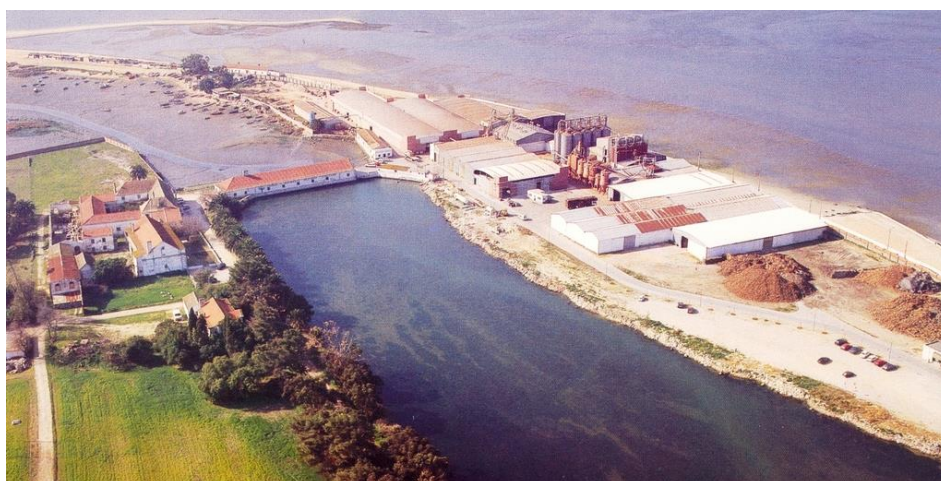
As suas primeiras referências surgem no século XVIII, pelo seu proprietário à data, Vasco Lourenço Veloso, a reedificar o já referido moinho de maré Braamcamp, que sofrerá com o terramoto de 1755, de origem medieval e pertencente à quinta, que ainda não possuía este mesmo nome. Posteriormente, a quinta fora passando de mão-em-mão, entre vários proprietários até, actualmente, ser propriedade da Câmara Municipal do Barreiro.

Com um extenso terreno agrícola, servido por uma plantação de amoreiras, a quinta foi inicialmente, pela família Braamcamp, um local de produção e criação de bichinhos-da-seda, para a produção de sedas para tecidos. Posteriormente, com interesse pela produção de cereais em grande escala e no fornecimento de farinhas à capital, conferiu à propriedade um desenvolvimento de actividades e um conjunto de alterações de amplificação, como a edificação e ampliação de habitações, a construção de um maior número de armazéns e o aumento do moinho de maré de sete para dez moendas e a construção de um moinho de vento, do qual já não existe vestígio, o moinho Gigante do Barão do Sobral.

III. 28. Planta de Implantação da Quinta Braamcamp, Séc. XIX.



III. 29. (em cima) e III. 30. (em baixo) Fotografias áreas da evolução da Quinta e sua respectiva indústria, Séc. XX e XXI, respectivamente.



Anos mais tarde é comprada pela família Reynolds e transformada numa unidade operativa industrial de cortiça. Em 1897, a Sociedade Nacional de Cortiças, aqui edificada, dá início a uma era de produção de rolhas e derivados de cortiças. Esta que, operou no território até 2009 e com o seu encerramento, por insolvência, a propriedade de 21 hectares ficou à guarda do Millennium BCP, até se tornar propriedade da Câmara Municipal do Barreiro em 2015.

Actualmente, a quinta encontra-se em estado de ruína, devido ao grave incêndio que a propriedade sofreu em 2011. Constituindo uma área expectante na cidade e uma barreira física ao território. Restando apenas as suas memórias e ruínas a espera de serem devolvidas a sua população.

*As nossas memórias são de um local muito privilegiado, à beira rio, junto à ponta do Mexilhoeiro. Todas os Reynolds que moravam na Quinta durante os anos 30, 40, 50 e 60, beneficiaram de uma vida tranquila, desportiva e saudável, numa bela Quinta que era um verdadeiro paraíso para os mais jovens e inesquecível para todos. Tínhamos praia, piscina, campo de ténis, barcos de remo e de vela, escapadas de pesca e caça, sempre com o pano de fundo da sirene da nossa fábrica de cortiça e o constante vai e vem das fragatas que transportavam a cortiça das herdades e ‘dehesas’, já devidamente tratada e enfardada, para as docas de Lisboa e dali para os cantos do mundo.*²⁶

²⁶ REYNOLDS, Martin; REYNOLDS, Janet. Citação por Fernando Motta in *Guia Documental da Casa Reynolds / Sociedade Nacional de Cortiças*. Editor: Câmara Municipal do Barreiro: Espaço Memória – Arquivo Municipal. 2015. Pág. 2.

III. 31. Estado actual do Moinho de maré Braamcamp pertencente à Quinta Braamcamp e sua respectiva Sociedade Nacional Corticeira. Fotografia da autora. 2018.



III. 32. (à direita) e III. 33. (em baixo) Estado actual em ruínas da Quinta Braamcamp. Fotografia da autora. 2018.



[Os primeiros cais e os primeiros estaleiros navais]

Alburrica foi, durante alguns séculos, porta marítima do território. Por aqui chegaram e partiram mercadorias e passageiros, sem esquecer o incontável desfile de embarcações que por aqui passou, muitas que aqui nasceram e partiram Tejo fora.

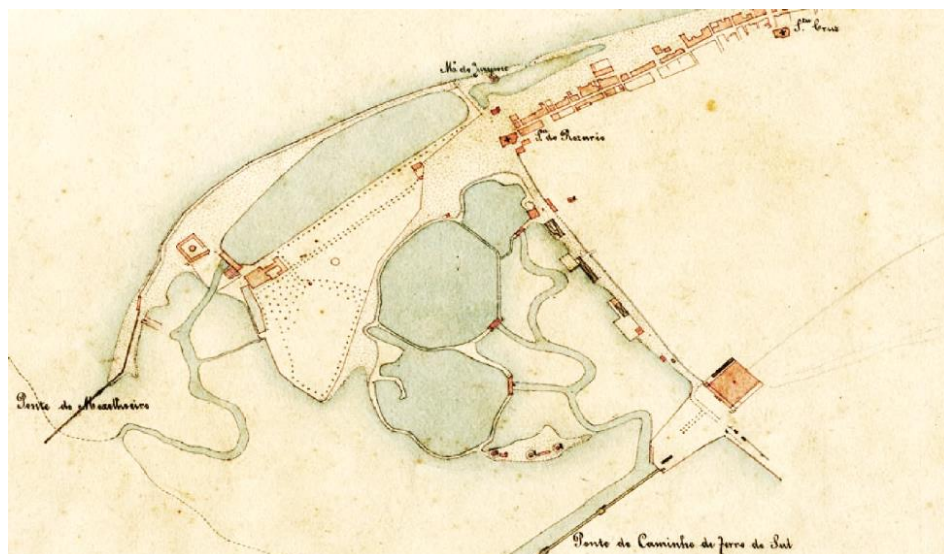
(...) a vila foi primitivamente servida, no tráfego de passageiros e mercadorias com a capital, por pontes de embarque, de madeira. Nos começos do Século XIX já havia uma ponte-cais no local onde é actualmente a Quinta Braamcamp, da Sociedade Nacional de Cortiças, junto a ponta do Mexilhoeiro. (...) Era o Cais de N^a Senhora do Rosário, ou simplesmente Cais do Rosário. ²⁷

Junto à ponta do Mexilhoeiro, encontramos, actualmente, vestígios dos primeiros cais de atracagem e embarque e respectivas pontes de travessia, que ligavam a cidade à sua envolvente. Vestígios estes que remontam aos séculos XVIII e XIX, quando Alburrica, constituía um ponto importante de referência marítima. Esta realidade fora alterada com a posterior recém-chegada da estação ferroviária, ali bem perto à distância de um olhar entre margens.

Paralelamente, Alburrica inseria-se, também, num ambiente de construção naval. Onde predominavam estaleiros navais, que ali produziam as suas embarcações, os quais ao longo dos tempos foram transformados e desmantelados.

²⁷ PAIS, Armando da Silva. *O BARREIRO ANTIGO E MODERNO – As outras terras do Concelho*. Edição da Câmara Municipal do Barreiro. 1963. Pág. 141.

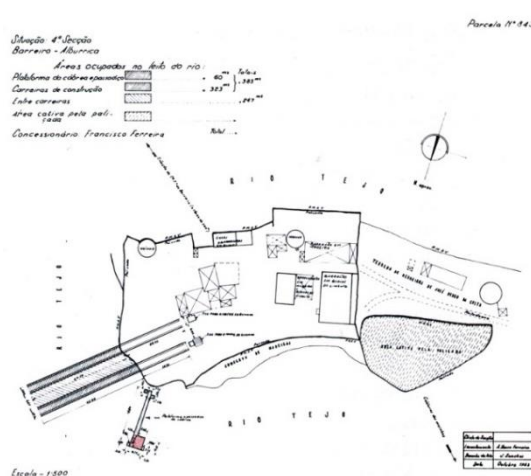
III. 34. Cartografia representativa do complexo de Alburrica, nos meados do Século XIX. Com identificação da antiga localização dos primeiros cais de atracagem e pontes de travessia.



III. 35. Antigo estaleiro de construção naval junto aos moinhos de vento em Alburrica, que laborou até meados do século XX.



III. 36. Identificação das estruturas de suporte (palafitas e muros de suporte) que serviam de base estrutural ao antigo estaleiro naval aqui presente em Alburrica.



III. 37., III. 38. e III. 39. (da esquerda para a direita) vestígios actuais da estacaria e embasamentos das primeiras pontes de travessia construídas em Alburrica.



[O Clube Naval Barreirense]

O Clube Naval Barreirense, situado junto à Praia Norte, foi desde sempre uma referência em Alburrica de promoção de actividades desportivas e socioculturais, que foi atraindo público, de todas as faixas etárias e estatuto social, ao longo dos anos, até aos dias de hoje.

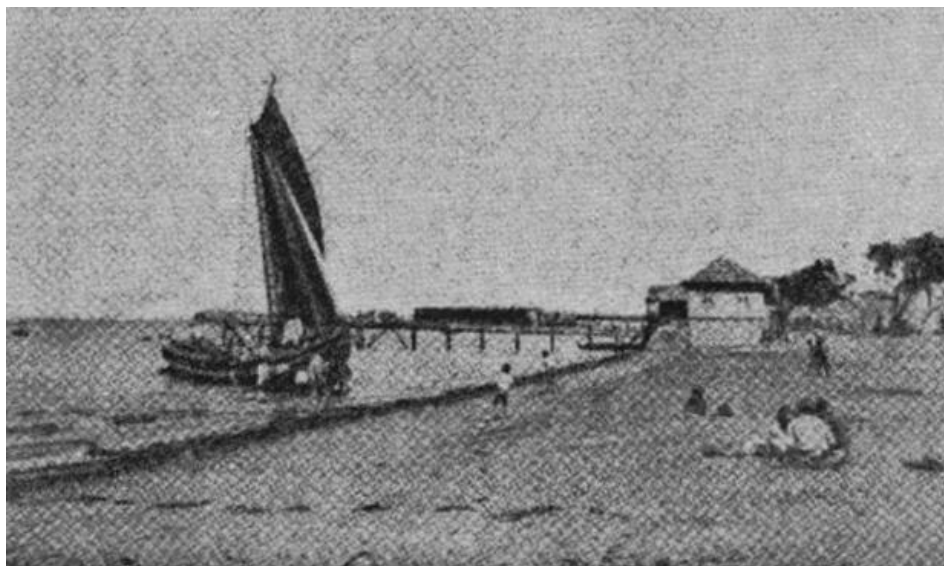
Construído em 1925, inicialmente, junto ao moinho de vento do Jim, na mesma frente de costa onde se encontra presentemente, assente sobre estacaria e apenas com duas divisões e fora inaugurado sob grandes festejos e com a promoção de vários eventos, quer desportivos quer culturais. Mais tarde, passou por duas relocalizações, uma em 1929 e uma outra em 1934, onde se encontra actualmente, pela necessidade da construção da muralha marginal da Praia Norte.

A afluência a este espaço marca uma das maiores massas ao território, decorrente das actividades que promove e promoveu, como: natação, remo, vela, canoagem e nos dias correntes até yoga e pesca desportiva. Sendo um grande local de encontro da população, que conta ainda com uma infra-estrutura de restauração, e um marco no seu território.

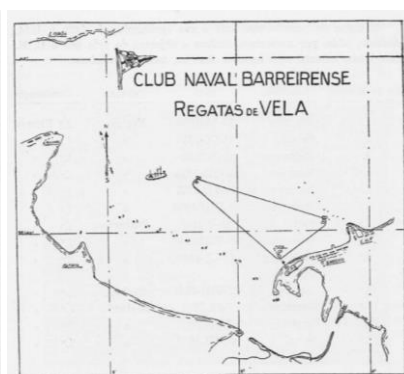


III. 40. Vista do Clube Naval Barreirense a partir da marginal norte da cidade do Barreiro, com enquadramento face ao plano de água e ao seu pano de fundo paisagístico. Fotografia da autora, 2018.

III. 41. O primeiro pavilhão do Clube Naval Barreirense, na Praia Norte do Barreiro, junto ao moinho de vento do Jim, em 1930, dois anos antes do início da construção da Muralha Marginal.



III. 42. Época balnear em 1966, na pequena praia da Bela Vista, encontrando-se no primeiro plano a zona ocupada pelo Clube, para os respectivos sócios.



III. 43. Percurso das regatas de vela organizadas pelo Clube Naval, em 1941.



III. 44. Clube Naval Barreirense nos dias de hoje. Fotografia da autora. 2018.

[A sua estrutura natural]

Alburrica é fortemente caracterizada, em toda a sua extensão, por uma paisagem natural rarefeita, existindo contudo uma vasta área de árvores centenárias dentro dos limites amuralhados da Quinta Braamcamp aqui presente. Contudo não se verifica a existência de espaços verdes de referência ao longo desta frente ribeirinha, dado que, até há bem poucos anos, a maioria das propriedades desta zona eram de cariz privado e se encontravam ao abandono.

As zonas estuarinas caracterizam-se pela sua multiplicidade de fauna e flora, que se estende por canais de rio e bancos de areia, sapais e pântanos, que desencadeiam neste território pequenas praias fluviais e incorporam uma estrutura de vegetação halófito. É ainda possível encontrar uma fauna fortemente presente, como uma grande expressão ao nível de aves marinhas, e uma biodiversidade local diversa, como pequenos crustáceos e bivalves.

Outra característica aqui bem presente são as caldeiras criadas artificialmente para a operacionalidade dos engenhos moageiros que, com o abandono das suas actividades, levou ao consequente assoreamento das caldeiras e ao desmoronamento das suas delimitações, mas continuam a ser um grande marco identitário da sua estrutura compositiva.

É uma celebração entre um sistema natural privilegiado com o seu património edificado e com as suas imponentes características paisagísticas, destacando-se como um local bastante singular.

III. 45. Praia Fluvial de Alburrica. Fotografia da autora, 2018.



III. 46. Vegetação halófito presente nas margens das diversas caldeiras de Alburrica. Fotografia da autora, 2018.



III. 47. Linha de vegetação arbórea pertencente à Quinta Braamcamp em Alburrica. Fotografia da autora, 2018.





III. 48. Enquadramento parcial do conjunto singular de Alburrica, em constante e forte relação com o plano de água.. Fotografia da autora, 2018.

3.6. A sua relação com o Rio

*O rio constitui uma paisagem natural e cultural que tem servido de referência para o homem ao longo de toda a sua existência. Como fonte de água, elemento vital e indispensável, como meio de comunicação e circulação, como marco territorial que percorre e estrutura o espaço, como inspiração de poetas e pintores, múltiplas são as dimensões que representam para a sociedade esses elementos simultaneamente tão singulares que percorrem as paisagens de todo o mundo.*²⁸

O Barreiro, às margens ribeirinhas do rio Tejo e do seu afluente rio Coina, foi crescendo ao encontro do seu enquadramento face ao plano de água que o envolve. Desde os primórdios de que há referência, de modo idêntico a muitas outras cidades ribeirinhas, a proximidade ao rio foi um dos impulsionadores à fixação no seu território, devido a constituir uma fonte de recursos à sobrevivência.

O Tejo com uma identidade histórica e cultural muito própria, desde os primórdios da civilização até aos tempos modernos, deixou um legado às suas margens, de ocupação edificada, mas sobretudo humanizada. Com um enorme sentido de potencialização de expressão das mais variadas actividades, tendo o rio como um elemento fundamental de extracção da sua riqueza natural e como comunicação com a envolvente próxima e outros territórios.

Neste sentido, o rio destaca-se como uma artéria principal de comunicação e transporte de pessoas, bens e produtos, fontes insubstituíveis de subsistência

²⁸ SARAIVA, Maria da Graça Amaral Neto. *O Rio como Paisagem, Gestão de Corredores Fluviais no quadro do Ordenamento do Território*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 1999. Pág. 1.

populacional e desenvolvimento socioeconómico. Por ser fonte de recursos naturais e alimentícios, despoletou um papel preponderante ao nível da vida humana e na respectiva localização dos seus assentamentos populacionais, como na cidade ribeirinha do Barreiro.

As características costeiras próprias de um estuário, com uma área rica ao nível da sua biodiversidade, fora um provedor instintivo das principais actividades de génese do território, que obtinham proveito do rio: a agricultura, a pesca, a aquacultura e a indústria artesanal, bem como a indústria moageira. Logo, as características naturais deste território foram as grandes responsáveis pelos primeiros assentamentos da cidade barreirense, que foram evoluindo e desenvolvendo características singulares, como uma paisagem única e cultura identitária.

Posteriormente o concelho destacou-se pelo seu período de expansão e revolução industrial, que demarcou e impulsionou esta cidade a tornar-se um forte escoador de bens, produtos e pessoas, devido a sua privilegiada posição no estuário do Tejo. Contudo a relação entre o espaço urbano, o homem e o rio enfrenta uma nova mutação com grandes complexos industriais e consolidação de aterros, a formarem uma nova configuração das suas margens. A urbe amplifica-se sobre o plano de água e a relação entre o rio e o homem deixa de ser um elemento intrínseco como até então. Contudo, com a crise industrial surgem vastos territórios em abandono, constituindo barreiras físicas, que contribuíram ainda mais para a falta de articulação entre a população e o rio.

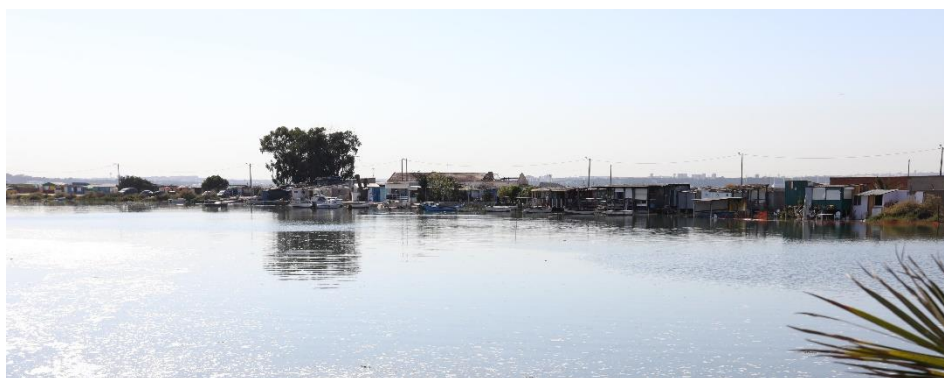
Porém, estas áreas, com o início de programas de regeneração urbana de frentes ribeirinhas, a partir de cerca da segunda metade do século XX, passam a ser

entendidas como áreas com uma enorme potencialidade. Entendendo estes espaços com uma posição privilegiada dos territórios, que moldam a sua imagem e são considerados como locais de interesse e zonas de recreio e lazer, como acontece actualmente com a frente ribeirinha barreirense.

*A relação das cidades com a água constituiu um tema recorrente na história do urbanismo e da arquitectura. Outra coisa não seria de esperar, tratando-se de um recurso indispensável à sobrevivência humana, e, por isso, à da própria cidade.*²⁹

Em suma, a proximidade com o rio influenciou territorialmente a sua configuração, estruturando o seu território e, por conseguinte, o seu desenvolvimento sociocultural, como os seus costumes e práticas. As vivências ribeirinhas desenvolveram uma cultura muito própria e íntimas face ao plano de água, deixando memórias e vestígios identitários e paisagísticos nos lugares que o acolhem, como um espaço de representação simbólica da cidade.

III. 49. Assentamentos informais de pescadores junto às margens do rio em Alburrica. Fotografia da autora, 2018.



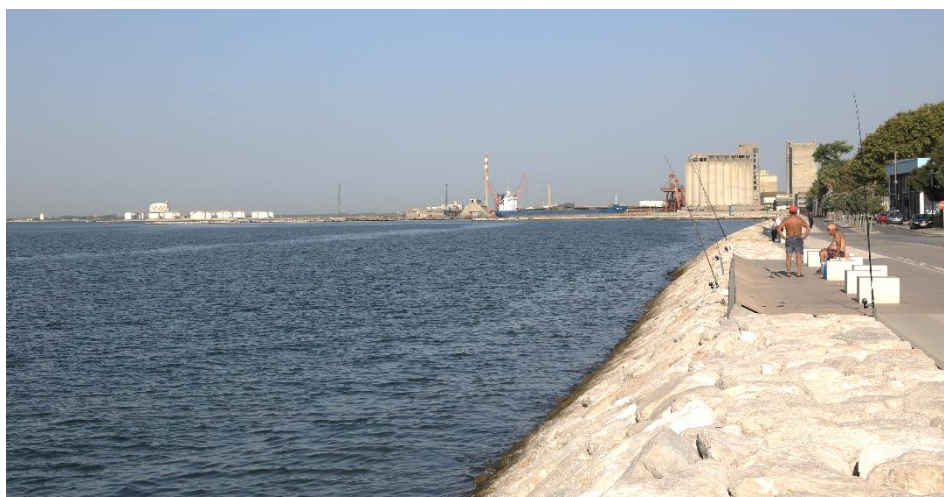
²⁹ PORTAS, Nuno. *Cidades e Frentes de Água*. Edição FAUP. Porto. 1998. Pág. 6.



III. 50. Actividades de veraneio na praia fluvial de Alburrica. Fotografia da autora, 2018.



III. 51. Conjunto de embarcações, de recreio e pesca, atracadas nas margens de Alburrica. Fotografia da autora, 2018.



III. 52. Prática da actividade piscatória na frente marginal norte da cidade do Barreiro. Fotografia da autora, 2018.

Síntese

Alburrica é uma área de evidente singularidade paisagística, simbólica, patrimonial e ambiental, de referência para a cidade, que embora seja um local de valor e procurado pela sua população, se encontra bastante desqualificado e degradado.

A sua requalificação é fundamental e deve ter em consideração as suas características únicas, bem como a estrutura edificada e natural, promovendo assim o desenvolvimento de novos usos e vivências, estruturando e dignificando o seu espaço público como grande área de lazer.

Tendo em vista a proposta de requalificação do território, segue-se a seguinte tabela que enumera as potencialidades e fraquezas do território em estudo, após o presente enquadramento realizado, sintetizando-o.

| Potencialidades | Fraquezas |
|--|--|
| Área de interesse simbólico, identitário, patrimonial e paisagístico | Imagem desqualificada |
| Área de recreio e de lazer | Degradação física da sua estrutura edificada e natural |
| Recursos Naturais | Descontinuidade dos principais eixos de circulação automóvel e pedonal |
| Relação de proximidade para com o núcleo urbano da cidade | Ausência de áreas de estar e espaços verdes |
| Diversidade de meios de transporte e acessos públicos | Ausência de equipamentos e apoios infra-estruturais qualificados |
| Localização de excepção para com a cidade e o seu plano ribeirinho | Incorrecta apropriação do espaço |

III. 53. Tabela de síntese das potencialidade e fraquezas do território. Elaborada pela autora, 2019.

IV. Projectos de Referência

Nota Introdutória

No seguimento da componente teórica do presente documento e da compreensão e leitura do território a intervir, que culminará com o desenvolvimento dessa mesma intervenção no capítulo posterior a este, o presente capítulo pretende criar uma ponte de transição entre esse mesmo conteúdo e a concepção do projecto de arquitectura, fundamentando-o.

Pretende-se estabelecer uma relação directa com o desenvolvimento do projecto arquitectónico proposto, através da apresentação de projectos com carácter referenciador que foram substanciais ao longo das várias fases da sua concepção.

Ao todo serão referenciados quatro projectos distintos, cada um com as suas especificidades e valências, mas que em conjunto permitiram a criação de fio condutor e uma reflexão sobre a resolução do projecto.

A selecção destas mesmas referências recaiu sobre vários parâmetros que procuraram responder às suas necessidades programáticas, formais, compositivas e de enquadramento relativamente ao lugar e suas dinâmicas sociais.

Foram tidos em conta perante a sua localização, em cenários de grande envolvimento com a sua paisagem e elementos naturais como cenários de água; escala; composição; programa e materialidades, que catapultaram em linhas comuns associativas ao projecto desenvolvido.

4.1. Fundação Calouste Gulbenkian

Lisboa, Portugal, 1969

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de bastante relevo, sediada em Lisboa, considerada como Prémio Valmor em 1975, Monumento Nacional em 2010 e como a 1ª obra contemporânea a ser considerada património em Portugal.

Edificada nos finais dos anos 60, por autoria dos arquitectos Alberto Pessoa, Ruy D' Athouguia e Pedro Cid, em resposta a um concurso para o desenho da Sede da Fundação e jardim circundante.

O seu complexo horizontal, fundamentalmente construído em betão aparente, envolto num grande jardim, que permite que o seu público possa fluir livremente. A sua composição assume uma horizontalidade, decomposta por vários volumes perpendicularmente ao meio envolvente, que ressaltam diferenças altimétricas consoante as suas necessidades programáticas, em cada um desses mesmos volumes.

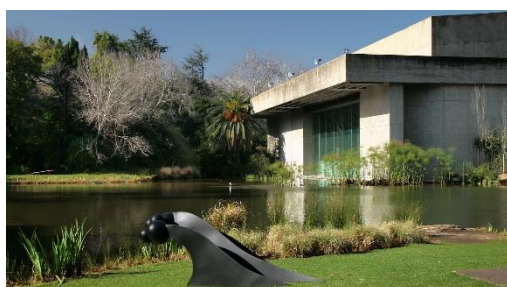
Possui um extenso programa, que surge na sequência de resposta às necessidades gerais dos diferentes usos aqui presentes, bem como da articulação entre eles. Considerado como um grande centro cultural, o público pode usufruir de auditórios; salas de exposição, de conferências, de reuniões; de uma grande biblioteca e o seu respectivo arquivo; de espectáculos e actividades educativas; de um Centro de Arte Moderna; e, ainda, de um auditório exterior situado no grande jardim.



IV. 1. Parte do volume da Fundação Calouste Gulbenkian envolto com os seus jardins.



IV. 2. A Fundação Calouste Gulbenkian marcada pela sua envolvência em espelhos de água.



IV. 3. Exterior do Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian.



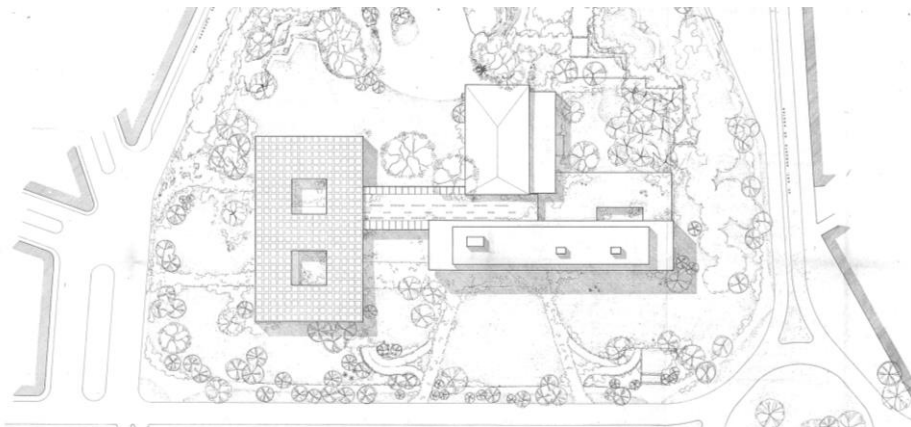
IV. 4. Interior do Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian com destaque ao seu plano de fundo.

A relação que o edifício evoca para com a sua envolvente foi cuidadosamente planeada, considerando-o como projecto de referência pela relação que estabelece com o lugar. O seu grande jardim tem como finalidade conduzir os grandes blocos de betão a imersão pela natureza, tornando-os discretos e fomentando uma transição de suavidade entre a grande massividade do projecto para com a restante envolvente citadina, que também resolve problemas ao nível da diferença de cotas tornando-o imperceptível como um todo.

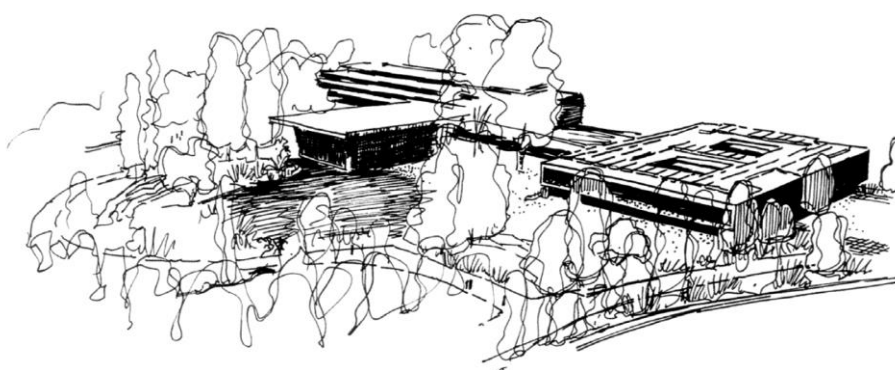
O paisagismo foi desenvolvido pelo arquitecto e paisagista Gonçalo Ribeiro Telles Barreto e António Viana, sendo minuciosamente planeado. A vegetação proposta conta com grandes áreas arborizadas, envoltas em grandes espelhos e zonas de água, que imergem os seus visitantes da cidade para um local tranquilo onde podem usufruir das várias valências deste conjunto arquitectónico.

É de salientar, o grande auditório da Fundação, que é outrora outro dos grandes registos desde conjunto, pelo seu grande impacto volumétrico, mas principalmente pelo seu pano de fundo impactante e que o tornam de bastante notoriedade. O auditório possibilita uma conexão visual directa para com o espaço exterior, através de um grande vão no final do seu palco, que permite uma experiência única a quem usufrui deste espaço num momento de espectáculo / formativo.

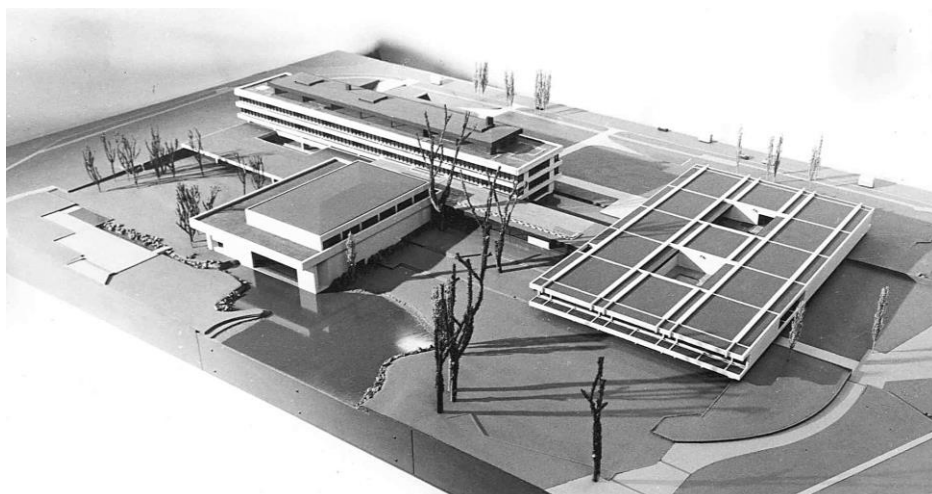
Detalhes como este e outros tantos como já foram referidos que compõe um conjunto de elementos que solucionam e enaltecem as qualidades da Fundação Calouste Gulbenkian, como uma grande obra a nível Nacional e Internacional.



IV. 5. Desenho Técnico
– Planta de Implantação
da Fundação Calouste
Gulbenkian.



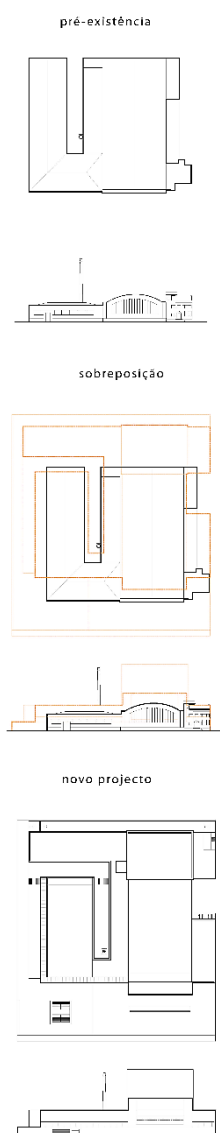
IV. 6. Esboço do
Arquitecto Gonçalo
Ribeiro Telles que
compõe a composição
volumétrica da
Fundação Calouste
Gulbenkian.



IV. 7. Maquete
compositiva da
Fundação Calouste
Gulbenkian.

4.2. Centro de Congressos do Arade

Algarve, Portugal, 2008



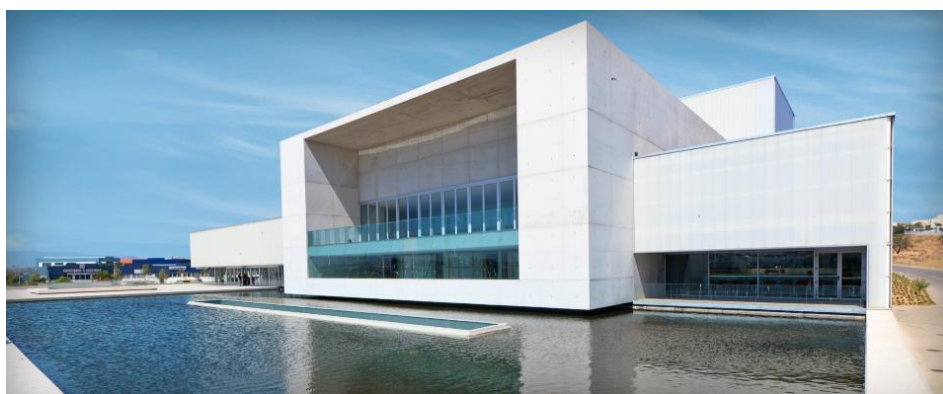
IV. 8. Esquemas de Concepção do Projecto do Centro de Congressos do Arade.

O Centro de Congressos do Arade, junto à foz do rio Arade, projecto do arquitecto Miguel Arruda, surge como reconversão à antiga fábrica de conservas de peixe, edificada nos anos 40, como um complexo multifuncional, com o intuito de dinamizar eventos com grande afluência, tais como: seminários, reuniões, conferências e espectáculos a sul do país.

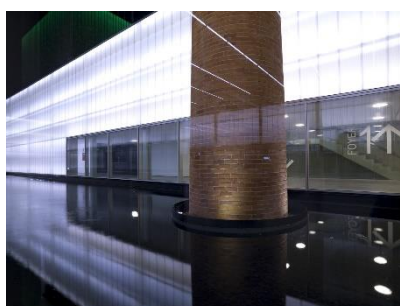
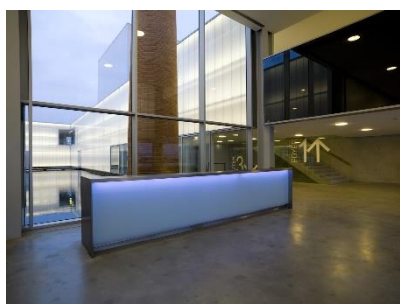
A antiga fábrica era constituída por três volumes distintos, que correspondiam a funcionalidades específicas (fábrica, armazém e habitação do proprietário), que através da sua simplicidade de articulação permitiu projectar um novo espaço de uma forma bastante funcional, dotado de condições ideais para a realização de eventos com grande dimensão.

Demarcado por três corpos funcionais, a sul localiza-se o acesso principal deste edifício, com uma zona de entrada e recepção do público, contando com uma grande área para exposições e convívio. O volume central, que é o mais imponente, incorpora um grande auditório, com respectivas infra-estruturas necessárias e o volume a poente integra as áreas de apoio a toda a extensão do projecto.

Agregadas aos vários volumes que constituem o Centro de Congressos do Arade, surgem várias superfícies de água, que demarcam a sua entrada principal, que se encontra a um nível superior face ao rio Arade. Reforçando deste modo a relação



IV. 9 e 10. Composição volumétrica do Centro de Congressos do Arade envolto pelo seu espelho de água.



IV. 11 (a esquerda) , 12. (em cima) e 13. (em baixo) Relação interior/exterior do Centro de Congressos do Arade.

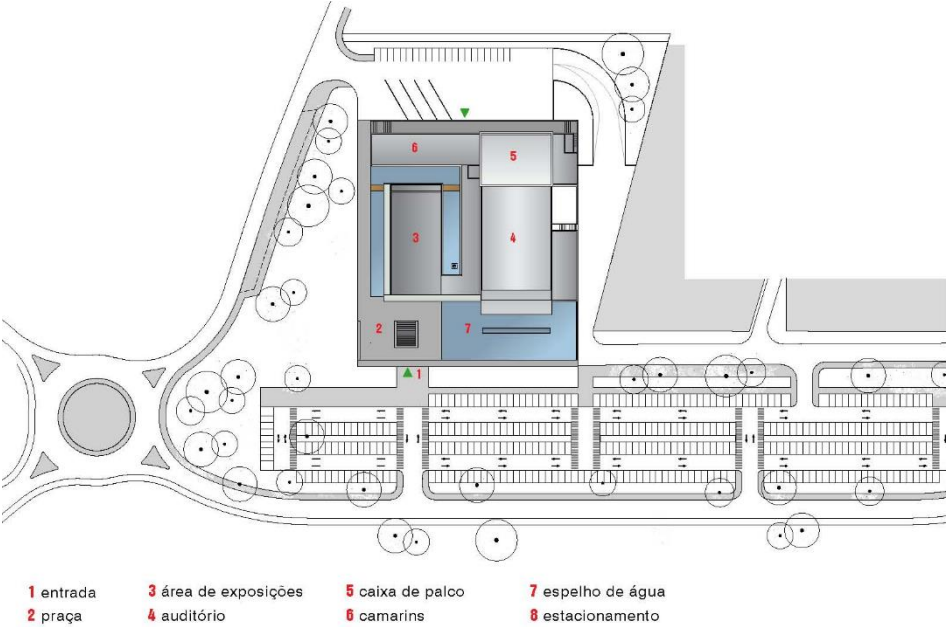
De hierarquização entre os vários volumes e aproximando conceptualmente e perspetivamente o edifício para com o rio Arade, pelo seu elemento água.

O projecto assume uma relação de essência entre transparência, translucidez, opacidade e reflexão, que é possibilitado por todos os elementos que o compõe e o demarcam quer exterior, quer interiormente. Desta forma, a sua aparência circunscreve-se entre a transparência dos envidraçados, a translucidez dos painéis de policarbonato, a opacidade das estruturas em betão branco aparente e a reflexão pelos grandes espelhos de água que o circundam, destacando-se, por fim, a imponente chaminé, fragmento da antiga fábrica.

Em cenário nocturno, o edifício permite um efeito lumínico, assumindo uma nova realidade formal de forma pictórica, afirmando-se como um marco cromático e lumínico no seu enquadramento urbano próximo, bem como distante, que o reforçam em eventos nocturnos. Efeito que é possível devido as materialidades utilizadas, em particular os painéis de policarbonato que funcionam como caixas de luz, que têm a sua reflexão reforçada e ampliada pela envoltória dos espelhos de água presentes.

IV. 14. Diferença do efeito cénico lumínico em cenário diurno e nocturno, do Centro de Congressos do Arade.

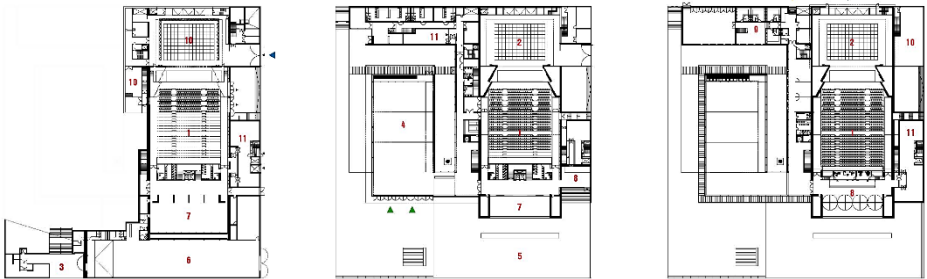




IV. 15. Desenho Técnico – Planta de Implantação do Centro de Congressos do Arade.



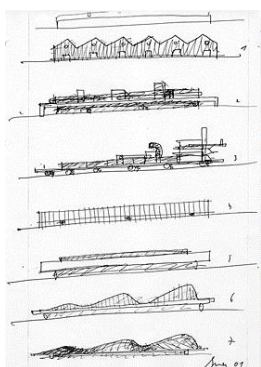
IV. 16. Desenho Técnico – Corte-Alçado do Centro de Congressos do Arade com o seu enquadramento envolvente.



IV. 17. Desenhos Técnicos – Planta do Piso Subterrâneo, Têrreo e Superior, respectivamente, do Centro de Congresso do Arade.

4.3. Centro Cultural de Viana do Castelo

Viana do Castelo, Portugal, 2013



IV. 18. Esboços do arquitecto relativamente à concepção do projecto do Centro Cultural de Viana do Castelo.

O Centro Cultural de Viana do Castelo, projecto do arquitecto Eduardo Souto Moura, localiza-se na frente ribeirinha da cidade de Viana do Castelo tal como o nome o indica. Encontra-se inserido numa nova área reabilitada da cidade que inclui um enquadramento de carácter importante, que conta com a presença da Biblioteca Municipal, projecto do arquitecto Álvaro Siza Vieira; a Praça da Liberdade, projecto do arquitecto Fernando Távora; o Navio Museu Gil Eanes, motivo inspirador das suas características navais, de sua formulação projectual; e ainda pela sua maior influência, o rio e a sua marginal, que influenciaram as opções do arquitecto, tornando o edifício visualmente permeável ao nível do piso térreo de forma a minimizar o impedimento entre estes dois planos.

Considerado como um pavilhão multiusos, está preparado para receber todo o tipo de eventos, de grande dimensão, tais como: congressos, concertos, exposições, feiras, outros eventos culturais e eventos desportivos. Assumindo-se desta forma com uma enorme polivalência e como um edifício de destaque para a cidade e a promoção dos seus eventos, com uma localização privilegiada na cidade.

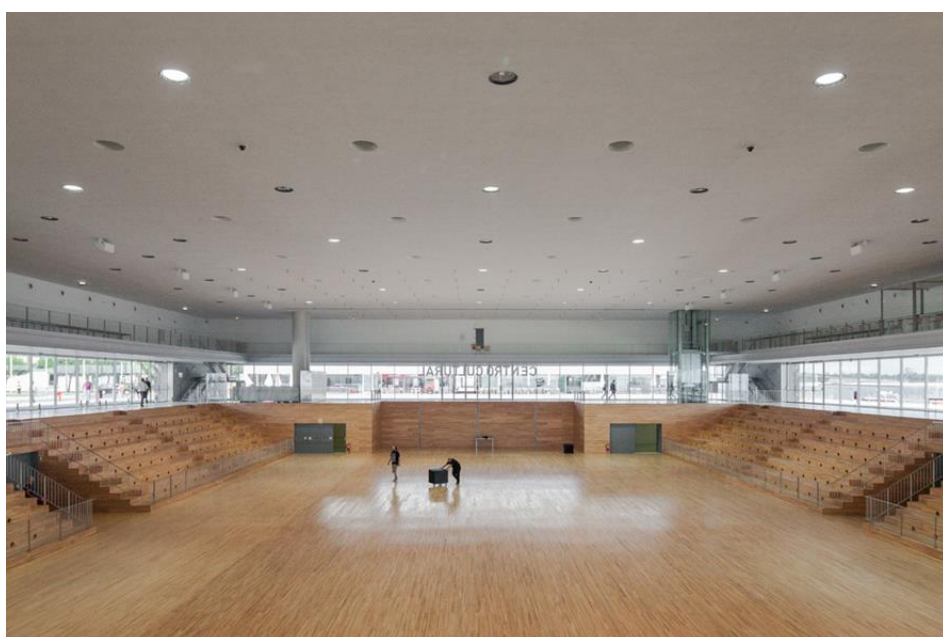
Demarca-se pelo seu volume rectangular, que increve todas as suas actividades no seu interior, incritas sob os seus limites, permitindo sempre uma conexão com o seu enquadramento envolvente.



IV. 19. Centro Cultural de Viana do Castelo, visto a partir do rio.



IV. 20. e 21. Centro Cultural de Viana do Castelo, visto a partir da cidade e seu enquadramento envolvente.

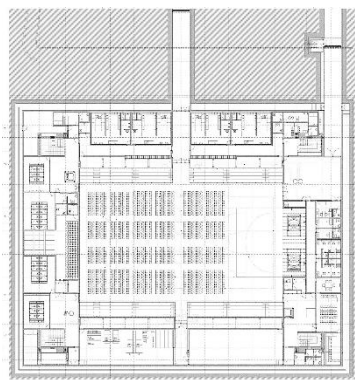


IV. 22. Nave multiusos do Centro Cultural de Viana do Castelo. A plateia divide-se em duas bancadas laterais que acompanham a direcção do seu meio urbano e do plano do rio, expandindo-se para o recinto central.

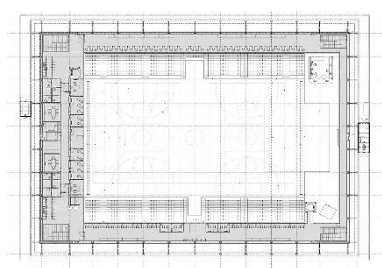
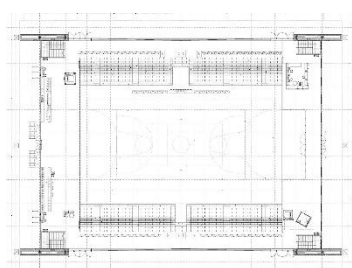
Definido por três pisos, é através do seu piso térreo que são garantidos os seus principais acessos, dispondo nos seus topos norte e sul as entradas para o público e nos seus outros dois planos as entradas de serviço. No seu topo norte destaca-se uma praça arborizada que marca a entrada principal do projecto mas, também, uma rampa que acede ao piso inferior para recepção dos participantes dos eventos a realizar (jogadores, artistas, oradores, entre outros) com ligação directa as suas instalações técnicas, permitindo que haja uma separação dos usos pelos seus acessos.

Nesta sequência, é no piso inferior que se localizam as principais infra-estruturas de apoio à realização dos eventos a dinamizar. Localizando-se a grande nave multiusos, ampla e com dimensões necessárias a prática das actividades desportivas e culturais. Bem como: os respectivos balneários, instalações sanitárias, arrumos, áreas técnicas, e salas destinadas a funcionários e administrativos. Posteriormente, como já fora referido, é no piso térreo que são garantidos os acessos principais, que a partir destes funciona um sistema de circulação em torno de toda a área da nave multiusos, permitindo o acesso às bancadas. No piso superior, encontramos uma outra galeria de lugares com carácter de maior importância, bem como respectivas áreas para a imprensa que possa fazer a cobertura do eventos aqui a realizar, que são servidas por outras áreas técnicas e de serviço de apoio, em complementaridade às existentes no piso subterrâneo.

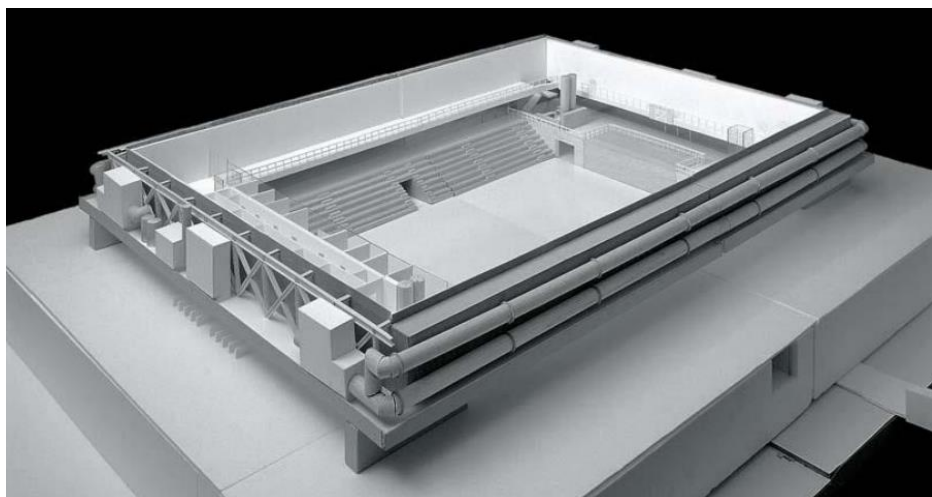
A nível exterior este equipamento possui uma estrutura que estabelece uma analogia com a engenharia naval, correlacionada pelo seu enquadramento histórico. Através dos seus perfis metálicos, grandes blocos em betão e grandes envidraçados, que demarcam a sua imagem.



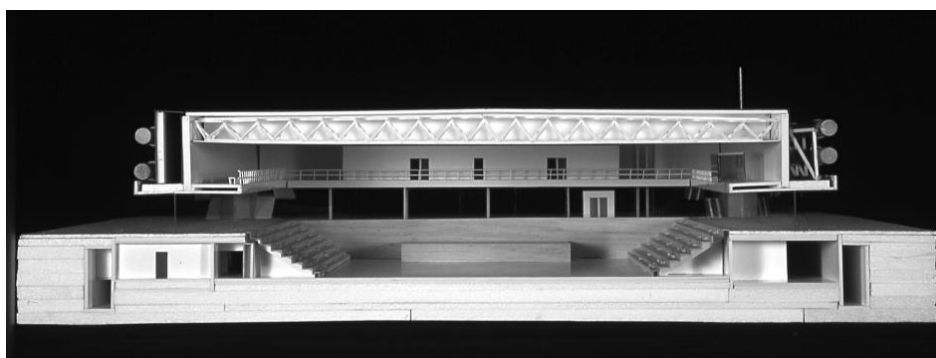
IV. 23. (a esquerda)
Desenho Técnico –
Planta de Implantação
do Centro Cultural de
Viana do Castelo.



IV. 24. (em cima) , 25. (a esquerda) e 26. (a direita)
Desenhos Técnicos – Plantas
Centro Cultural de Viana
do Castelo.



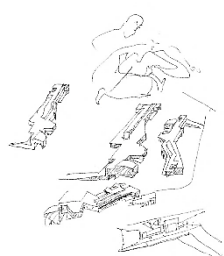
IV. 27. Maquete do
espaço interior do
Centro Cultural de Viana
do Castelo, que permite
compreender a relação
entre a galeria
envolvente, bancadas e
nave multiusos.



IV. 28. Maquete em
corte do Centro Cultural
de Viana do Castelo,
que permite perceber a
relação entre o seu
interior e exterior e os
seus respectivos níveis.

4.4. Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso

Chaves, Portugal, 2016



IV. 29. Esboços do arquitecto relativos à concepção do projecto do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.



IV. 30. Maquete da estrutura laminada que compõe o Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

O Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso localiza-se na margem noroeste do Rio Tâmega na cidade de Chaves, projectado pelo arquitecto Álvaro Siza Vieira.

A sua programática acolhe o espólio do artista Nadir Afonso e contribui para dinamização da vida cultural da cidade, com exposições, conferências, workshops e ateliês formativos.

O edifício é estruturado como que uma barra longitudinal paralela às margens do rio e ao futuro parque marginal da cidade, dotado de novos percursos pedonais e cicláveis. A sul deste eixo estruturante o volume descompõe-se através de novos volumes que se destacam da restante volumetria, remetendo as suas directrizes à sua envolvente próxima tirando partido de vários pontos de vista do seu enquadramento, abrindo-se para a paisagem.

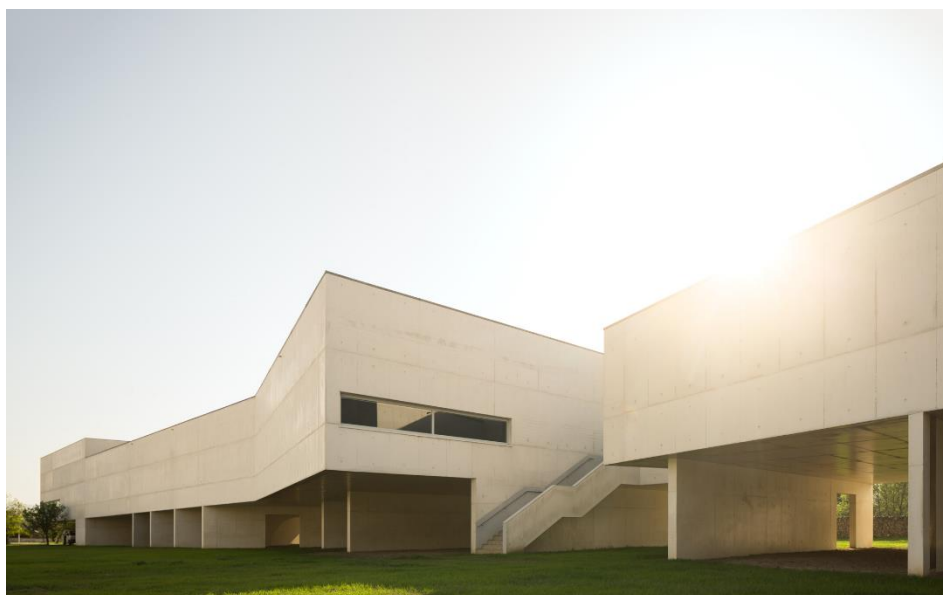
Pelo facto do terreno em que o edifício se insere se situar numa cota bastante próxima ao nível da água e tratando-se de um local extremamente permeável com possibilidade de cheias, a solução proposta foi a de elevar as suas funções a um piso superior relativamente a cota térrea, através de um conjunto de lâminas estruturais perpendiculares ao rio, que permitem, ainda, o atravessamento do edifício à cota térrea, possibilitado com o rompimento de uma série de vãos, que incluem acessos pontuais de saídas de emergência.



IV. 31. Fotografia aérea do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.



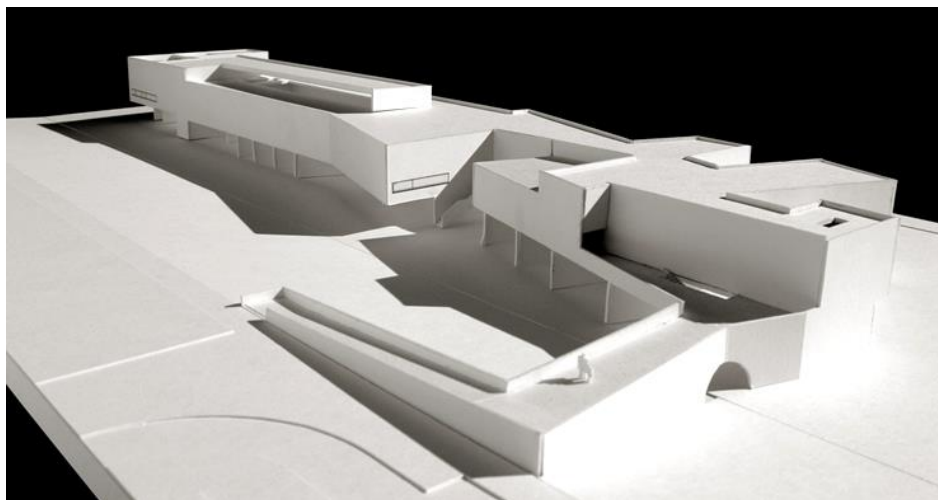
IV. 32. Enquadramento geral entre a rampa de acesso e o volume do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.



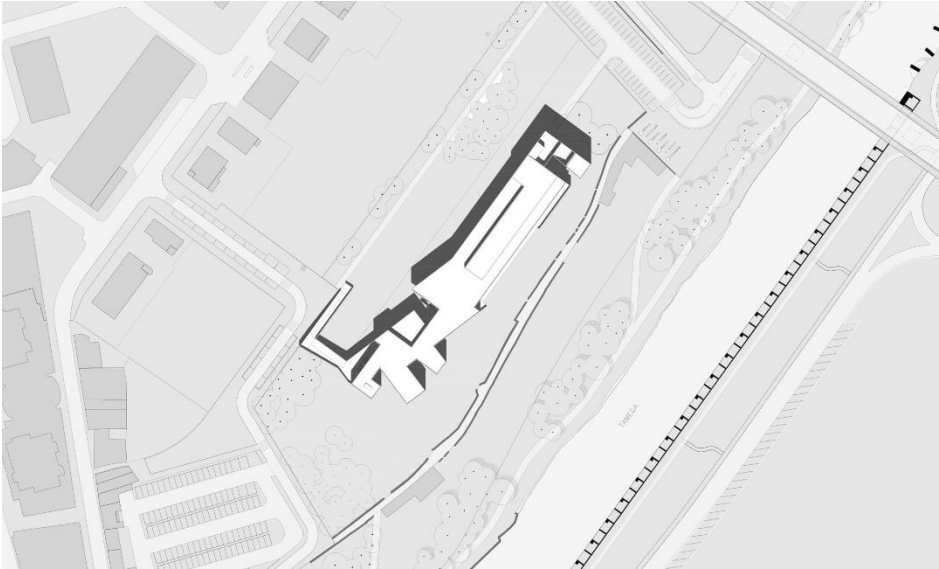
IV. 33. (em cima) e 34. (em baixo) Composição da fachada do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

Por conseguinte, surge uma rampa que nos eleva até ao acesso principal, a partir do qual os restantes espaços se desenvolvem longitudinalmente no edifício. A partir do átrio de entrada encontramos a receção e uma zona de estar que permite a distribuição para a biblioteca, um auditório com capacidade para 100 pessoas, a livraria, a cafetaria e as instalações sanitárias. Posteriormente, surge um núcleo de espaços expositivos temporários e permanentes, que se desdobram num corredor contínuo e criam uma linha de movimento sobre o mesmo. As zonas de maior dimensão ao centro são iluminadas por um lanternim na sua cobertura e por um rasgo contínuo horizontal com vista sobre o rio. Por fim, na ponta oposta ao átrio de chegada localizam-se as suas áreas técnicas e arquivos, bem como a entrada de funcionários e ainda o atelier de artes plásticas Nadir Afonso.

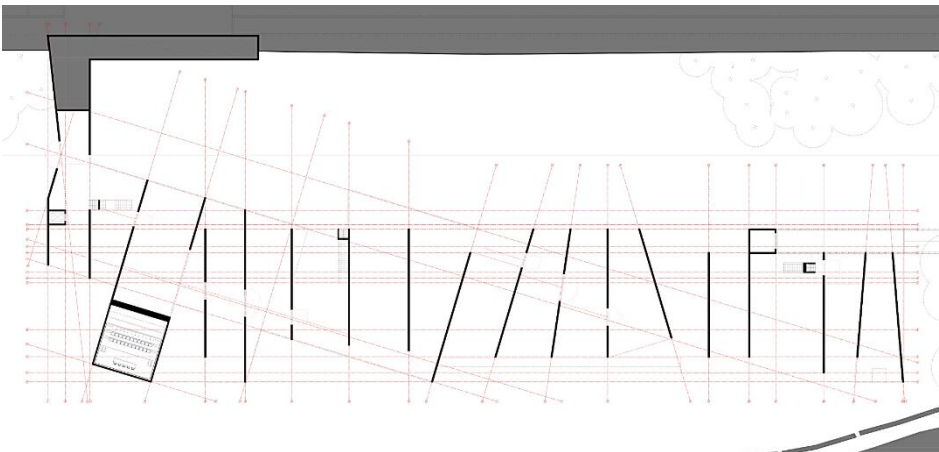
O edifício destaca-se pela sua clara e depurada imagem que lhe é conferida pela materialidade escolhida que é também toda ela estrutural, em betão branco, minuciosamente rasgada por seus vãos longitudinais que lhe dão alguma leveza, assim como as suas lâminas no piso térreo que o elevam da sua cota térrea e se abrem para a paisagem.



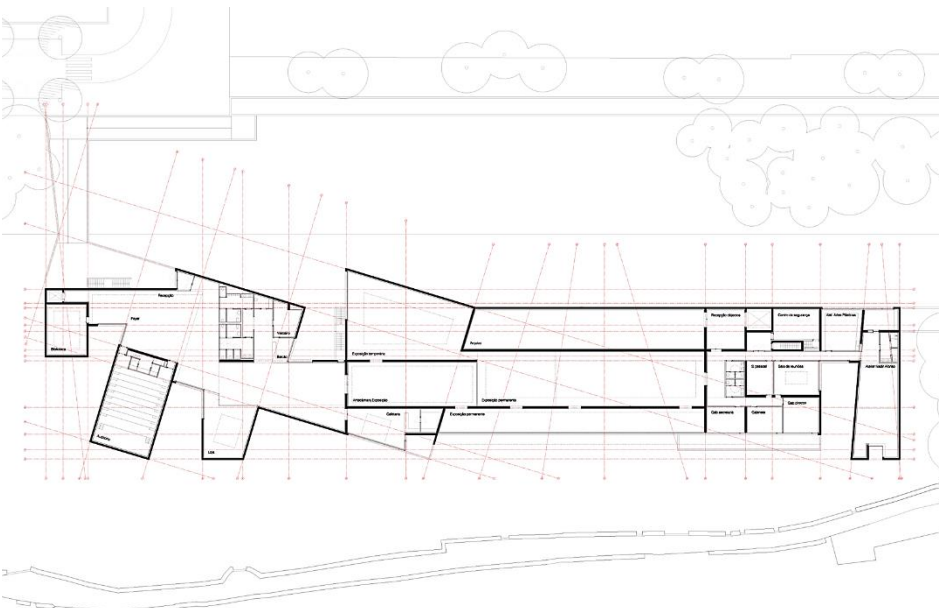
IV. 35. Maquete da composição final do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.



IV. 36. Desenho Técnico
– Planta de Implantação
do Museu de Arte
Contemporânea Nadir
Afonso.



IV. 37. Desenho Técnico
– Planta do Piso Térreo
do Museu de Arte
Contemporânea Nadir
Afonso.



IV. 3. Desenho Técnico
– Planta do Piso
Superior do Museu de
Arte Contemporânea
Nadir Afonso.

Síntese

Os projectos referenciados permitiram esboçar um fio condutor de resolução à proposta de intervenção que será de seguida apresentada, permitindo criar um processo conceptual teórico inicial a nível projectual, contribuindo cada um deles com características específicas e mais variadas, como já fora referido.

Conjuntamente, representam equipamentos de grande polivalência que estabelecendo relação com a problemática das áreas expectantes, podem ser uma mais valia para a cidade, para a sua sustentabilidade e reabilitação urbana. Logo, as principais características funcionais e de usos foram um factor decisivo nas suas escolhas, com a propensão de clarificação de opções de organização espacial e programática.

Outrora, pelo contexto em que estão inseridos, os planos paisagísticos, como com elementos de planos de água, como a área de intervenção em estudo, permitiram a captação de distintas abordagens sobre a relação da arquitectura com esses mesmo componentes, tirando o melhor partido dos mesmos para a sua concepção e qualidades espaciais.

Distinguem-se pelo uso de materiais depurados e com directrizes claras que não se emancipam perante a imponentia do território em si, conferindo-lhe características formais de grande integração com o mesmo, ou seja, a forma como as suas definições arquitectónicas se relacionam com a envolvente definem e reforçam a sua imagem.

Relativamente, a Fundação Calouste Gulbenkian, esta torna-se relevante dadas as suas valências programáticas várias de um equipamento multifuncional, mas maioritariamente pela sua composição formal que se desdobra sobre um plano horizontal em detrimento da sua relação com o espaço exterior e interior, conferindo-lhes qualidades espaciais. Procurou incorporar, oferecendo espaços de grande qualidade e ambiência, que permitem a sua continuidade para o exterior, salientando a sua opção formal relativamente ao grande auditório e o seu grande plano de fundo. Apesar do projecto em análise não se encontrar directamente relacionado com uma frente de água, possui uma grande pertinência ao nível de soluções de enquadramento ao nível da paisagem pré-existente, bem como da construção da sua paisagem, ou seja, do seu grande jardim estruturado em comunhão com o seu edificado.

O Centro de Congressos do Arade reúne um conjunto de valores bastante pertinentes face a conjuntura projectual a desenvolver, com o seu maior foco nas decisões projectuais a nível dos seus elementos compositivos e conceptuais. De salientar as grandes superfícies de água que o envolvem, que além de serem conceptualmente interessantes ao nível da transição do que é o edifício para o seu plano de fundo, o rio Arade, que incorpora a água com água, estas criam ambiências poéticas e de leveza nos espaços interiores e canalizam, pela interrupção destes, os utentes ao seu ponto de acesso principal. Os seus utilizadores podem usufruir em momentos de espera, transitivos e de lazer (como nas esplanadas) deste momento de contemplação e relaxamento, por meio visual e auditivo. Sendo que conceptualmente, a ideia do projecto assumir uma dicotomia entre valores de transparência, translucidez,

opacidade e reflexão, que o reforçam a nível interior, estes valores a nível de integração com o meio são de grande ressalva e equilíbrio para com o lugar.

Face ao Centro Cultural de Viana do Castelo, que se destaca pelo seu interior amplo e permeável, que deixa transparecer uma forte conexão visual ao nível do piso térreo, que possui desta forma uma forte relação interior / exterior. É pela sua funcionalidade programática que ganha um maior destaque, devido as necessidades programáticas da proposta de intervenção, tornando-se um exemplo prático das suas necessidades dimensionais, técnicas e organizativas, que em conjunto com a análise do regulamento de instalações com este carácter deixa transparecer o seu cumprimento e ressalva as suas necessidades. Especificamente ao nível do seu dimensionamento: da arena multiusos, bancadas, balneários e instalações técnicas, que posteriormente remetem a análise das suas decisões estruturais para vencer vãos de grande dimensão como acontecem nestes espaços para eventos culturais e desportivos.

O Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso é o projecto mais relevante na forma como se estabelece perante um plano de água, importante na concepção da sua composição volumétrica e formal. Ao estar inserido numa área relativamente sensível, como Alburrica, adquire pertinência na sua forma de implantação como também na capacidade de conseguir obter permeabilidade para com uma envolvente. A sua solução perspicaz de implantação alongada, disposta paralelamente em relação ao rio, que se desmultiplica e torce de acordo com pontos específicos de enquadramento é um dos pontos a salientar, afirmando a importância que os elementos pré-existentes podem exercer no desenvolvimento projectual.

V. Proposta de Intervenção

(...) o Barreiro possui esta riqueza natural ao dispor, que é como quem diz, à vista de todos quantos a possam admirar: um deslumbrante conjunto panorâmico sobre a capital portuguesa, inspirador dos «magos» da paleta e da oena, e essa riqueza não podem forças humanas arrebatá-lhe.³⁰

³⁰ PAIS, Armando da Silva. O BARREIRO ANTIGO E MODERNO – As outras terras do Concelho. Câmara Municipal do Barreiro. 1963. Pág. 74.

Nota Introdutória

Posteriormente ao reconhecimento do território, que foi esquecido à margem da cidade, resultou na apreensão de vários conteúdos, nomeadamente a leitura e caracterização da área em estudo, que permitiram relacionar diversas valências. Surge então um plano interventivo ao nível do seu território, com a definição de uma proposta urbana, que visa reforçar o culminar da definição arquitectónica de uma proposta projectual de um equipamento multifuncional.

Os quatro projectos referenciados influenciaram a interpretação de soluções formais e compositivas, que se relacionam directamente com a área de intervenção e na formalização de um programa com várias valências a nível cultural e desportivo, em função da cidade numa intervenção preocupada em preservar a identidade do lugar e ressaltar as suas potencialidades.

O presente capítulo apresenta o desenvolvimento desta proposta de intervenção, subdividida em vários tópicos que a abordam teoricamente, tendo sempre presente por base presente todas as premissas até então referenciadas.

5.1. Proposta Urbana

Reconhecendo as potencialidades urbanas deste lugar, onde a composição interventiva teve em consideração as suas pré-existências, barreiras urbanas e as especificidades únicas deste lugar, surge então o desenvolvimento de uma proposta que pretende devolver este local à sua cidade e a todos aqueles que o possam frequentar.

Defendendo valências programáticas de integração e sustentabilidade urbana, tem-se em linha de conta que um local frequentado é um lugar que fomenta a sua manutenção e preservação.

Reúne como objectivos principais: a valorização do seu património edificado e cultural; a preservação da sua estrutura natural; a dinamização de novos usos e dinâmicas sociais, culturais e desportivas; e a integração da malha estrutural da cidade para com esta estrutura lagunar, principalmente através da requalificação da sua frente ribeirinha e marginal.

Neste sentido a proposta visa a requalificação das acessibilidades já existentes neste local, bem como a criação de novos percursos de acesso (pedestre, cicláveis e rodoviários), projectando assim uma maior permeabilidade entre a cidade e Alburrica. Para tal, fora delineado um percurso, que tem como intuito a união integrada de todos os espaços aqui existentes, que se interligam com os usos existentes bem como dos propostos.

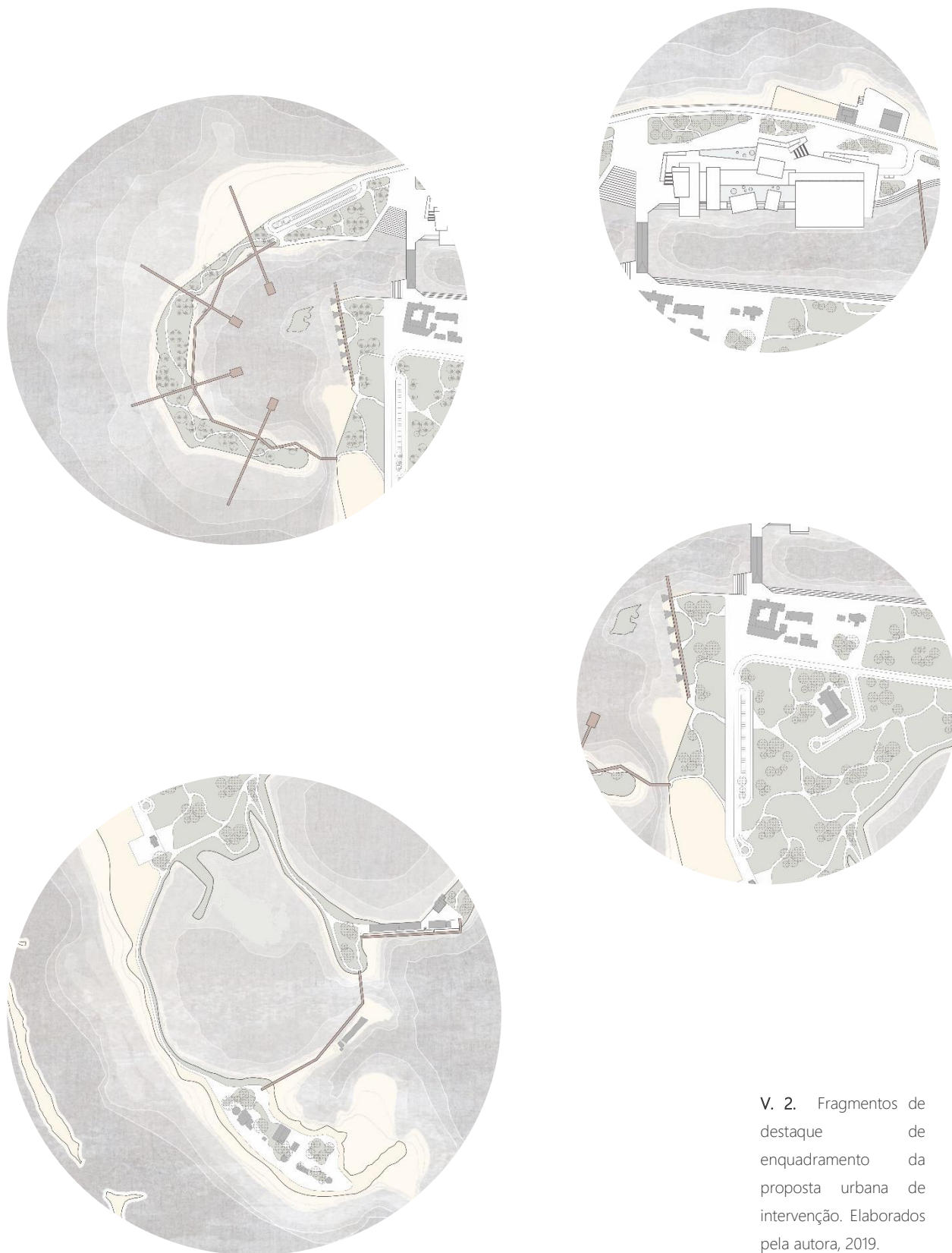
Os novos programas que aqui são sugeridos, manifestam-se um pouco por todo o território, dinamizando a sua área através destas novas estruturas e funções. Como tal, seguirá as seguintes directrizes: que o património edificado existente, referente a Quinta Braamcamp, seja reabilitado compreendendo funções como unidade hoteleira de baixa densidade e um centro interpretativo da área de Alburrica, incluindo outras funções como restauração; criação de estruturas de apoio e ancoragem à actividade piscatória e da apanha de mexilhão, actividades estas bastante presentes e difundidas, mas com falta de estruturas de suporte e segurança; maior oferta de áreas verdes, de estar, de encontro e lazer, com mobiliário urbano variado, integrando a requalificação do espaço público no seu geral; e em destaque um novo equipamento multifuncional, cultural e desportivo, que vem enriquecer e incrementar a frente ribeirinha e sua marginal.

Pretende-se com esta proposta de intervenção dinamizar e fomentar novas vivências do espaço, outrora perdidas por falta de uma estratégia urbana capaz de manter as qualidade do local. Assim, através de uma série de intervenções de requalificação e de uma rede programática diversificada, proporciona-se um encadeamento harmonioso entre o cenário pré-existente e as suas potencialidades únicas.

É importante salientar que se procura manter a identidade cultural do local, reconhecendo os programas que são actualmente importantes para esta comunidade, fazendo prevalecer o valor de autenticidade e considerando os seus hábitos e costumes como património.

V.1. (à direita) Planta de enquadramento da proposta urbana de intervenção. Elaborada pela autora, 2019.





V. 2. Fragmentos de destaque de enquadramento da proposta urbana de intervenção. Elaborados pela autora, 2019.

5.2. Proposta Arquitectónica

Com base na análise realizada de enquadramento face à cidade e à população do Barreiro, um espaço com um equipamento de interesse colectivo, como o que aqui se propõe, pode promover e dinamizar o lugar e a qualidade de vida da sua população, fomentando novas dinâmicas sociais e colmatar falhas programáticas na malha estrutural da cidade, possuindo um enorme potencial no seu ordenamento territorial.

Pretende-se que este território expectante, se torne num local para todos e para o ano inteiro, visto que, os equipamentos permitem a participação activa da população e surgem como pontos de referência das cidades, apelando desta forma a sua manutenção constante, tentando contrariar a situação vivenciada actualmente.

O novo equipamento surge integrado na proposta de intervenção, localizado no antigo terreno da antiga fábrica da Sociedade Nacional Corticeira, hoje como um lugar em ruínas, que fora desmantelado e deixado ao abandono.

Este apresenta-se nos dias de hoje como um espaço desqualificador da frente ribeirinha e sua marginal, que constitui o ponto de chegada a este território. Encontrando-se com uma evidente barreira física pois os seus limites são amuralhados que impedem a sua permeabilidade, a leitura do espaço e a projecção da respectiva paisagem.



V. 3. Enquadramento do território à margem da caldeira do moinho Braamcamp, visto a partir de um dos topos da caldeira. Fotografia da autora, 2018.



V. 4. O território como um amplo vazio urbano expectante. Fotografia da autora, 2018.



V. 5. Enquadramento do território à margem da caldeira do moinho Braamcamp, vista a partir do topo da caldeira adjacente ao moinho.. Fotografia da autora, 2018.

V. 6. Acumulação de lixos e depósitos dos destroços da antiga fábrica da Sociedade Nacional de Cortiça, no território em estudo. Fotografia da autora, 2018.



V. 7. A muralha que confina o território, face a frente marginal e praia fluvial de Alburrica. Fotografia da autora, 2018.



V. 8. A relação de paisagem do território a intervir com a quebra dos muros existentes, Fotografia da autora, 2018.



PROGRAMA: DESPORTO, CULTURA E LAZER

Com uma situação naturalmente privilegiada e com uma dimensão humana que os barreirenses souberam preservar, o Barreiro assume-se como uma cidade onde o lazer, o desporto, a cultura e o ambiente representam um papel primordial. Porém, existe uma lacuna de meios e locais de referência, quanto a espaços capacitados e serviços, onde estes possam ser difundidos.

Numa tentativa de colmatar essas mesmas falhas, surge aqui a oportunidade para tal, num espaço que se adapte às necessidades da cidade e, principalmente, de quem a vive.

A sociedade contemporânea é caracterizada pela mudança, em que as condutas de vida se relacionam cada vez mais com o lazer, a cultura e a actividade física. Estando estes conceitos associados a saúde, bem-estar e qualidade de vida.

A Cultura assume uma importância incontornável na vida das cidades e na sua economia, assim como na vida das pessoas que nelas habitam. Enquanto que, a actividade física possui um enorme potencial catalisador da utilização do tempo livre, face aos aspectos negativos inerentes ao modo de vida da sociedade, para além de associada ao conceito de saúde, como uma componente essencial a valorizar e integrar na vida de cada pessoa, a nível psíquico, físico e social.

Propõe-se deste modo um equipamento multifuncional, constituído por espaços dedicados à cultura e ao desporto e subjacentemente, ao lazer.

Este equipamento pretende dinamizar áreas como: espaços informais dedicados à leitura e estudo; uma biblioteca; zonas expositivas; salas polivalentes; um auditório; e áreas dedicadas ao desporto, que culminam com um espaço dedicado a acolher grandes eventos de grandes dimensões, que alberguem um número elevado de pessoas.

Procura ampliar a possibilidade da população aceder à prática de actividades desportivas em instalações cobertas e providenciar de um local para grandes eventos e difusão cultural, colmatando assim a escassez da oferta pública deste tipo de infraestruturas, reforçando o equilíbrio entre procura e oferta.

COMPOSIÇÃO E IDEOLOGIAS CONCEPTUAIS

Tendo em consideração a identidade cultural do lugar, a sua fragilidade morfológica, qualidades paisagísticas, potenciais urbanos e o que este território representa para a sua população e para a sua cidade, juntamente com as respectivas necessidades funcionais do programa em questão, procurou-se uma solução compositiva que as permitisse conciliar uma relação contextualista entre o local e o objecto arquitectónico, por forma a potenciar um e o outro.

Como acontece nos vários projectos de referência apresentados, em que as suas composições arquitectónicas assumem uma relação contextualista para com a sua envolvente, salienta-se a importância deste ponto como fio condutor de pensamento.

O novo equipamento proposto, localizado na antiga implantação da desmantelada Fábrica da Sociedade Nacional Corticeira, encontra-se entre duas margens de água, que concorrem numa frente a norte e outra a sul com características bem diferentes. A margem a norte, com sistema visual directo para o rio Tejo e as frentes ribeirinhas de Almada e Lisboa, é a continuidade da marginal ribeirinha da cidade, ou seja, o ponto principal de chegada e passagem por este local. A sua margem sul, funciona como um plano mais contido devido aos seus limites físicos, o plano de água da caldeira do moinho de maré Braamcamp, com sistema visual para este mesmo plano e todo o parque natural de Alburrica.

Assim, tendo por base a localização proposta para o Centro Multiusos, procurou-se chegar a um entendimento de como este se podia relacionar com estas duas margens, com características tão diferentes.

Primeiramente, tendo em consideração a morfologia local, foi decidido que não seria pertinente a construção de pisos abaixo da cota de soleira. Ao examinar a sua constituição, seria importante que o edifício de forma invertida, com os seus acessos principais a um nível superior, tirando partido do nível inferior para áreas mais técnicas, mas também por forma a dar relevo ao plano visual sobre a paisagem, a uma cota mais elevada.

Posteriormente, a sua composição formal assumiu uma lógica horizontal para com a caldeira do moinho Braamcamp e de perpendicularmente para com este. Num conjunto de vários volumes repartidos sobre um eixo principal que se decompõe, é 'abraçado' por uma plataforma a norte, com percursos em rampa e escadaria, que

eleva os transeuntes até ao acesso principal, a partir do qual se desenvolve o programa.

O edifício é estruturado a partir de um eixo paralelo às margens do rio, com uma acção de contraste entre o seu alçado norte, de recepção e o seu alçado sul, com um ajuste mais sensível à margem do terreno, de contemplação.

Este eixo a norte salienta um volume que demarca o seu ponto principal de acesso e a sul, surgem outros volumes em destaque na volumetria, remetendo as suas directrizes à sua envolvente próxima. Actua sobre linhas de força do lugar, estabelecendo uma correlação conceptual às que foram apresentadas no projecto estudado, o Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

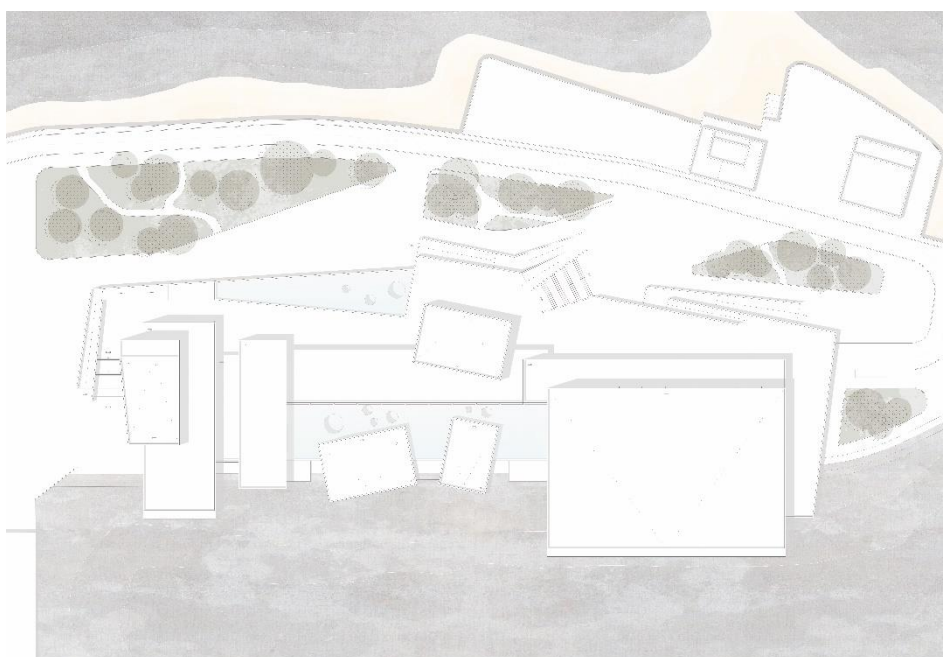
A partir destas premissas, a distribuição programática do objecto foi sendo desenvolvida, dando corpo a vários volumes, cada um com linhas orientadoras distintas face ao seu programa, com diferentes extensões e pés direitos distintos.

Pretende-se que o edifício possua uma imagem sóbria e de integração para com o lugar, que se abre sobre si próprio para a paisagem, sendo este um conceito-chave ao seu desenvolvimento. Tendo, como referência o grande auditório da Fundação Calouste Gulbenkian que incorpora um grande fundo de palco como cenário, a sua envolvente, com constante relação com o seu plano de água, um outro elemento bastante importante na actual proposta projectual, relativamente à sua projecção conceptual.

A volumetria proposta encontra-se em constante relação com a água e pretende-se que este elemento incorpore, também, o seu conjunto de forma directa, com a

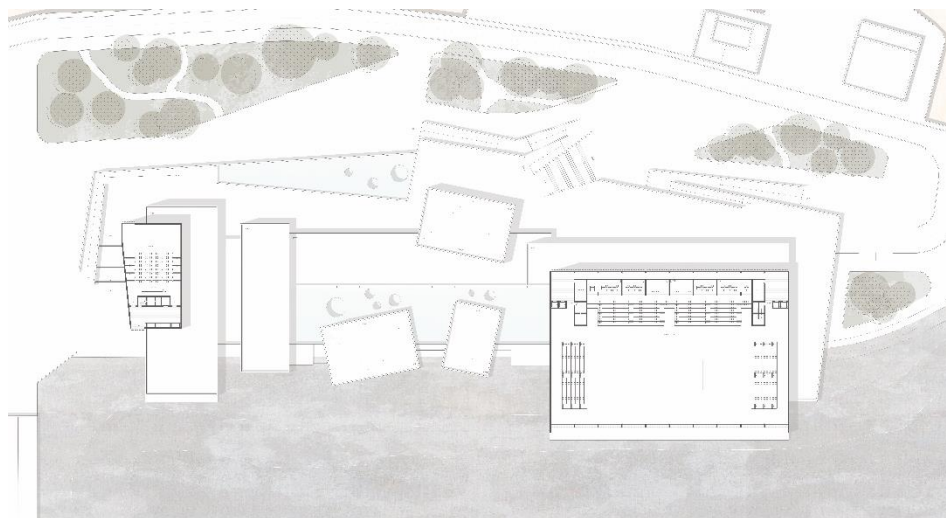
integração de vários espelhos de água nos seus planos compositivos, tal como acontece no Centro de Congressos do Arade. De forma pontual do lado norte do conjunto, mas o principal virado a sul, sobre a cobertura do piso térreo, que se alonga face ao primeiro volume compositivo horizontal, que por forma a dinamizar essa profundidade visual, surge aqui uma superfície de água, dotando o espaço interior com ligações visuais e poéticas, efeitos de luz sombra, reflexo e frescura, entre a transição de um plano de água para o plano de água, onde se encontram espaços de lazer, leitura, estudo e de estar.

Em síntese, o carácter único do lugar pelas suas particularidades, é mote de génese de desenvolvimento do processo projectual compositivo, que procura a constante relação com o seu contexto próximo.



V. 9. Planta de cobertura da proposta arquitectónica de intervenção. Elaborada pela autora, 2019.

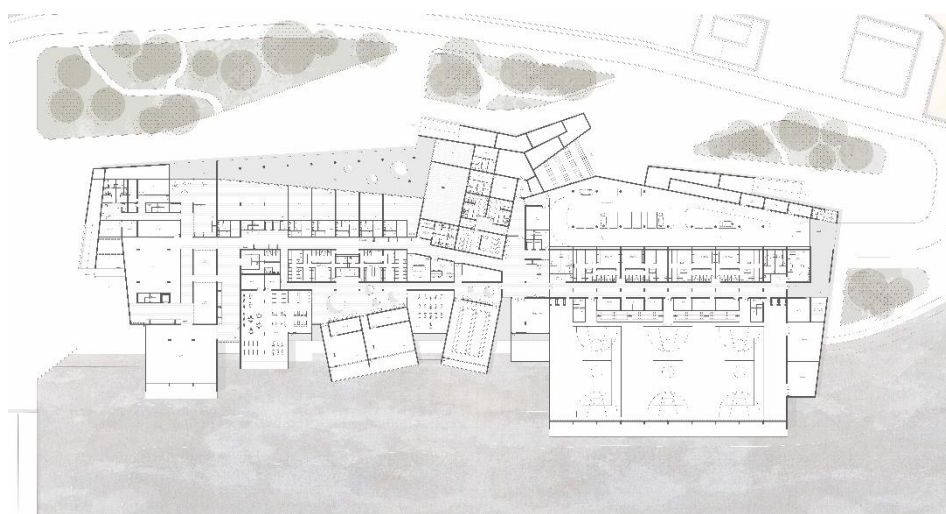
V. 10. Planta do Piso 2 da proposta arquitectónica de intervenção. Elaborada pela autora, 2019.



V. 11. Planta do Piso 1 da proposta arquitectónica de intervenção. Elaborada pela autora, 2019.



V. 12. Planta do Piso 0 da proposta arquitectónica de intervenção. Elaborada pela autora, 2019.



DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL DO PROGRAMA

O Centro Multiusos proposto é constituído por um programa funcional extenso, organizado segundo duas temáticas principais: desporto e cultura. Aqui pretende alcançar-se uma articulação funcional entre ambas de modo a que se possa disfrutar da utilização deste espaço no seu todo. Salienta-se que este Centro será constituído por três pisos, sendo o último para último em apenas dois momentos específicos, que serão elencados mais à frente.

O seu acesso principal é realizado no primeiro piso do conjunto, no volume em destaque a norte, em torção, enquadrada com a zona de chegada dos transeuntes da cidade, que são encaminhados para este ponto pela escadaria e rampa presentes no seu encalce.

Neste primeiro momento desenvolve-se o átrio de chegada, com duplo pé direito, e a sua respectiva recepção, que conta com a presença de uma cafetaria de apoio. Esta que pode ser acedida independentemente do restante programa e possui uma ampla explanada exterior, integrada num momento de grande contemplação, com abertura visual para o plano de água ribeirinho do Tejo, permitindo avistar desde a travessia sobre o Tejo, a ponte 25 de Abril, às sete colinas da capital.

Posteriormente, a partir da recepção, os utilizadores podem tomar dois percursos distintos, segundo a programática que pretendem.

[componente desportiva]

Relativamente à componente desportiva são encaminhados para o piso inferior (piso térreo), onde podem convergir para outros dois momentos distintos: actividades de grupo e ginásio ou para o grande palco de modalidades colectivas.

Para cada um destes grupos, os utentes são servidos por balneários distintos: para o primeiro existem dois balneários, separados por géneros feminino e masculino; e para o segundo existem quatro balneários indiferenciados. Estes que assim o são pela possibilidade da sua grande nave desportiva receber eventos desportivos sem distinção por género.

Todos os balneários contam com áreas secas e húmidas em percursos distintos, bem como são aptos a mobilidade condicionada e no caso das modalidades colectivas, os balneários contam ainda com uma zona que contém uma marquesa e zona de espera, para cuidados médicos e / ou de relaxamento (massagens), como indica o regulamento para infra-estruturas deste género, que possam receber grandes eventos desportivos oficiais. Neste mesmo seguimento surgem ainda balneários para treinadores / árbitros / juízes, zonas de apoio médico e controlo *anti-doping* e grandes arrumos.

Para as actividades de grupo contabilizam-se quatro estúdios: dois polivalentes, um para aulas com material fixo e por último um estúdio com um tanque para a prática de remo *indoor*.

Estes estúdios localizam-se no bloco central volumétrico do complexo, no plano térreo, em torção para com as directrizes da envolvente próxima, contíguas ao plano de água. Conferindo-lhes uma grande valência espacial com uma forte relação

interior/exterior. Na sequência destes estúdios surge ainda em complemento das actividades: um amplo ginásio.

Todos estes espaços surgem integrados numa generosa zona de transição, convívio e de espera pelas actividades, iluminados de forma zenital por amplos vãos circulares na sua cobertura, submersos pelo grande espelho de água existente, que cria aqui uma zona com carácter poético e pictórico, num momento de relaxamento e tranquilidade para a realização de actividades desportivas, que remete ao bem estar físico e psíquico.

Relativamente à grande nave multiusos esta desenvolve-se, também, sobre o plano de água da caldeira do moinho, promovendo uma interacção contaste entre o meio ambiente exterior e o desporto, embora que em recinto fechado. Tendo esta premissa base para a concepção de todos estes espaços, visto que essa mesma relação, com o meio exterior, é de extrema importância neste tipo de actividades e promove a melhoria do bem-estar dos seus utentes.

As actividades aqui realizadas, na nave desportiva, contam ainda com um estúdio extra polivalente, para aquecimento e preparação dos seus praticantes.

[simbiose entre componente desportiva e cultural]

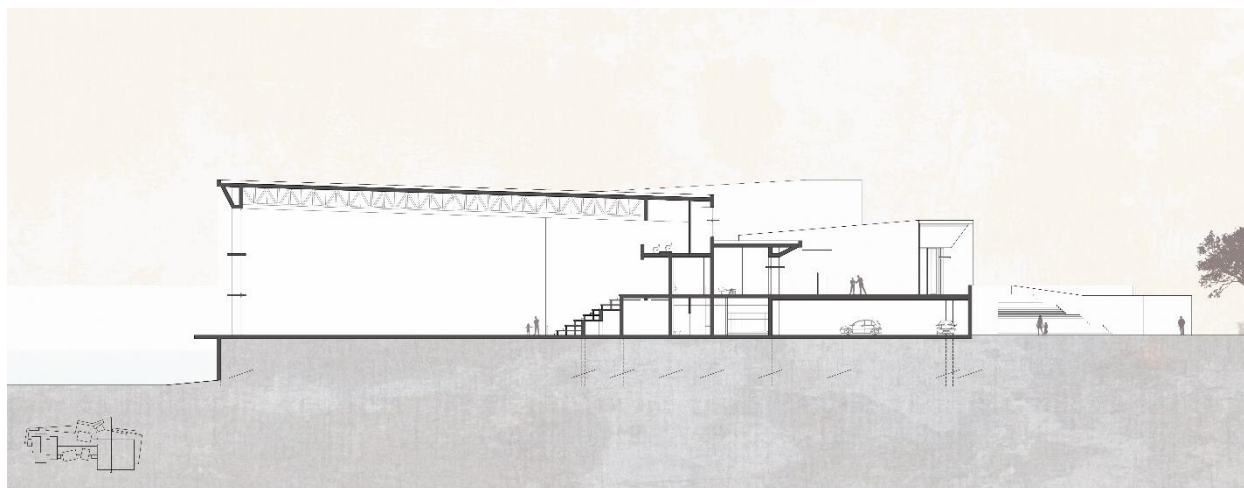
Como acontece no Centro Cultural de Viana do Castelo, esta nave multiusos, pode assumir várias vertentes, sendo adaptada consoante as suas necessidades desportivas e culturais, existindo aqui uma simbiose entre os dois programas, através do mesmo palco de acção.

Planeada, principalmente, para responder às necessidades desportivas do complexo, é também um palco cultural, destinada a realização de outros eventos, tais como: concertos, conferências, feiras, exposições e outros eventos culturais.

Para tal, dispõe de uma grande área de recepção aos seus espectadores e zonas de bancadas. O seu acesso público é feito ao nível da plataforma elevada de acesso, por um conjunto de entradas directas para um amplo espaço de recepção e espera, com contacto directo à recepção do Centro Multiusos.

A bancada principal desenvolve-se apenas num dos lados da nave, que, conceptualmente, pretende estabelecer a ligação directa com a envolvente natural exterior ao edifício, como acontece noutras áreas do complexo, mas nesta em particular, como acontece no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, como uma grande palco para a paisagem durante a realização de eventos, com uma ambiência única. Posteriormente, ao nível do segundo piso, dispõe ainda de outras bancadas privativas e área destinada a imprensa.

V. 13. Corte da proposta arquitectónica de intervenção – Relação exterior / interior com a paisagem. Elaborado pela autora, 2019.



[componente cultural]

Retornado, ao ponto de recepção ao edifício, os utilizadores podem tomar rumo as actividades culturais. Dispondo de uma ampla área de estar, que pode ser usufruída como uma zona de leitura informal ou como zona de estudo e de trabalho, com ligações privilegiadas, sobre o rio e o espelho de água proposto.

No seu seguimento, o centro dispõe de uma pequena biblioteca; uma grande área expositiva, com vários momentos parcelados, dividida pelo piso em questão e o piso térreo; uma zona com três salas polivalentes, ao nível do primeiro piso, que podem rebater os seus painéis divisórios tornando-se numa única e ampla sala, para a realização de eventos e ou *workshops*; e por último, um pequeno auditório, com a capacidade de 150 lugares.

Este pequeno auditório, com função de acolher eventos de menor capacidade, face à grande nave multiusos, destina-se a pequenas conferências, reuniões, sessões de cinema e pequenos espectáculos. É encerrado sobre si mesmo no seu plano de fundo, ao contrário da ideia conceptual para os outros espaços, para permitir uma ambiência mais contida e protegida de iluminação, contudo possui um vão intermédio no seu plano de fundo, recolhido a um dos cantos, no encalce da directriz de uma das escadarias que o compõe e permitem ligação visual ao rio Tejo, sendo que este poderá ser encerrado consoante as necessidades programáticas, mantendo de uma pequena forma o conceito que abarca a composição maioritária do conjunto arquitectónico.

A área que inclui desde a biblioteca, os espaços expositivos e o pequeno auditório, poderá ainda funcionar como independente do restante conjunto, podendo encerrar sobre si mesmo em certos pontos, dispondo para tal de uma recepção própria para esse mesmo fim, bem como de todas as infra-estruturas necessárias independentes como instalações sanitárias, arrumos e áreas técnicas.

[outras valências]

Paralelamente, ao programa de maior destaque do Centro Multiusos, este é complementado por todas as zonas técnicas necessárias; zonas de serviço / administrativas / reuniões de funcionários, treinadores, artistas, entre outros; e alguns lugares de estacionamento para usufruto dos seus trabalhadores.

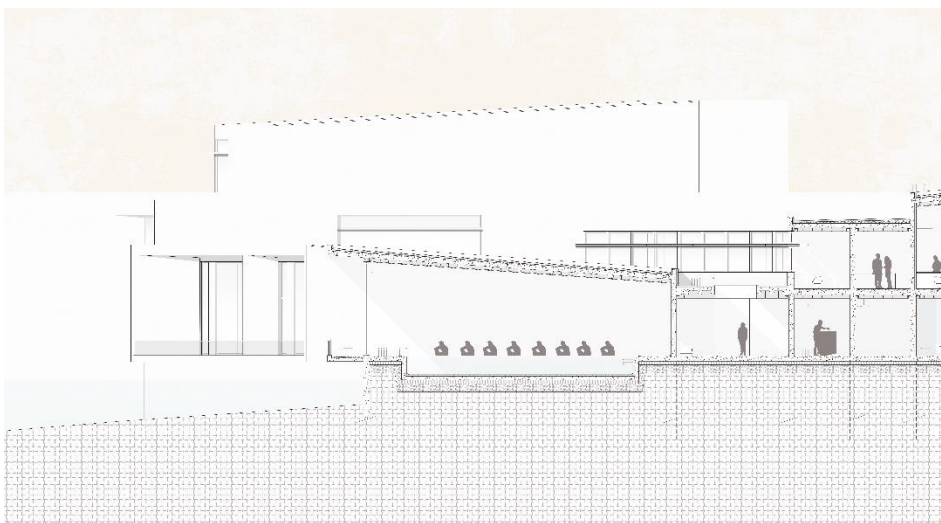
Surge ainda uma extensa banda de espaços de loja ou escritórios, em contacto directo com o plano térreo, formando uma praça com novas valências, sob a plataforma proposta.

A MATERIALIDADE

Tendo em conta as premissas conceptuais anteriormente anunciadas, é também de extrema importância a reflexão sobre os elementos compositivos que compõe o projecto, ou seja, para além de todas as fundamentações e decisões tomadas a nível programático e formal, há que ter em consideração os critérios a aplicar na sua materialização.

Pretende-se que o edifício proposto tenha uma imagem clara e depurada, sem sobreposição de uma multiplicidade de materiais, para que estes não entrem em desacordo com o enquadramento existente, que funciona como o palco principal da acção do projecto, devendo este ter destaque e não o contrário, possibilitando que o impacto da nova construção seja minimizado.

Sob influência dos projectos, previamente referenciados, como o Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso e a Fundação Calouste Gulbenkian, onde existe uma imagem clara e que se integra com o meio envolvente, optou-se pela escolha de betão branco como material principal, que actua também como matéria estrutural e que, também, por se tratar de um edifício com múltiplos usos a decorrer em simultâneo, que acarretam elevados níveis de ruído, acaba por actuar como um bom isolador acústico, protegendo esses usos de ruídos externos ao seu. Este material que terá a sua opacidade em contraposição quebrada pela transparência do seu ritmo de vãos e reflectido pelos múltiplos espelhos de água existentes, sendo o maior deles, o natural, a caldeira lagunar.



V. 14. Corte construtivo da proposta arquitectónica de intervenção. Elaborado pela autora, 2019.

Síntese

Definindo linhas orientadoras para a resolução urbana da zona de Alburrica, valorizando-a e reestruturando-a, surge o elemento principal desta mesma intervenção: o Centro Multiusos de Alburrica.

O projecto foi concebido como ponto focal de encontro e desenvolvimento de novos usos, onde podem ser realizadas diferentes actividades sociais, culturais e desportivas, potencializando todo território.

A sua composição formal tira partido do seu cenário poético, que é a sua paisagem, em constante interacção com o meio natural, que se envolve com os reflexos de água, que se aproveita sobre a altura da lagoa e directrizes estruturantes. Compondo uma distribuição funcional complexa que atende às necessidades e exigências programáticas, procurando sempre a potencialização do espaço para os seus utentes, através de suas qualidades arquitectónicas e de relação para com este lugar único.

VI. Considerações Finais

O presente trabalho procurou reestruturar a vitalidade passada deste território, que é Alburrica, através da oportunidade das suas áreas expectantes, com um papel fundamental de reintegração física e criação de novas dinâmicas, para com a sua cidade e a sua população, permitindo restaurar a sua memória, de um espaço amplamente vivenciado, de extrema importância para o seu meio urbano.

Na procura pela sua consolidação, foi tido em conta, como uma área sensível, com uma carácter morfológico e paisagístico únicos, bem como pela importância da sua valorização histórica e seus costumes, e seu património edificado.

Para tal, foi preponderante a análise e caracterização da área em estudo, mas também, os projectos em estudo referenciados, pelas suas premissas programáticas, arquitectónicas e urbanísticas, consistentes com o tipo de intervenção que se procurou desenvolver.

Para a concepção da proposta de intervenção, o seu desenvolvimento baseou-se em quatro vertentes primordiais: a integração da sua área com o restante tecido da cidade; a necessidade de cuidado pelas suas características naturais e biológicas; a preservação das suas estruturas edificadas; e o desenvolvimento de um programa diverso e multidisciplinar, que garantisse a oferta de espaços onde se pudesse estabelecer um conjunto de actividades para toda a população e visitantes, incluindo o desenvolvimento de um novo equipamento colectivo.

Surge, desta forma, a concepção da sua proposta urbana, que se insere na requalificação do parque natural de Alburrica, procurando ressaltar a suas qualidades

únicas, e o desenvolvimento da proposta arquitectónica de intervenção: um equipamento de cariz público, com valências culturais, recreativas e de lazer.

Tendo como principal objectivo a requalificação das área expectantes aqui presentes e da sua frente ribeirinha, a proposta de um novo equipamento procura ser um elemento dinamizador e multifuncional, associando-o as funções em carência no seu meio urbano, com o objectivo de as promover e potencializar o seu território com novas ofertas, fomentado novas dinâmicas sociais, imprescindíveis para um contínua preservação do lugar.

VI. 1. Vista área sobre
Alburrica e respectiva
área de intervenção.



Referências Bibliográficas

AMADO, António Ribeiro. *O Rio como Elemento Urbano*. Núcleo de Arte, Educação e Cultura. Lisboa. 2012.

AA. VV. *REVISTA FUNDIÇÃO – ASSOCIAÇÃO BARREIRO, PATRIMÓNIO E FUTURO – Revista não periódica da Associação Barreiro, Património e Futuro, Nº 1*. Associação Barreiro Património e Futuro. 2012.

AA. VV. *REVISTA FUNDIÇÃO – DESPORTO, PATRIMÓNIO, BARREIRO - ASSOCIAÇÃO BARREIRO, PATRIMÓNIO E FUTURO – Revista não periódica da Associação Barreiro, Património e Futuro, Nº 2*. Associação Barreiro Património e Futuro. 2016.

AA. VV. *REVISTA FUNDIÇÃO – PATRIMÓNIO, CULTURA, TURISMO E DESENVOLVIMENTO – ASSOCIAÇÃO BARREIRO, PATRIMÓNIO E FUTURO – Revista não periódica da Associação Barreiro, Património e Futuro, Nº 3*. Associação Barreiro Património e Futuro. 2016.

AA. VV. *REVISTA FUNDIÇÃO – MOINHOS A SUL DO TEJO (BARREIRO - MOITA - SEIXAL) - ASSOCIAÇÃO BARREIRO, PATRIMÓNIO E FUTURO – Revista não periódica da Associação Barreiro, Património e Futuro, Nº 4*. Associação Barreiro Património e Futuro. 2017.

AA.VV. *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. Século XVIII – Final do Século XIX – Princípios do Século XX - Revista não periódica da Câmara Municipal do Barreiro*. Augusto Pereira Viegas. 1983.

AA.VV. *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO - Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro, Nº 3*. Augusto Pereira Viegas. 1985.

AA.VV. *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO - Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro, Nº 4*. Augusto Pereira Viegas. 1986.

AA.VV. *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO* - Revista não periódica Câmara Municipal do Barreio, Nº 5. Augusto Pereira Viegas. 1987.

AA.VV. *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO* - Final do Século XIX – Princípios do Século XX - Revista não periódica Câmara Municipal do Barreio, Nº 1. Augusto Pereira Viegas. 1987.

AA.VV. *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO* - Barreio e os Descobrimentos, Recuperação do Moinho Pequeno, Município Barreirense (Séc. XVI), XXV Aniversário dos J.J.B - Revista não periódica Câmara Municipal do Barreio, Nº 1. Augusto Pereira Viegas. 1989.

AA.VV. *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO* - Revista não periódica Câmara Municipal do Barreio, Nº 2. Augusto Pereira Viegas. 1989.

AA.VV. *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. A criação da Freguesia e a fundação da Igreja Paroquial de Santa Cruz (1487), Azulejos do Barreio, Margens... na cultura... na educação, Margem sul Quinhentista, A poesia num Jornal Operário – O sul e o sueste 1919-1933* - Revista não periódica Câmara Municipal do Barreio, Nº 3. Augusto Pereira Viegas. 1990.

AA. VV. *Plano Municipal de Ambiente do Barreio: programa de acção – Corredores Verdes e Estrutura ecológica: Bases Territoriais para um Futuro Sustentável.* Câmara Municipal do Barreio. Barreio. 2005.

AA.VV. *Vazios Urbanos , Trienal de Arquitectura de Lisboa / Urban Voids - Lisbon Architecture Triennale.* Caleidoscópio. Lisboa. 2007.

BATISTA, Juliana. *O imaginário da água do estuário do Tejo na concepção da paisagem – Reinvenção da Quinta Braamcamp no Barreio* - Tese de Mestrado. FAUL. Lisboa, 2017.

BRANDÃO, Pedro. *A identidade dos lugares e a sua representação colectiva – Bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público*. DGOTDU. 2008.

BRUTTOMESSO, Rinio. *O Rio e a Cidade: as Zonas Ribeirinhas*. Lisboa: AML. Grande Área Metropolitana de Lisboa. 2007.

CABRITA, Augusto. *Na Outra Margem - O Barreiro Anos 40- 60*. CUF-SGPS. Lisboa. 1999.

CEDRU. *Estratégia de desenvolvimento - Barreiro 2030 - Referencial estratégico e modelo de desenvolvimento territorial*. Câmara Municipal do Barreiro. 2016.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Património*. Edições 70. Lisboa. 2010.

CALMEIRO, Margarida Relvão. *Seminário de Investigação em Arquitectura – Laboratório de Arquitectura 2016 / 2017 – Cidade e reabilitação urbana: entre o planeamento institucional e as acções de cidadania*. Edição da Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologias, Departamento de Arquitectura. 2016.

CAMARÃ MUNICIPAL DO BARREIRO. *Programa de Acção REPARA – Candidatura para a Regeneração Programada da Área Ribeirinha de Alburrica*. Câmara Municipal do Barreiro, Departamento de Planeamento e Gestão Urbana, Projecto Municipal para Acções e Projectos Estratégicos. 2009.

DGOTDU. *Normas para a Programação e Caracterização de Equipamentos Colectivos*. DGOTDU. Lisboa. 2002.

DGOTDU. *Património Cultural, ordenamento e desenvolvimento: Uma nova visão e valorização do território*. DGOTDU. Lisboa. 2008.

DIAS COELHO, Carlos; **COSTA**, João. *A renovação urbana de frentes de água: infra-estrutura, espaço público e estratégia de cidade como dimensões urbanísticas de um território pós-industrial*. Artitextos. Lisboa. 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Colectiva*. Edição Vértice. São Paulo. 1990.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Edições 70. Lisboa. 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes. São Paulo. 1996.

MOREIRA, Graça. *Requalificação Urbana: Alguns conceitos básicos – Nº5*. ARTITEXTOS. Lisboa. 2007.

MOTTA, Fernando. *Guia Documental da Casa Reynolds / Sociedade Nacional de Cortiças*. Câmara Municipal do Barreiro: Espaço Memória – Arquivo Municipal. 2015.

MOURA, Dulce; GUERRA, Isabel; SEIXAS, João; FREITAS, Maria. *A Revitalização Urbana – Contributos para a Definição de um Conceito Operativo – Cidade, Comunidades e Territórios, Nº 12 / 12*. Edição ISCTE. Lisboa. 2006.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Academy Editions. Londres. 1980.

OLEIRO DAS NEVES, Rodrigo Reis; FREIRE E VEIGA, Maria de Fátima Silva. *Workshop Estejo: Alburrica - Organização: Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa*. Universidade Lusíada Editora. Lisboa. 2013.

PAIS, Armando da Silva. *O BARREIRO ANTIGO E MODERNO – As outras terras do Concelho*. Câmara Municipal do Barreiro. 1963.

PAIS, Armando da Silva. *O BARREIRO ANTIGO E MODERNO – A Grande e Progressiva Vila Industrial – I Volume*. Câmara Municipal do Barreiro. 1965.

PAIS, Armando da Silva. *O BARREIRO ANTIGO E MODERNO – A Grande e Progressiva Vila Industrial – II Volume*. Câmara Municipal do Barreiro. 1968.

PAIS, Armando da Silva. *O BARREIRO ANTIGO E MODERNO – A Grande e Progressiva Vila Industrial – III Volume e Miscelânea (Factos e Figuras do Barreiro de várias Épocas*. Câmara Municipal do Barreiro. 1971.

PIMENTA, José Augusto. *Memória Histórica e Descritiva da Villa do Barreiro*. Typographia Universal. Lisboa. 2000.

PIRES, Amílcar Gil. *O Entendimento Poético do Lugar como um Pequeno Cosmos*. ARTITEXTOS. Lisboa. 2008.

PORTAS, Nuno. *Cidades e Frentes de Água*. Edição FAUP. Porto. 1998.

RASMUSSEN, Steen. *Arquitetura Vivenciada*. Martins Fontes. São Paulo. 1998.

ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Edição Cosmos. Lisboa. 2001.

SARAIVA, Maria da Graça Amaral Neto. *O Rio como Paisagem, Gestão de Corredores Fluviais no quadro do Ordenamento do Território*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 1999.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Terrain Vague*. Gustavo Gili. Barcelona. 2002.

ZUMTHOR, Peter. *Atmosferas*. Gustavo Gili. Barcelona. 2006.

FONTES DIGITAIS

Câmara Municipal do Barreiro

<https://www.cm-barreiro.pt/>

Industrialização e Associativismo

<http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/espaco-memoria/rota-do-trabalho-e-da-industria/industrializacao-e-associativismo.html>

Alburrica-Mexilhoeiro, um conjunto patrimonial

<https://patrimoniobarreiro.wordpress.com/publicacoes/artigos/895-2/>

Fundação Calouste Gulbenkian

<https://gulbenkian.pt/>

<https://www.archdaily.com.br/br/01-8875/classicos-da-arquitetura-fundacao-calouste-gulbenkian-ruy-jervis-dathouguia-pedro-cid-e-alberto-pessoa>

Centro de Congressos do Arade

<http://0608.habitarportugal.org/hp2009/uploads/imgs/1243538084F4cMW1tw4Qr79NZ3.pdf>

<https://secilpro.com/obras/centro-de-congressos-do-arade>

<http://www.miguelarruda.com/Portfolio.aspx?Lista=ListaPavilhaoMultiusosdoArade&id=5>

Centro Cultural de Viana do Castelo

<https://www.archdaily.com.br/br/01-133038/centro-cultural-de-viana-do-castelo-slash-eduardo-souto-de-moura>

<http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/centro-cultural-de-viana-do-castelo>

https://ciamh.up.pt/arma/wp-content/uploads/2014/08/C5_G5.pdf

Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso

<https://www.archdaily.com/791546/nadir-afonso-contemporary-art-museum-alvaro-siza-vieira>

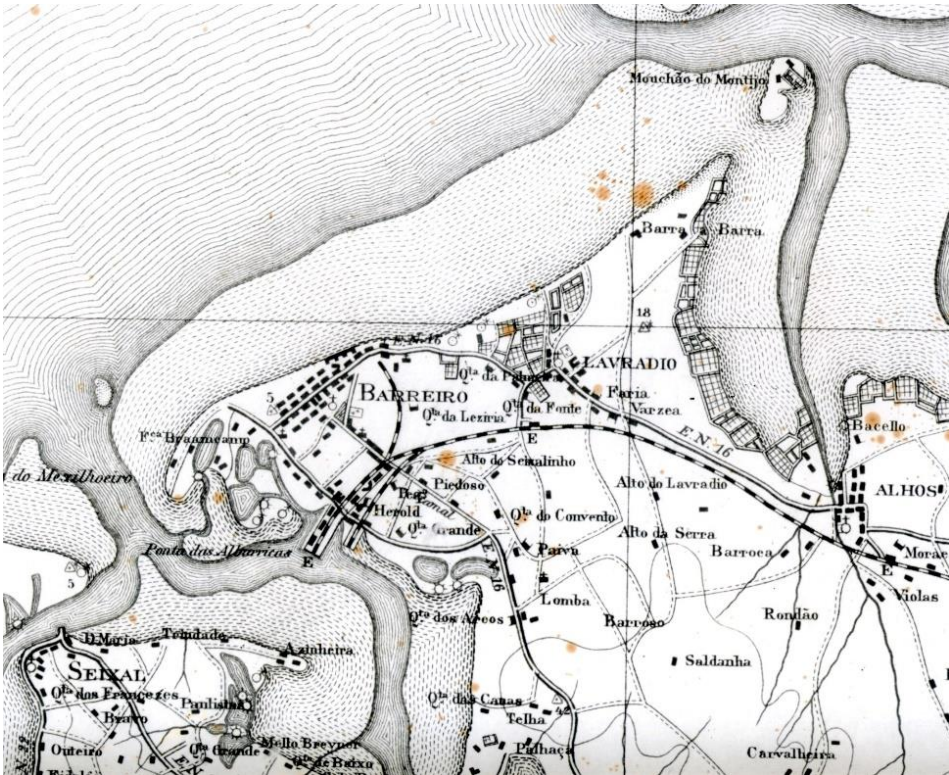
<https://www.nadirafonso.com/fundacao/>

Anexos

CARTOGRAFIA HISTÓRICA



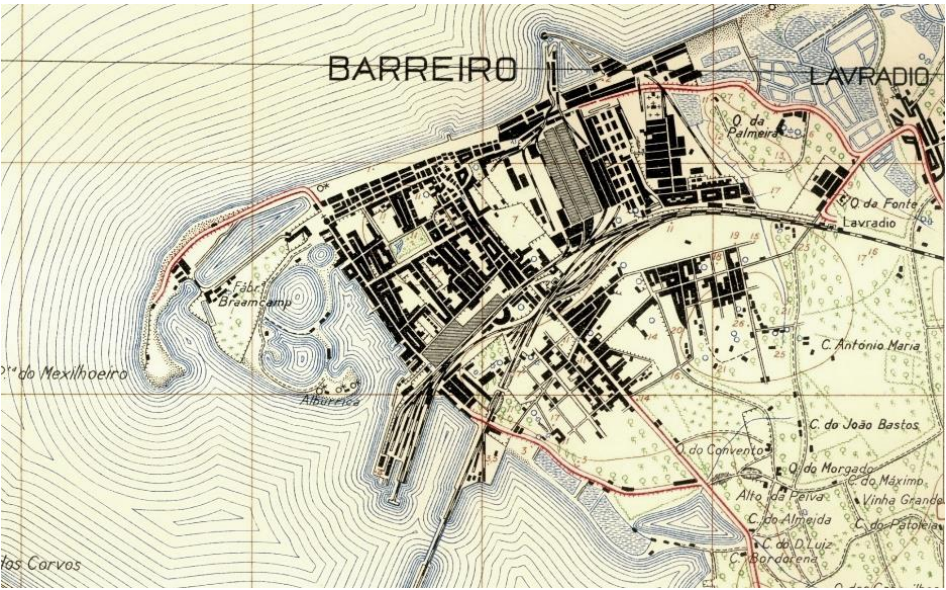
1816.



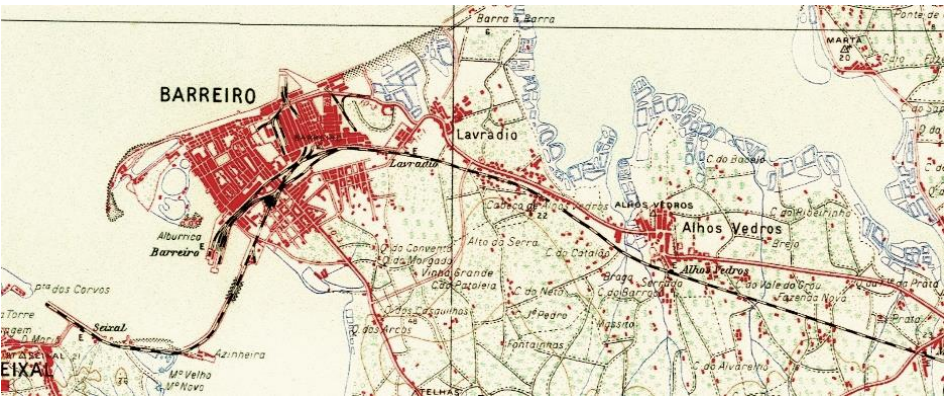
1902.



1930.



1940.



1953.

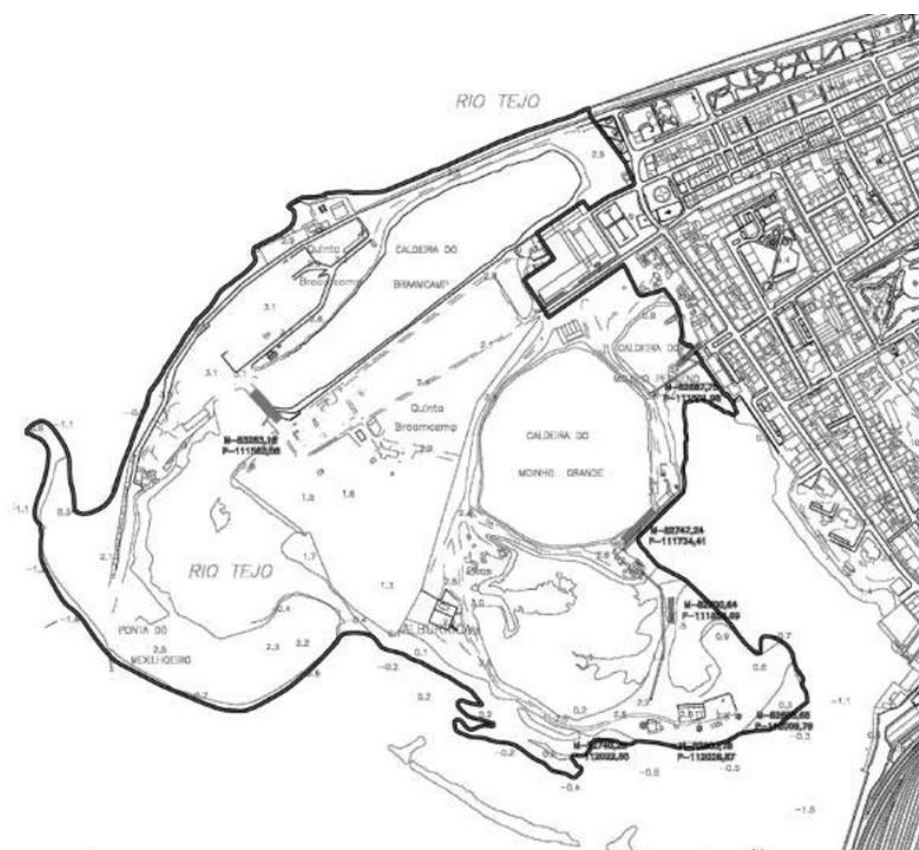
CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante

1993.



2002.





ORTOFOTOMAPAS E VISTA AÉREA

Ortofotomapa: Alburrica
– Barreiro – Lisboa.



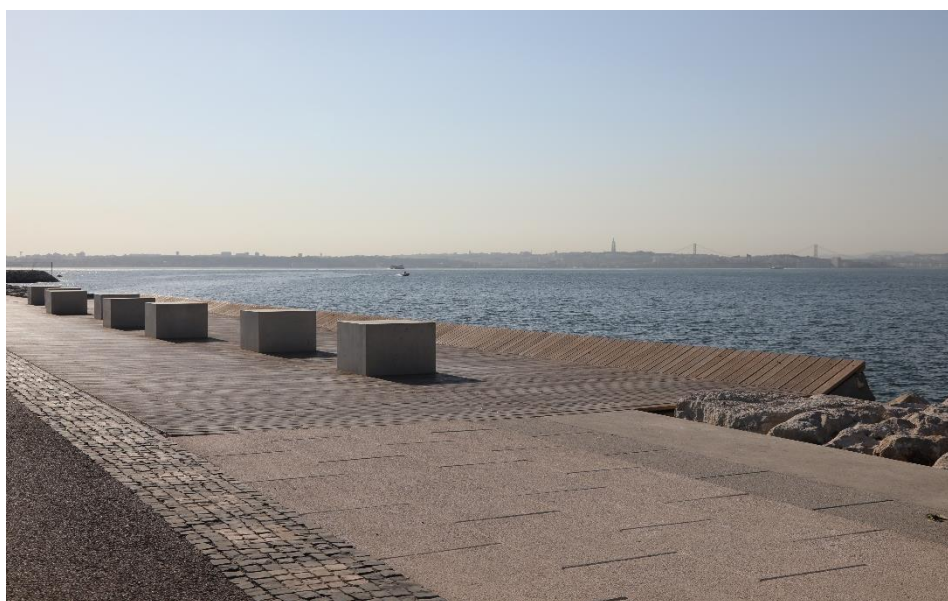
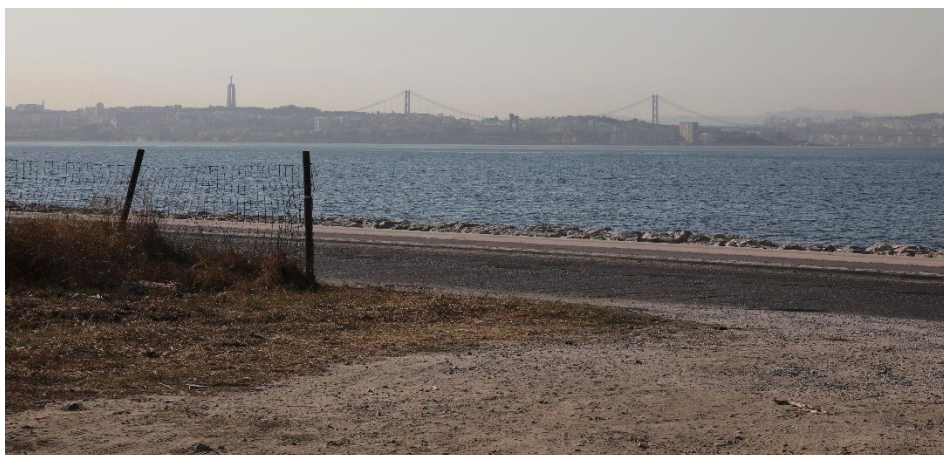
Ortofotomapa: Alburrica
– Barreiro.



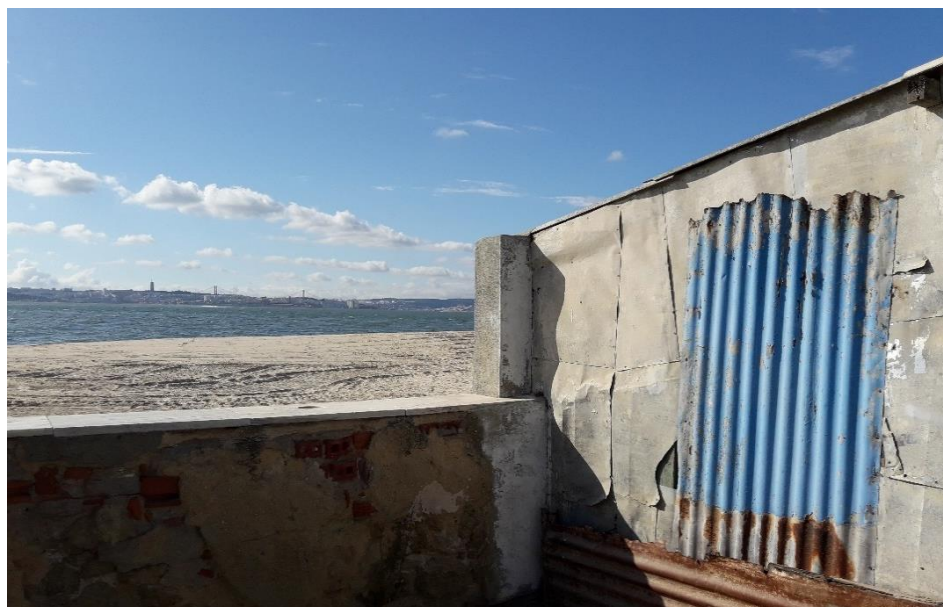
Vista aérea de Alburrica.



REGISTOS FOTOGRÁFICOS COMPLEMENTARES



CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante



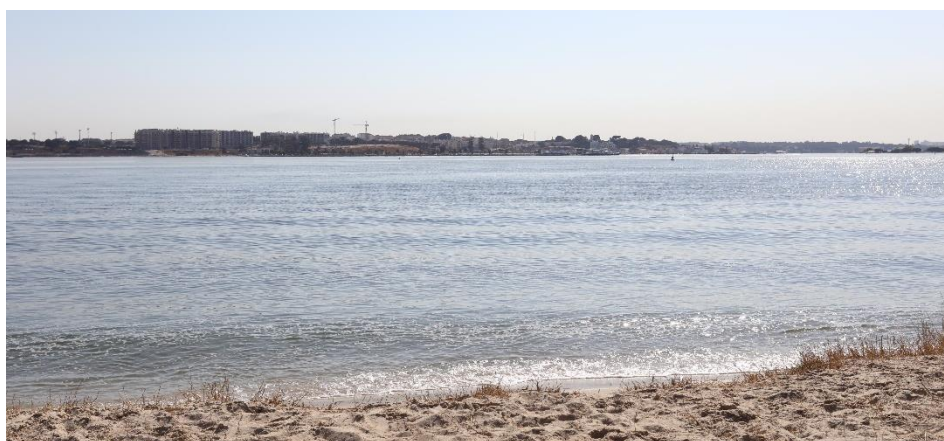


CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante





CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante



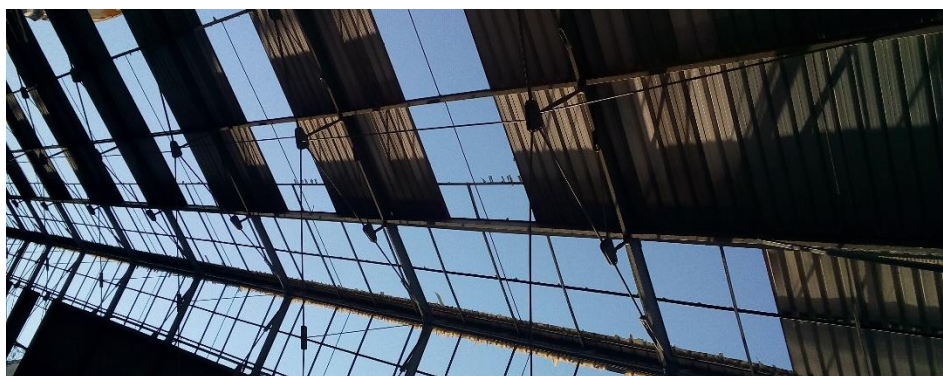
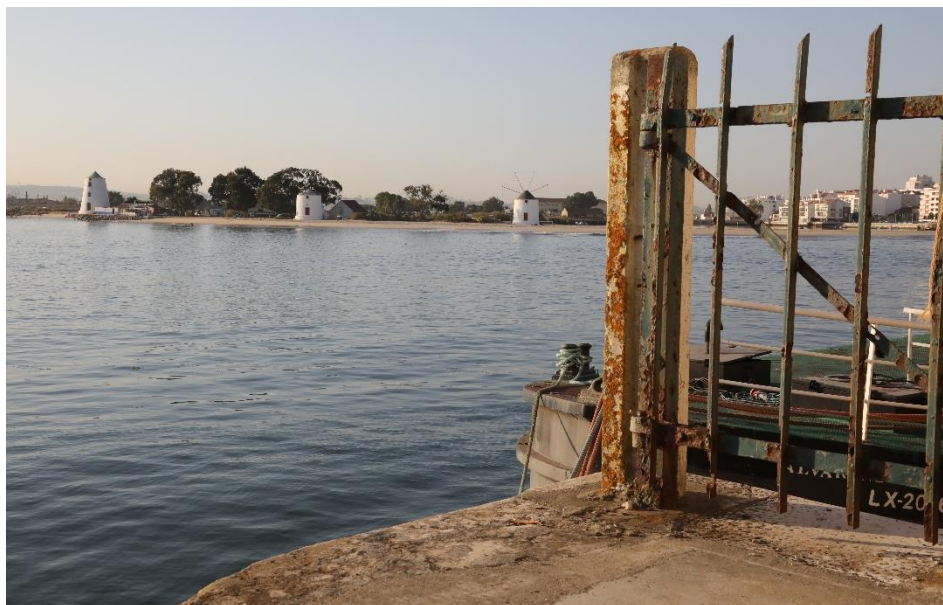


CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante



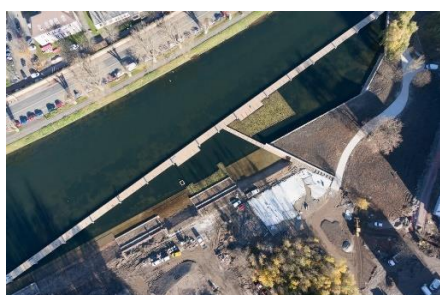
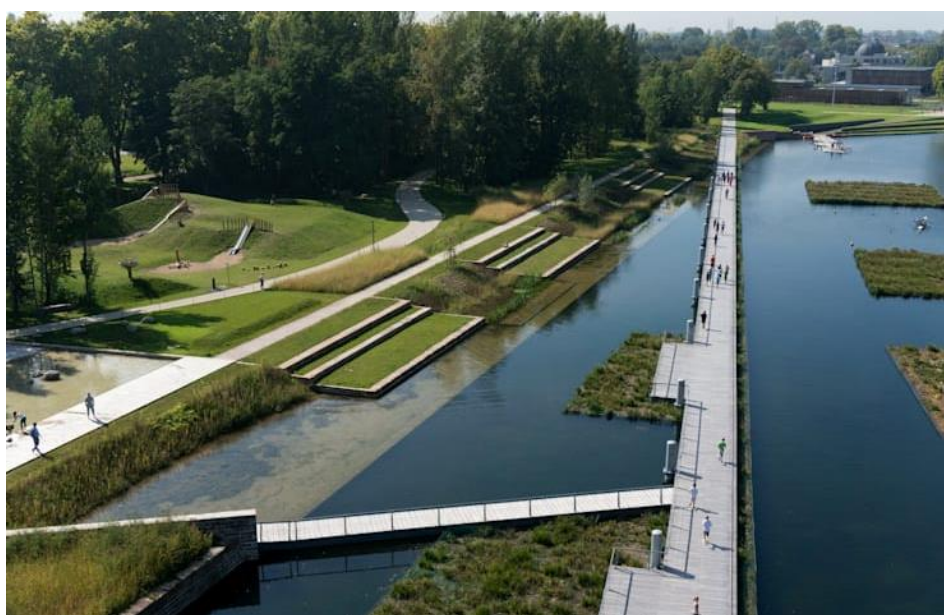


CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante



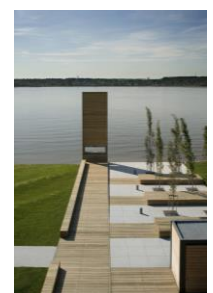
REFERÊNCIAS PROJECTUAIS COMPLEMENTARES

Parc du Heyritz. Strasbourg, França.

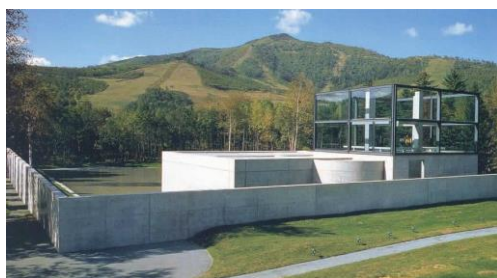
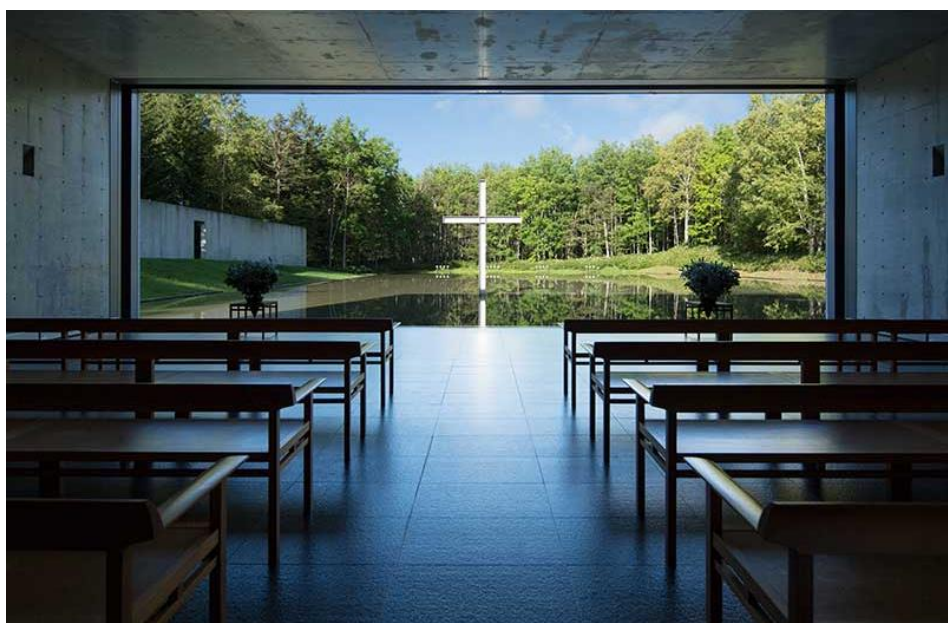


CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante

Promenade Samuel de Champlain. Quebec, C  nada.



Igreja sobre água. Hokkaido, Japão.

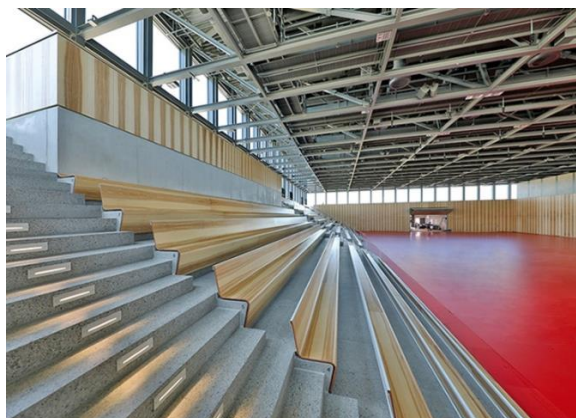
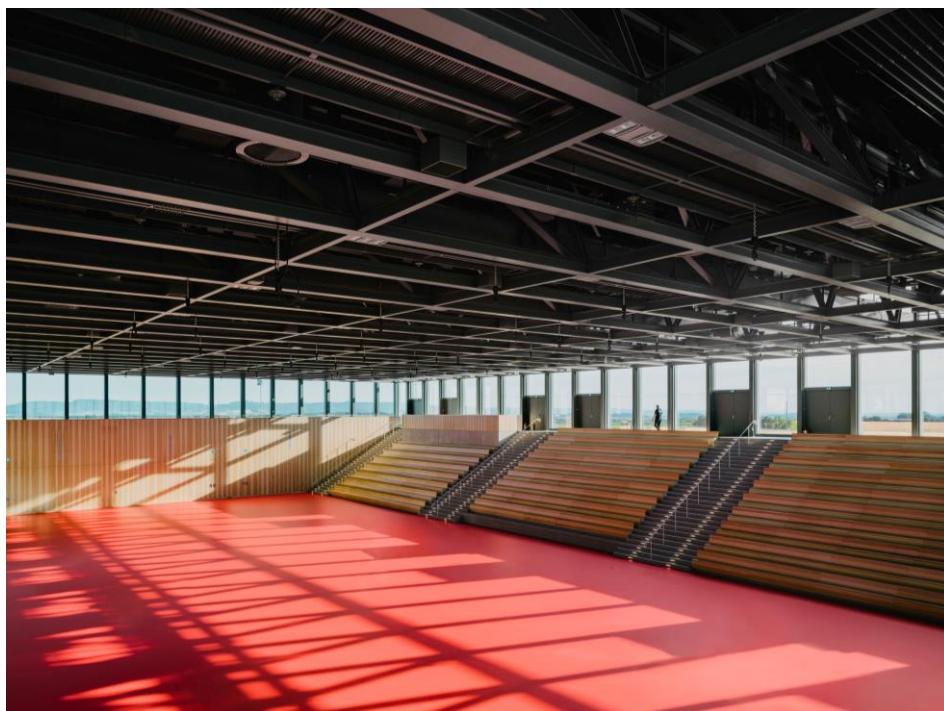


CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante

Auditório Ibirapuera. São Paulo, Brasil.

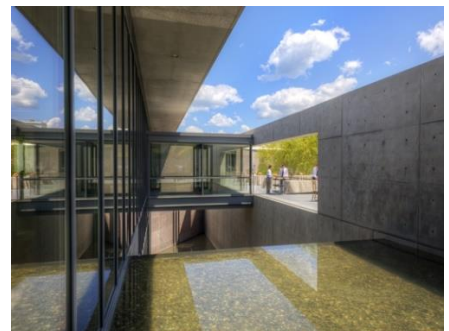


Carmen Würth Forum. Künzelsau, Alemanha.



CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante

Clark Art Institute. Massachusetts, Estados Unidos.



Proposta Thames River Museum. Londres, Inglaterra.

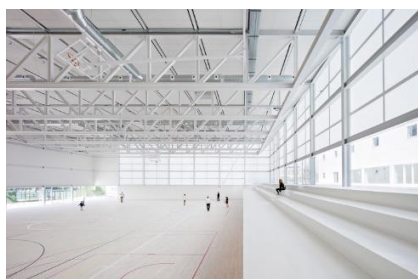
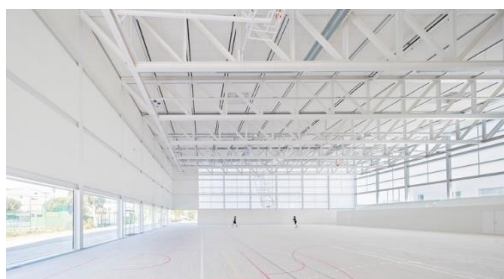


CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante

Caleidoscópio. Lisboa, Portugal.

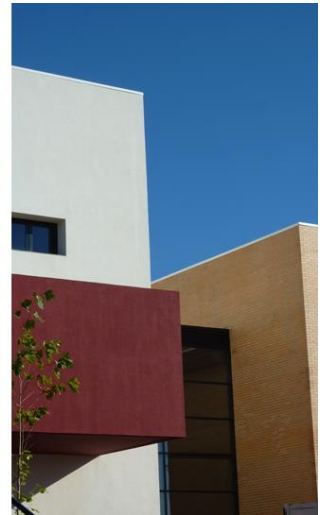


Pavilhão Desportivo da Universidade Francisco de Vitoria. Madrid, Espanha.

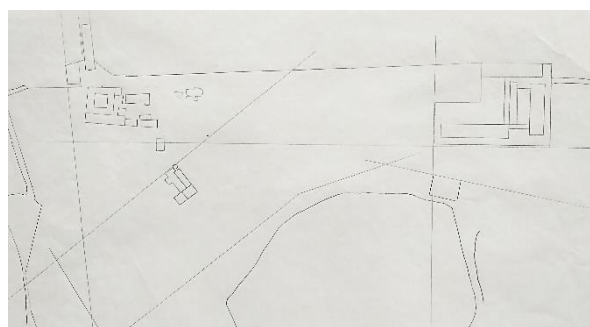
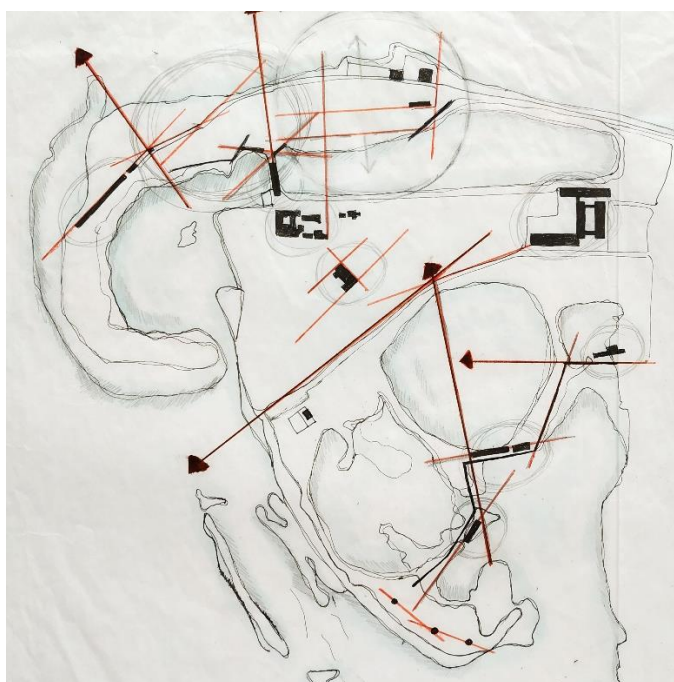
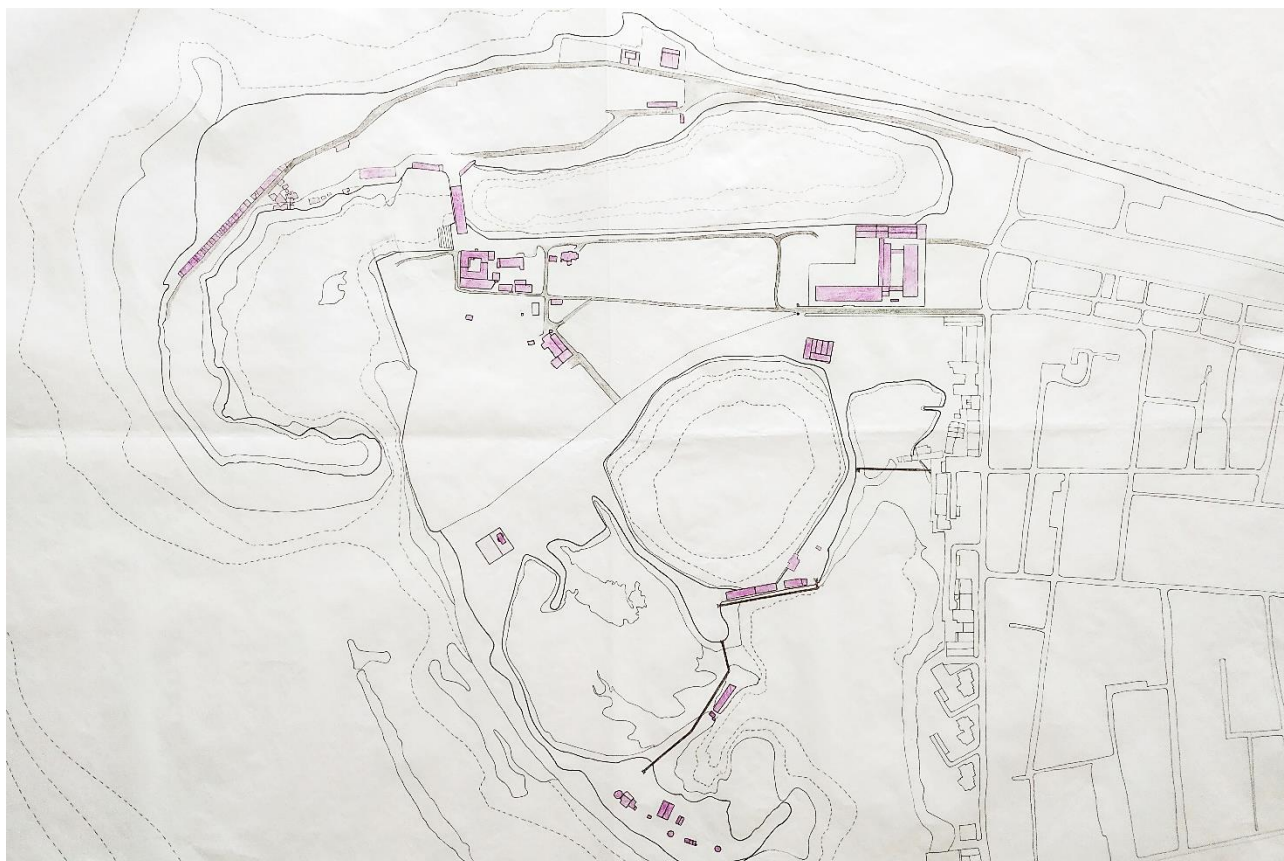


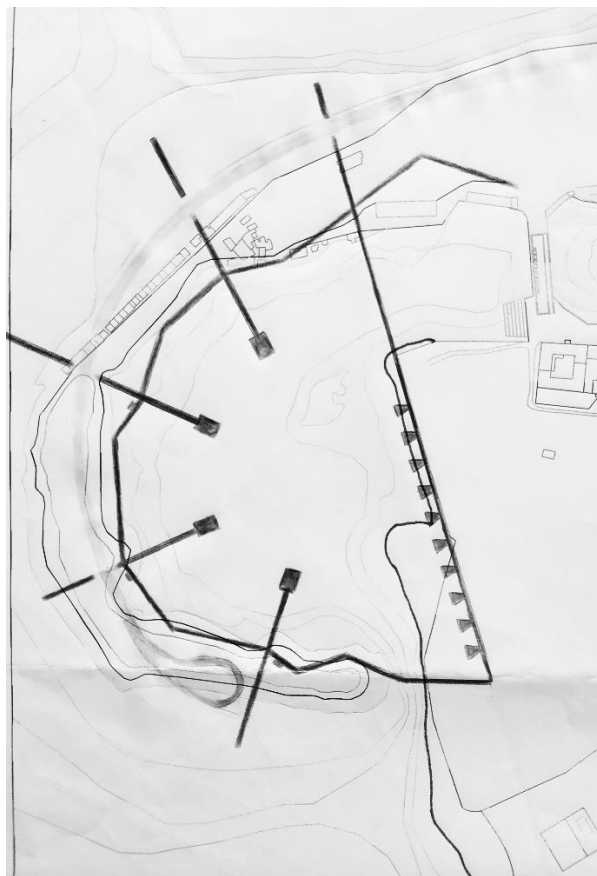
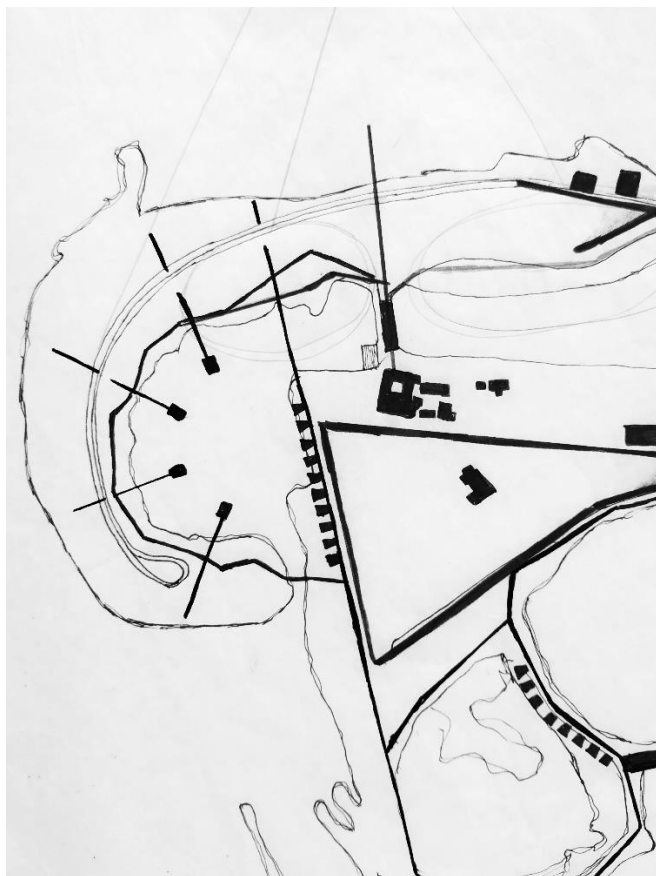
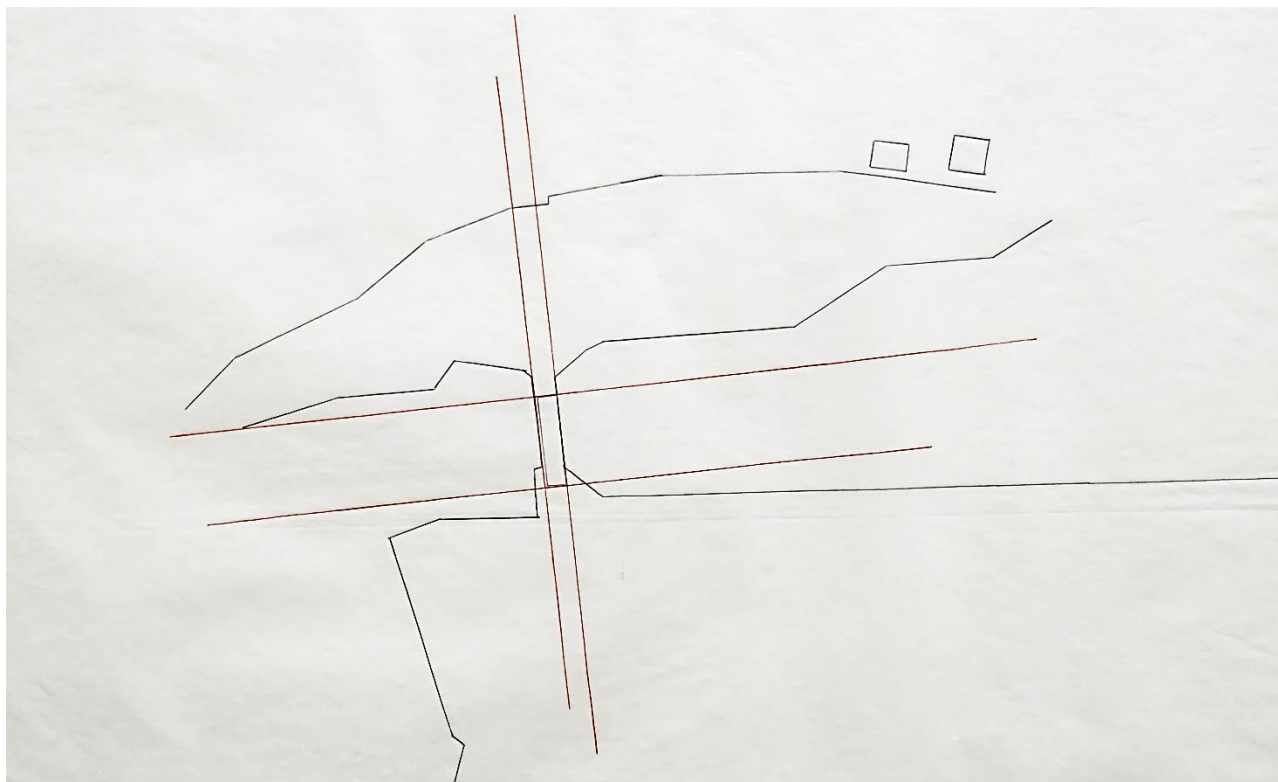
CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante

Pavilhão Multiusos de Odivelas. Lisboa, Portugal.

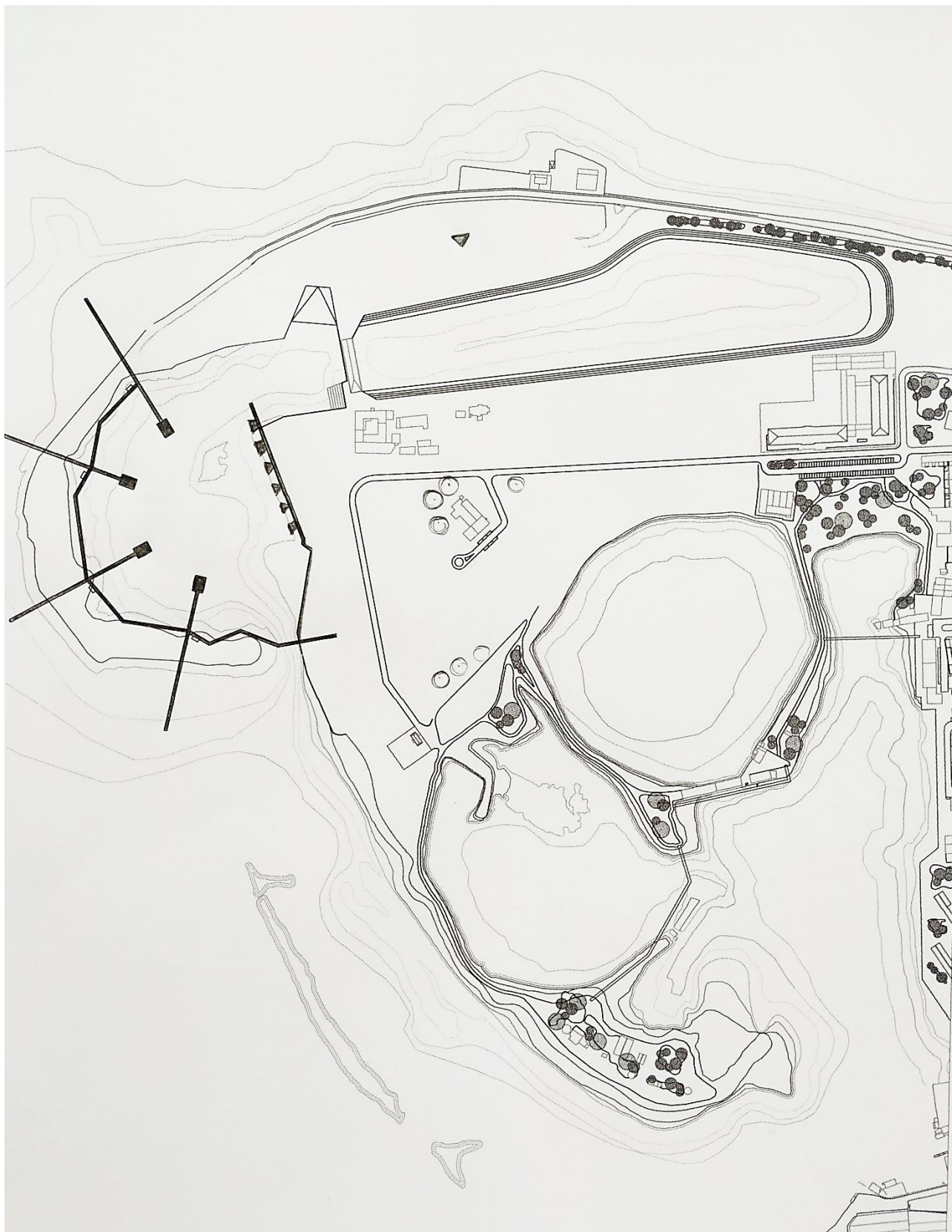


PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

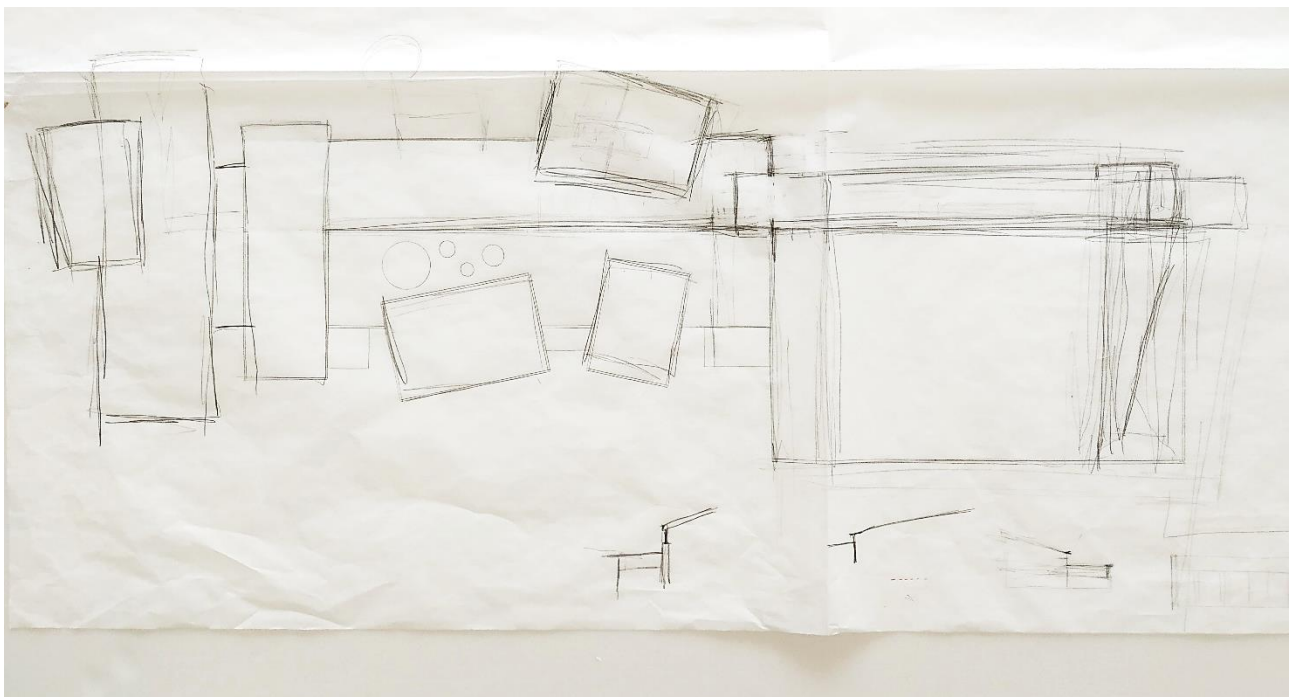




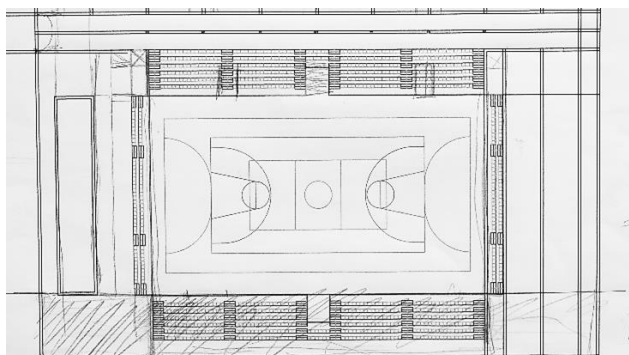
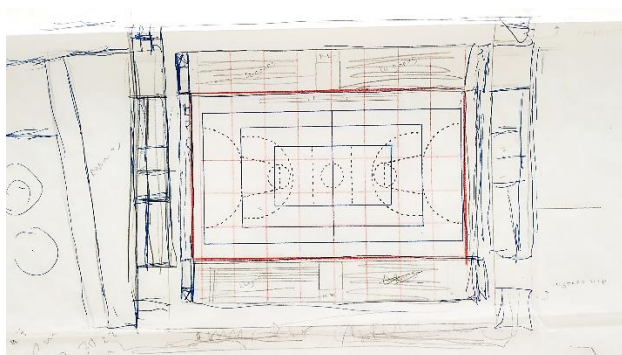
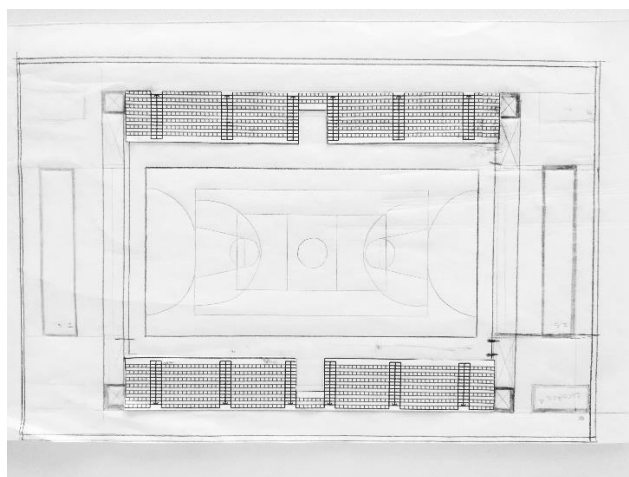
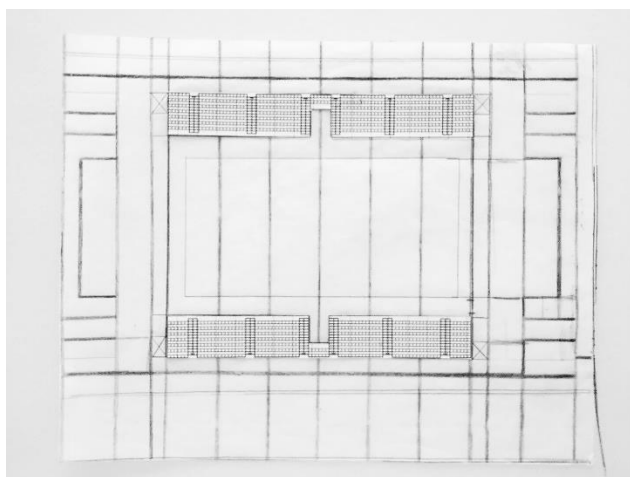
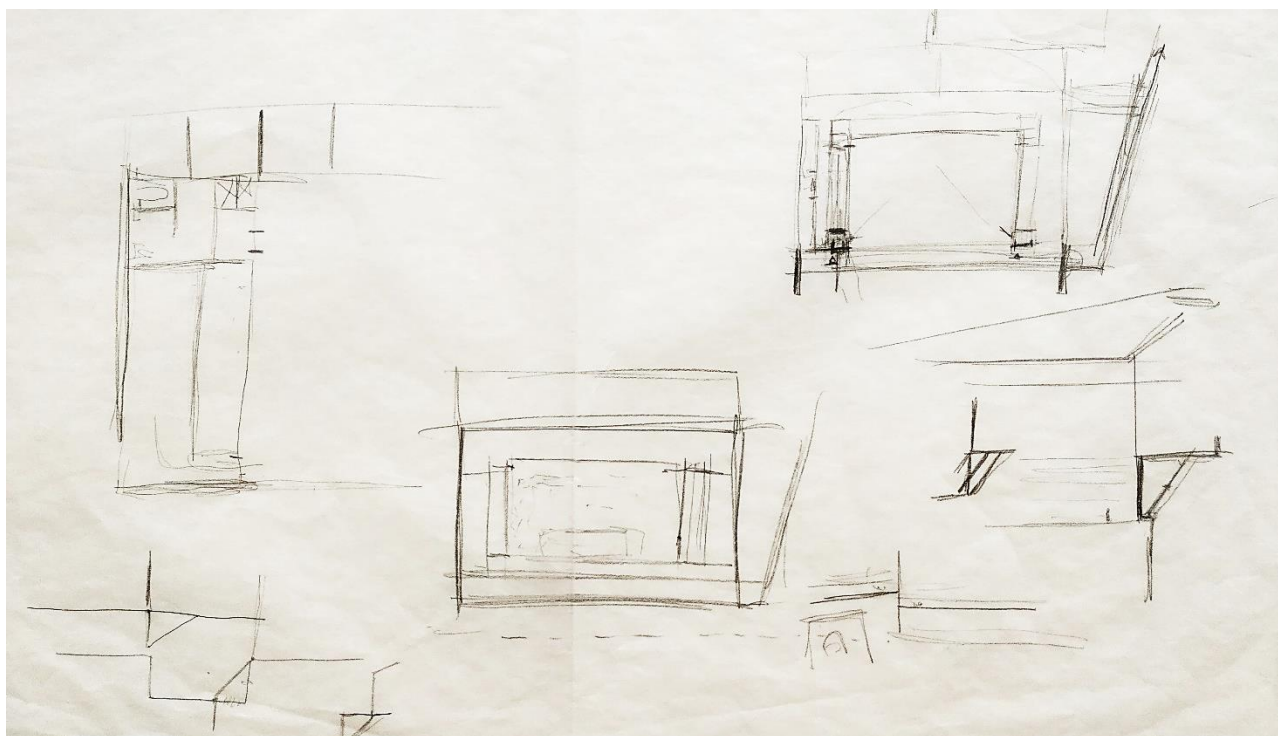


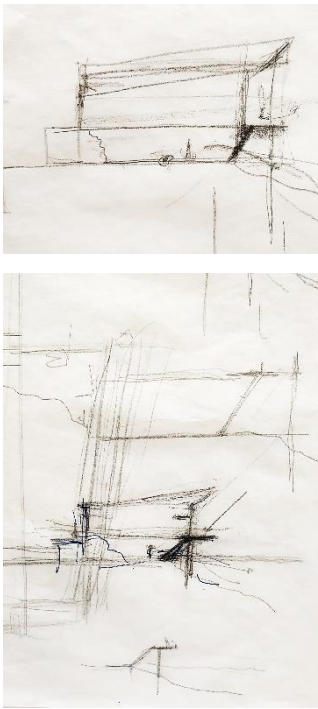
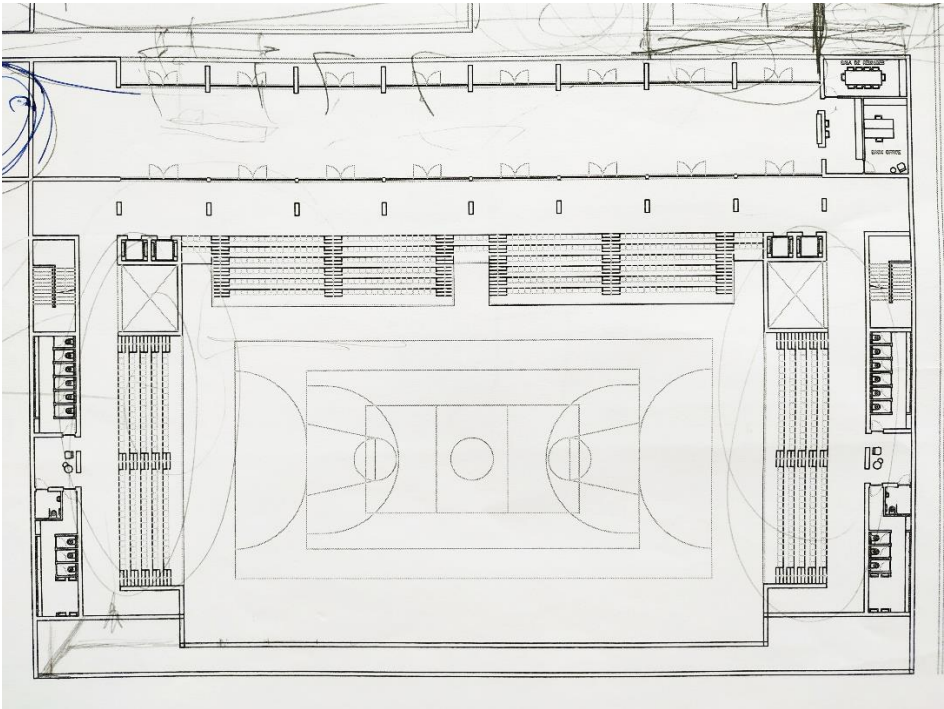
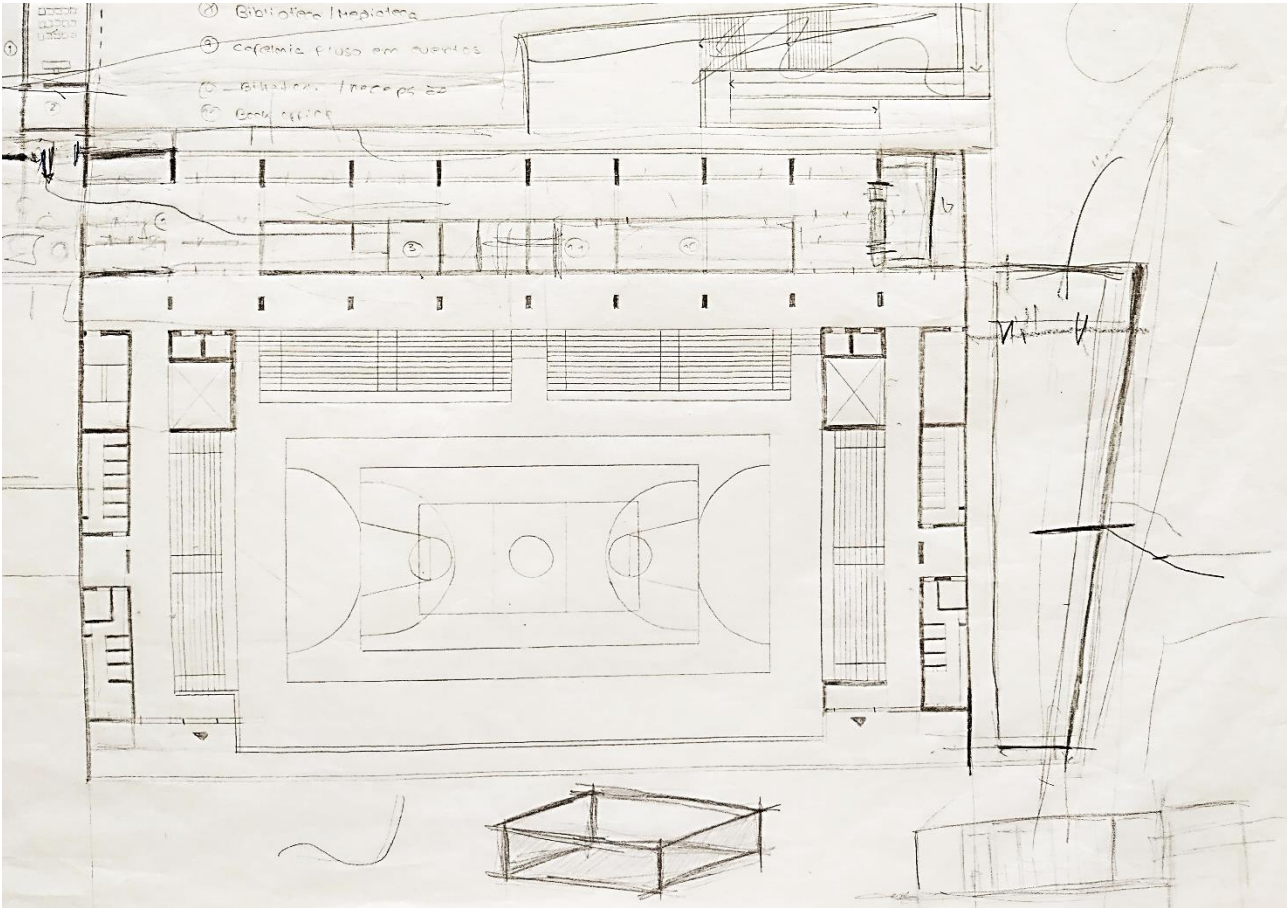


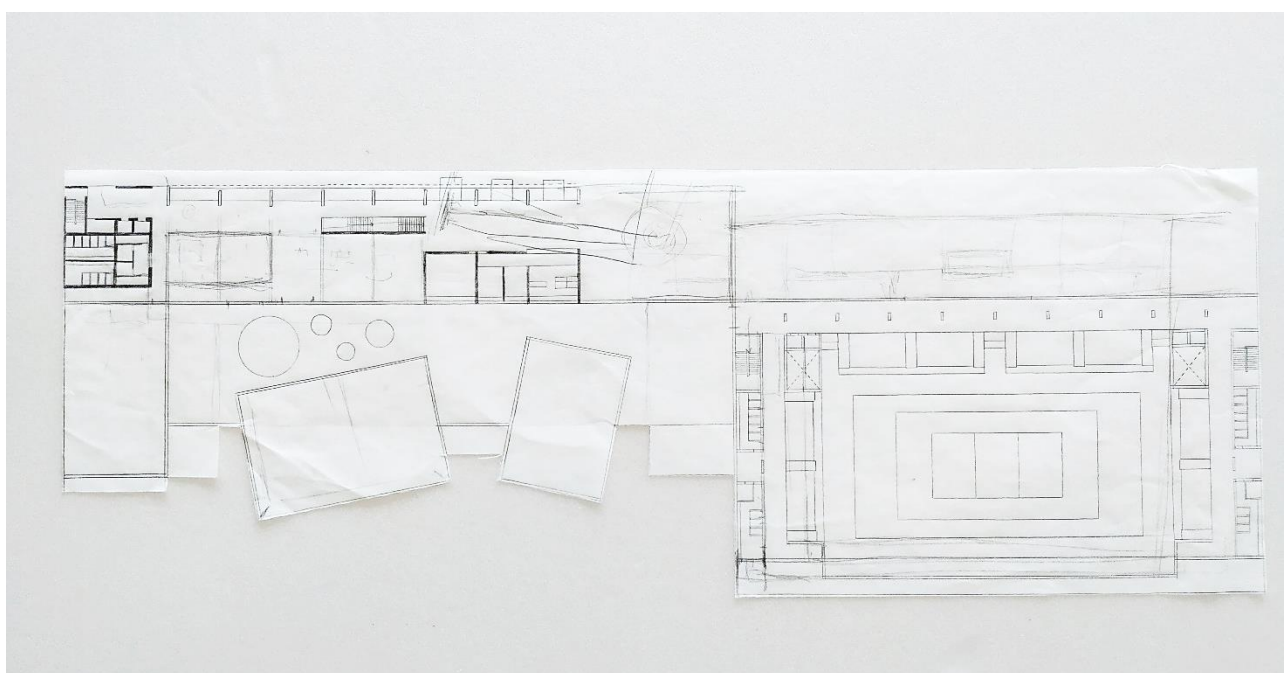
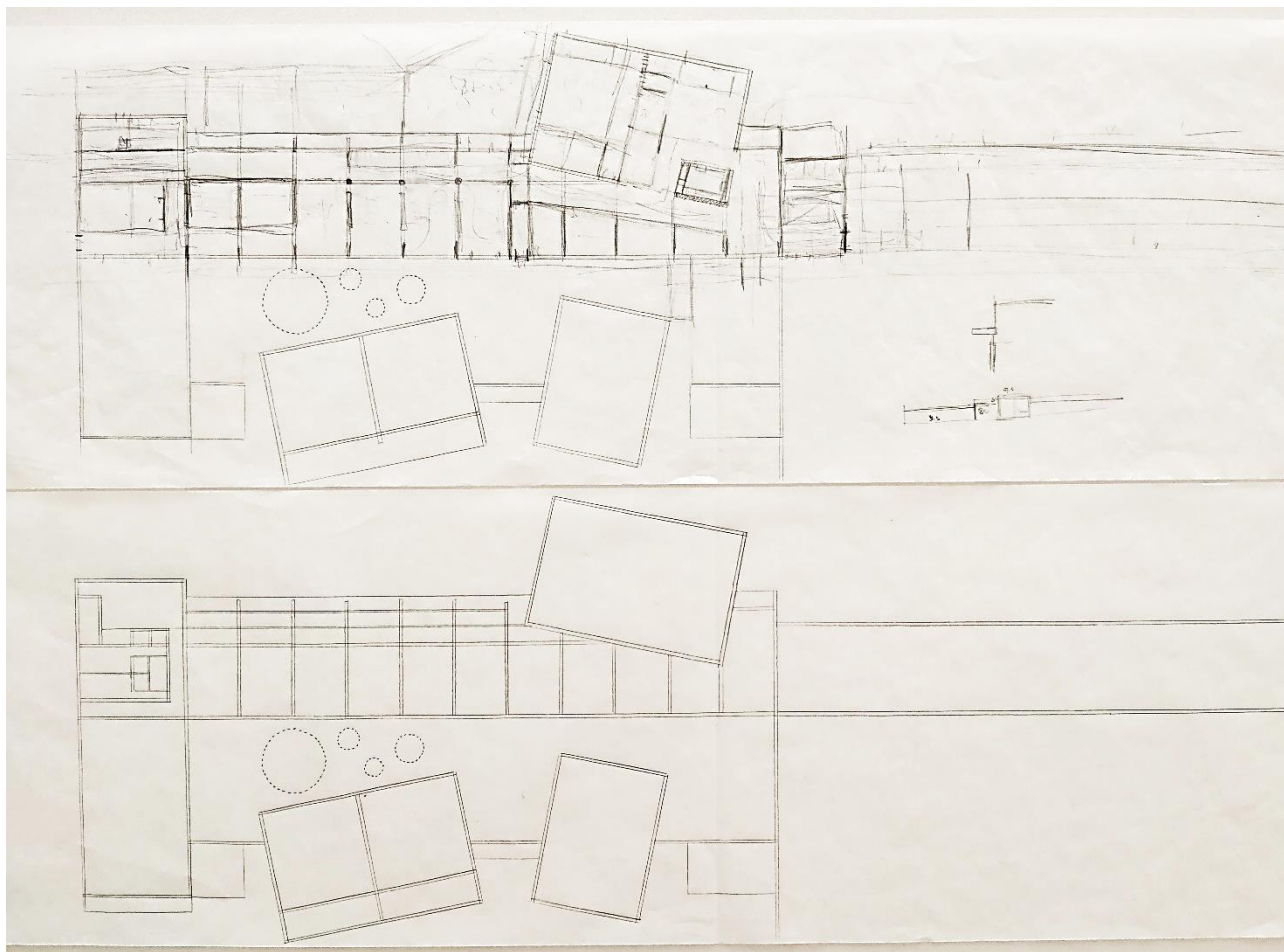
| Áreas de Actividade Desportiva (Campos, Pistas ou Áreas aquáticas) | Áreas de Serviços e de Apoio | Instalações de administração e serviços gerais |
|---|---|---|
| <p>Ginásio para desenvolvimento da condição física (500m²)</p> <p>Estúdios de aulas em grupo (2 minino)</p> <p>Nave desportiva e multiusos (48x30m)</p> <p>Ginásio modalidades colectivas (32x20)</p> <p>Espaço de preparação e recuperação</p> <p>Área de relaxamento e massagem:</p> <p>Sauna, Banho-turco, Jacuzzi e Hidroterapia</p> <p>Piscina coberta (25x5,65 m com 2,20 a 1,70 m de profundidade)</p> <p>(Instalações técnicas)</p> <p>Pista coberta (300m)</p> <p>Pista de velocidade (60m ou 100m)</p> <p>Pista de salto em distância</p> <p>Parque de escalada</p> | <p>Balneários</p> <p>Funcionários (1 mín.)</p> <p>Treinadores (1 mín.)</p> <p>Arbitros e juizes (1)</p> <p>Praticantes (6) (4 mín.)</p> <p>Posto-médico</p> <p>Gabinete primeiros-socorros</p> <p>Gabinete médico - diagnóstico e condicionamento físico</p> <p>Gabinete de controlo antidopagem</p> <p>Arrumos</p> <p>Arrecadações de material desportivo</p> <p>Central Técnica</p> <p>Lavandaria</p> <p>Áreas de apoio como cozinha</p> <p>Salas de aula</p> | <p>Recepção</p> <p>Controlo e vigilância</p> <p>Secretária</p> <p>Serviços administrativos</p> <p>Espaços de reunião</p> <p>Sala de reuniões de treinadores (equipas técnicas)</p> <p>Instalações para funcionários e pessoal da manutenção</p> <p>Sala de convívio com cafetaria para funcionários e pessoal de manutenção</p> |
| Áreas de público, utentes e da comunicação social | Áreas subsidiárias | Outras |
| <p>Bilheteiras</p> <p>Átrios de espera</p> <p>Percursos e acessos</p> <p>Instalações sanitárias</p> <p>Bar / Refeitório com explanada interior e exterior</p> <p>Zonas de convívio</p> <p>Bancadas para espectadores</p> <p>Bancadas para lugares específicos</p> <p>Cabinas de comunicação social e áudio e som</p> <p>Sala de entrevistas</p> | <p>Parqueamento</p> <p>Utentes</p> <p>Funcionários</p> <p>Técnicos (treinadores, juizes, arbitros)</p> <p>Zonas de cargas e descargas</p> | <p>Sala museu</p> <p>Zona expositiva</p> <p>Salas polivalentes</p> <p>Auditório</p> <p>Sala de estudo com biblioteca</p> <p>Áreas comerciais, de diversão e restauração</p> <p>Centro de estógiros, destinado a atletas e equipas técnicas</p> |

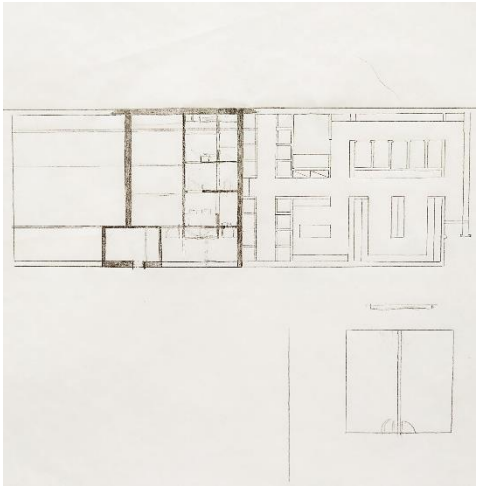
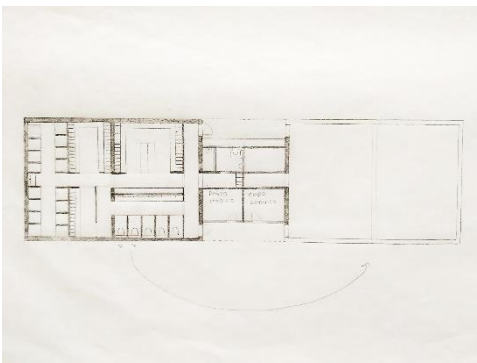
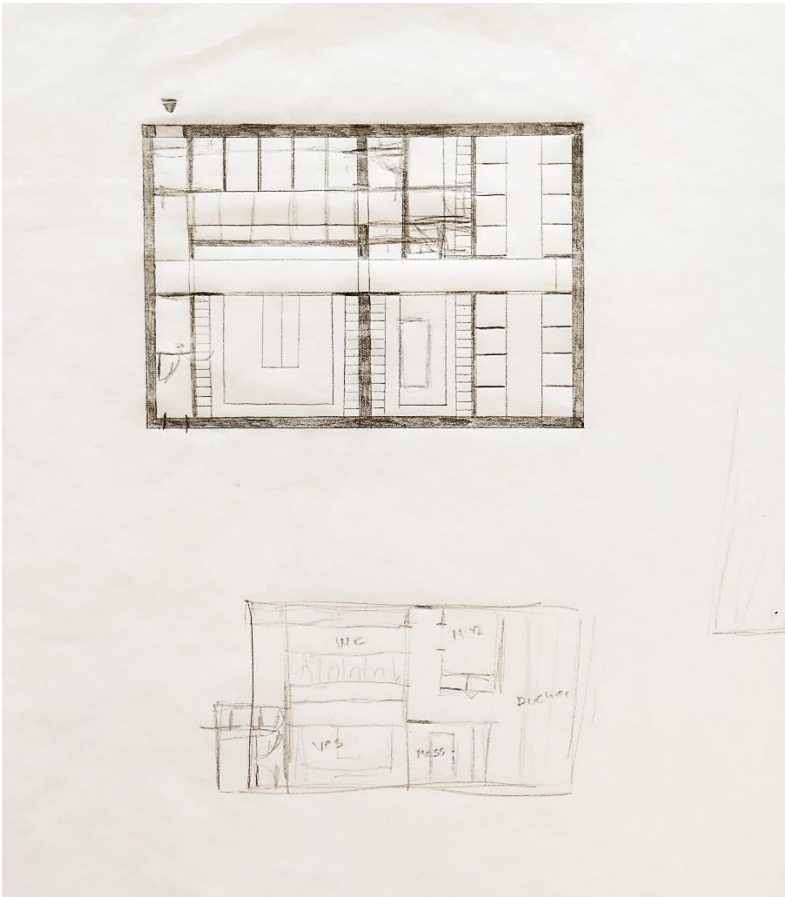
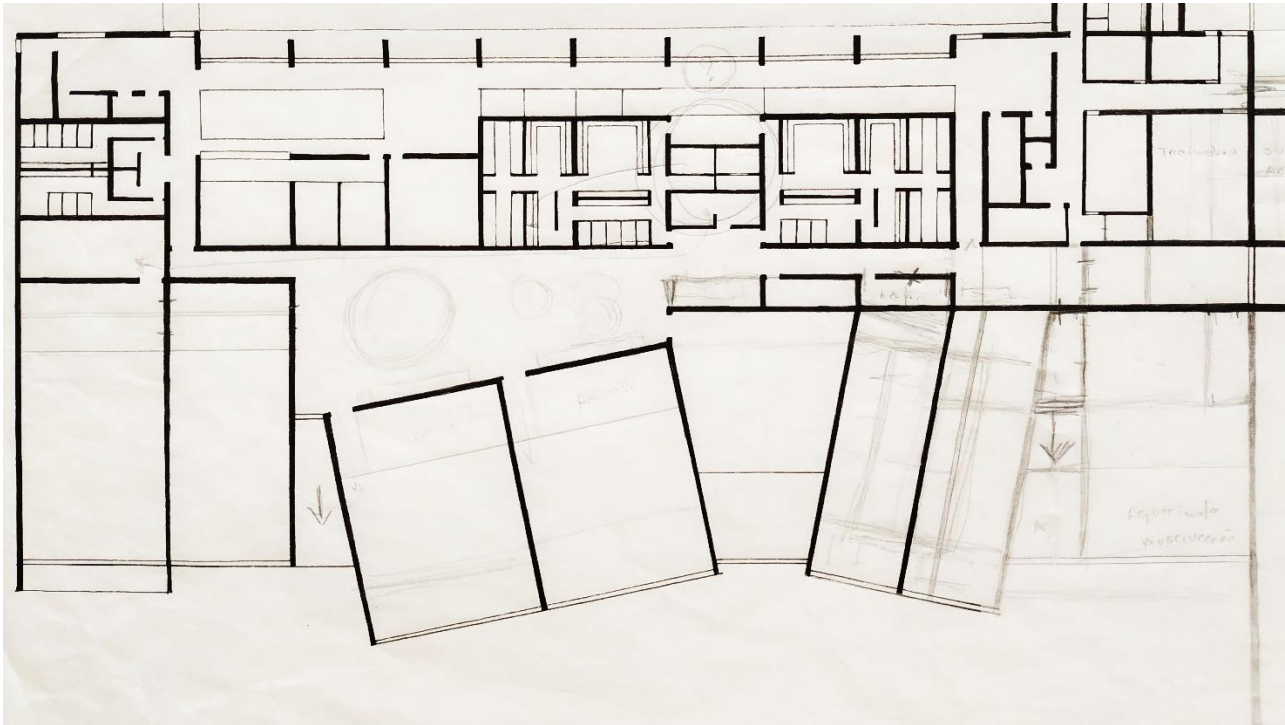


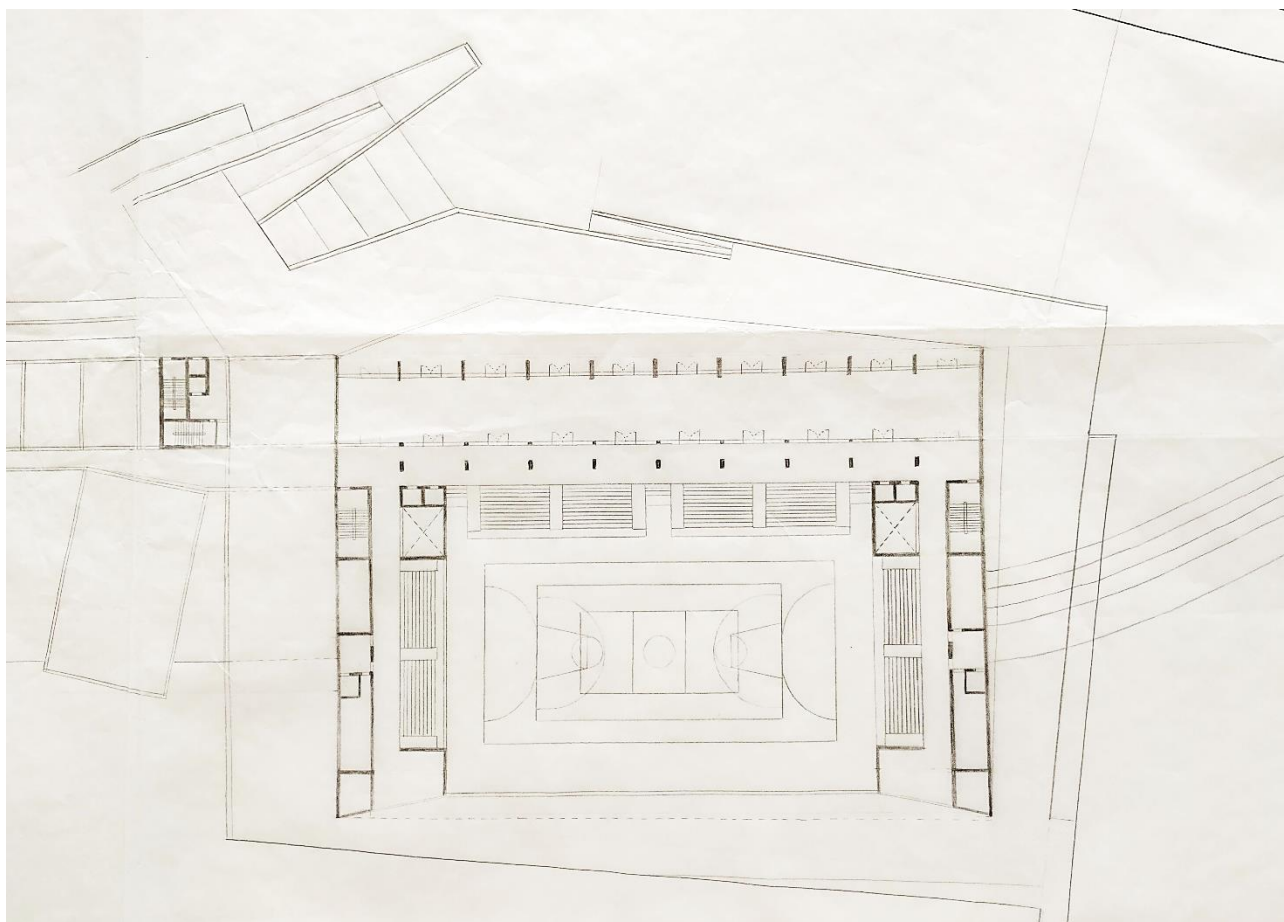
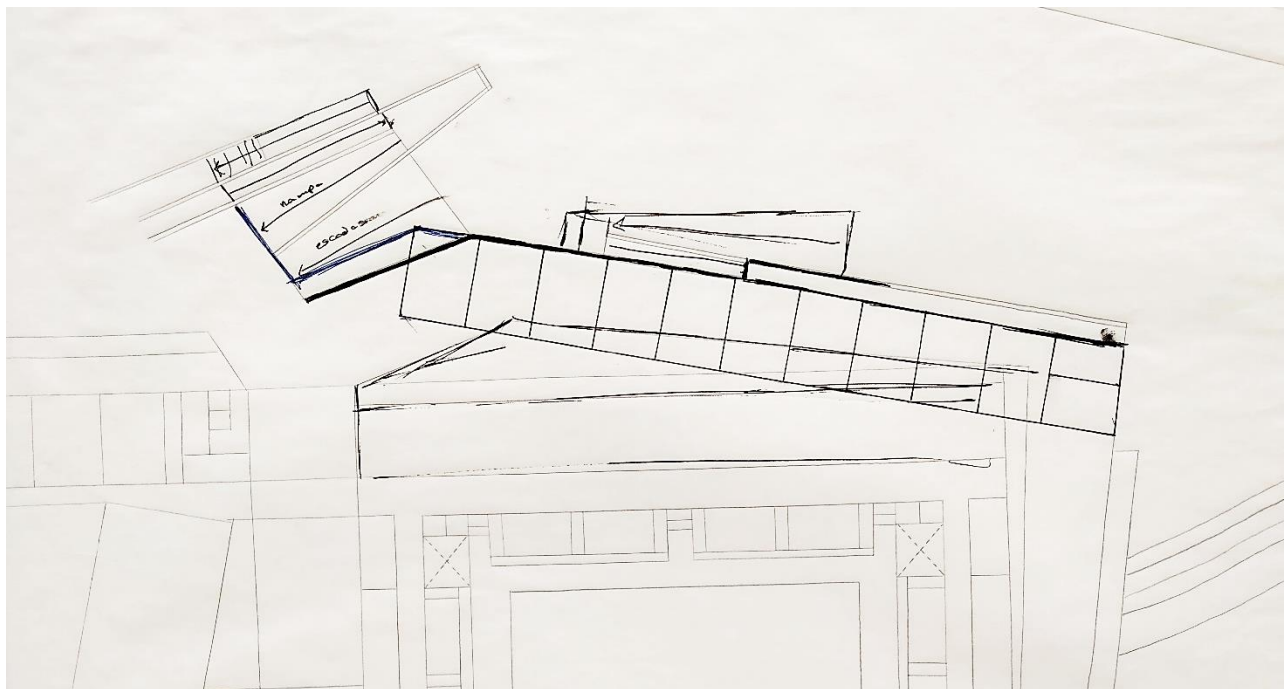
CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante

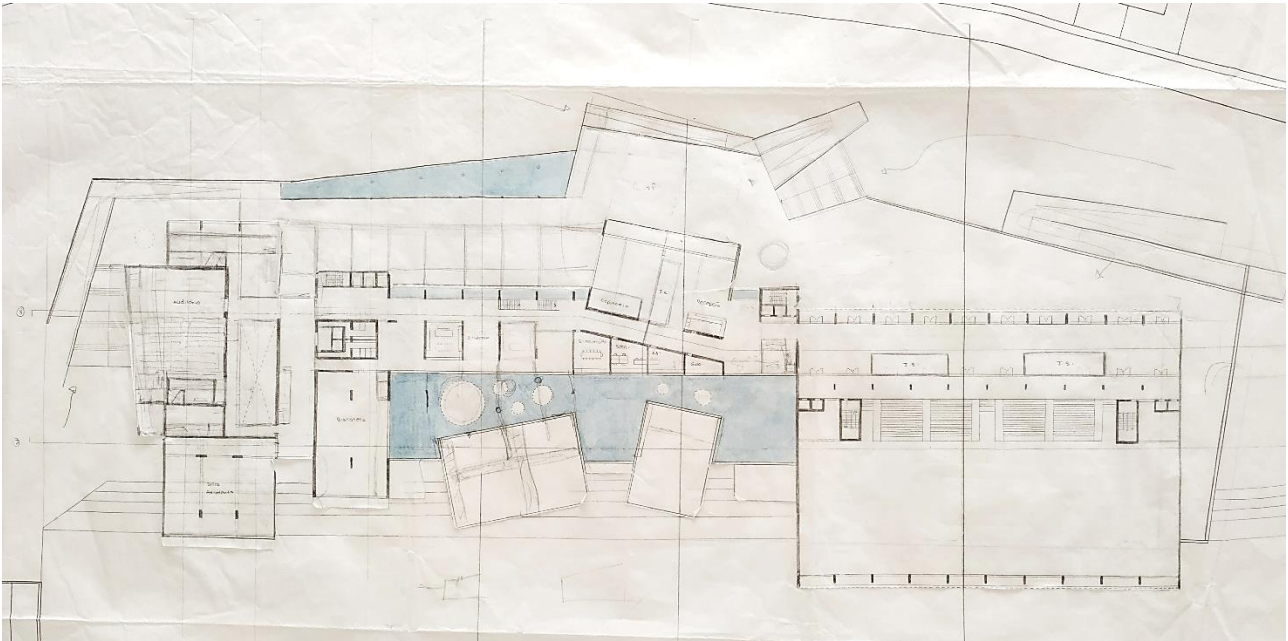
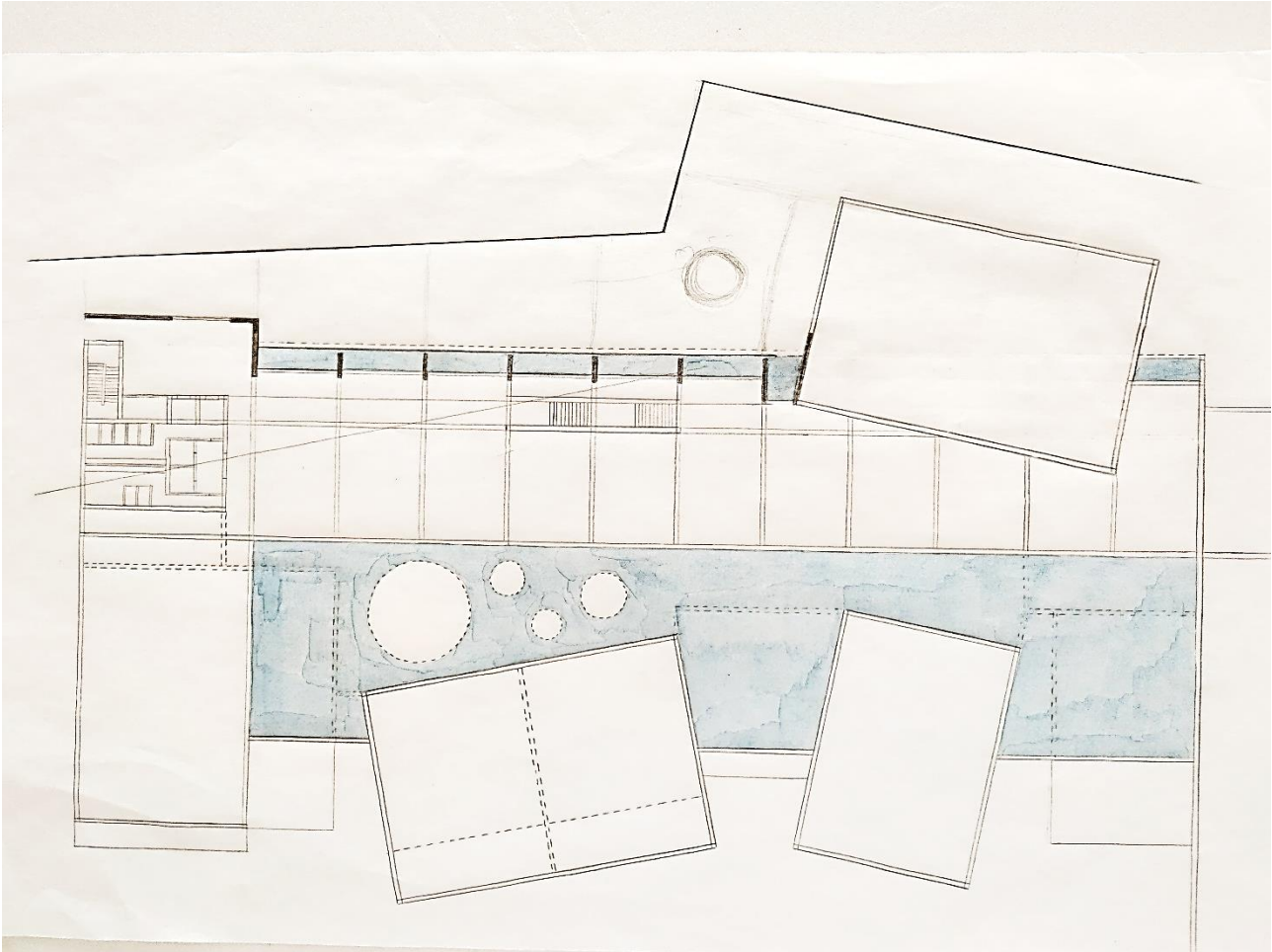




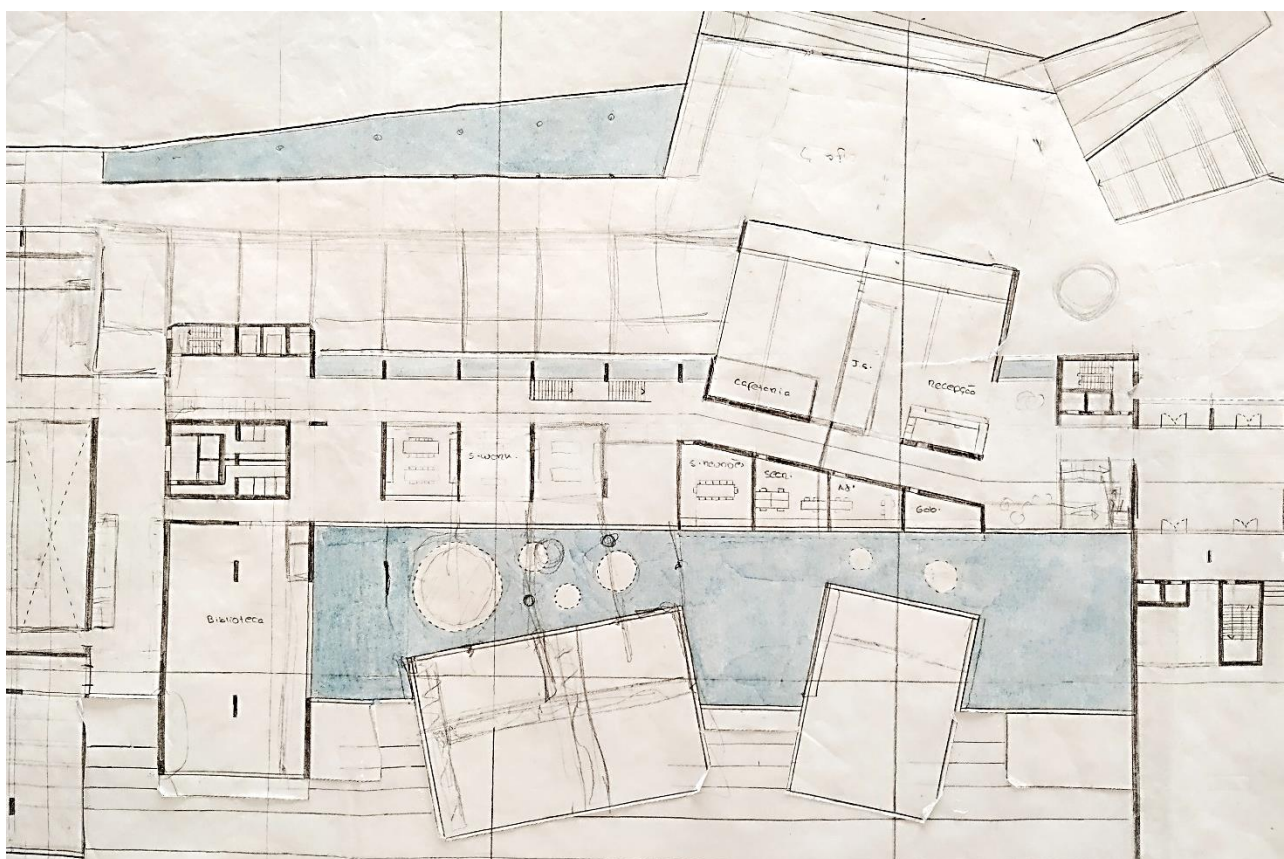
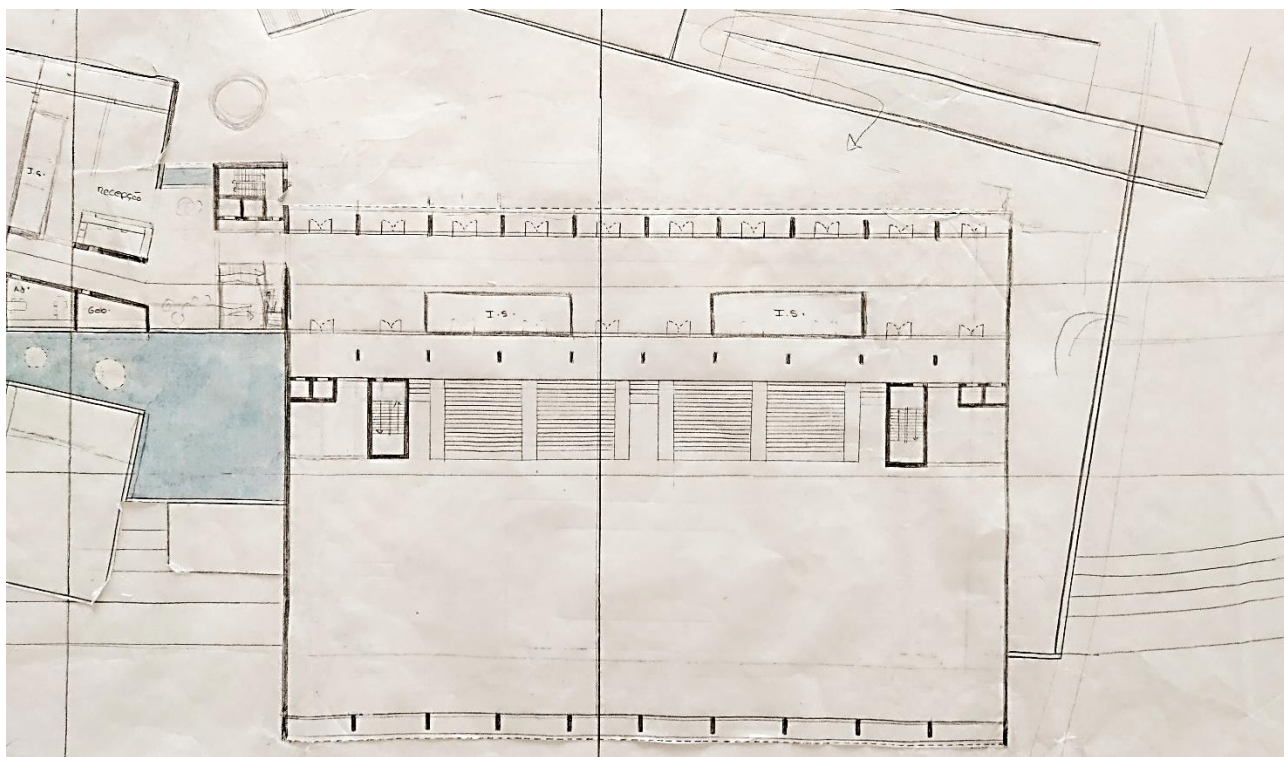


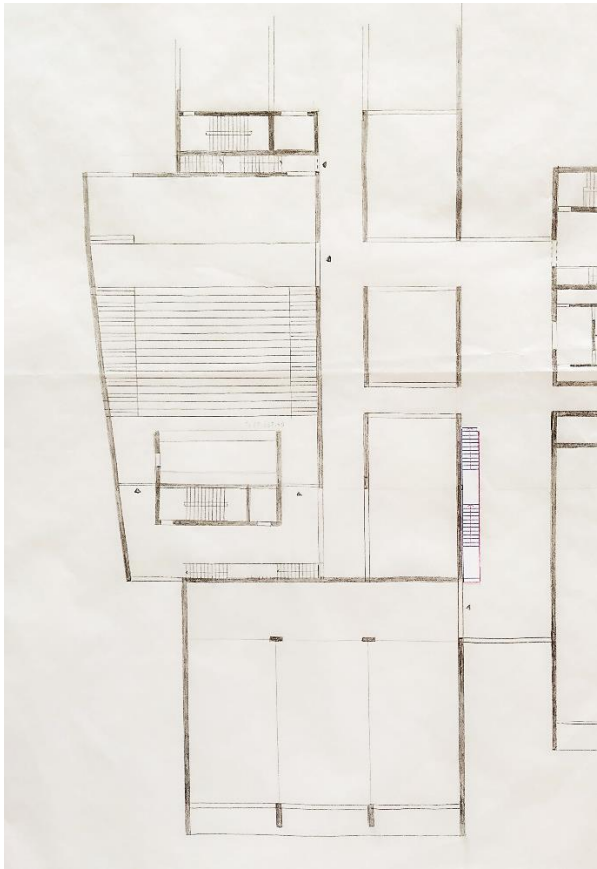
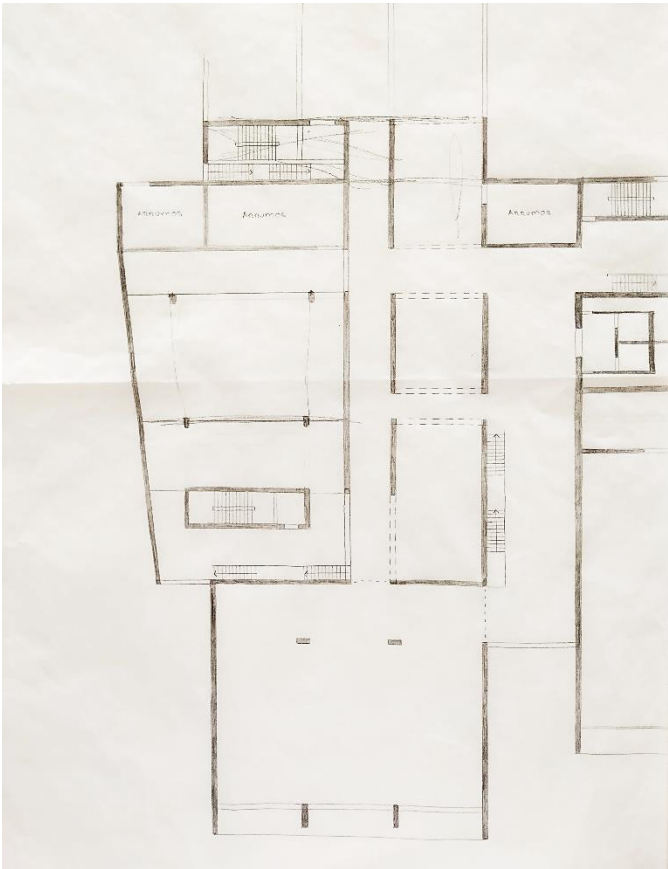
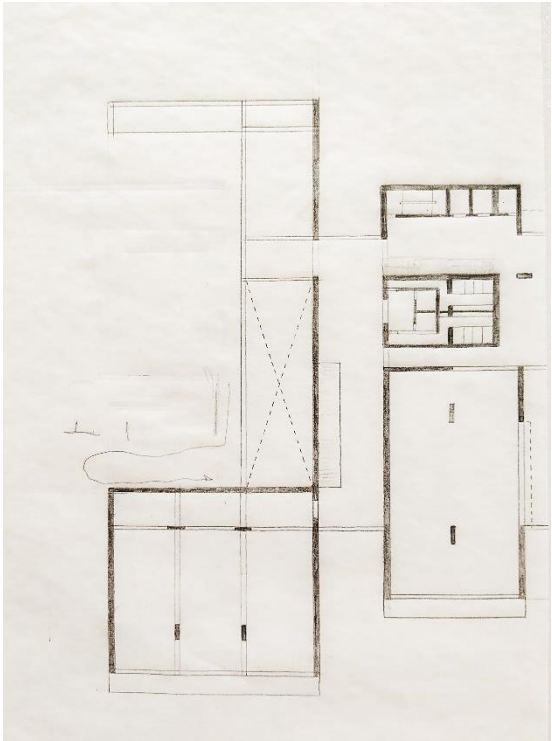
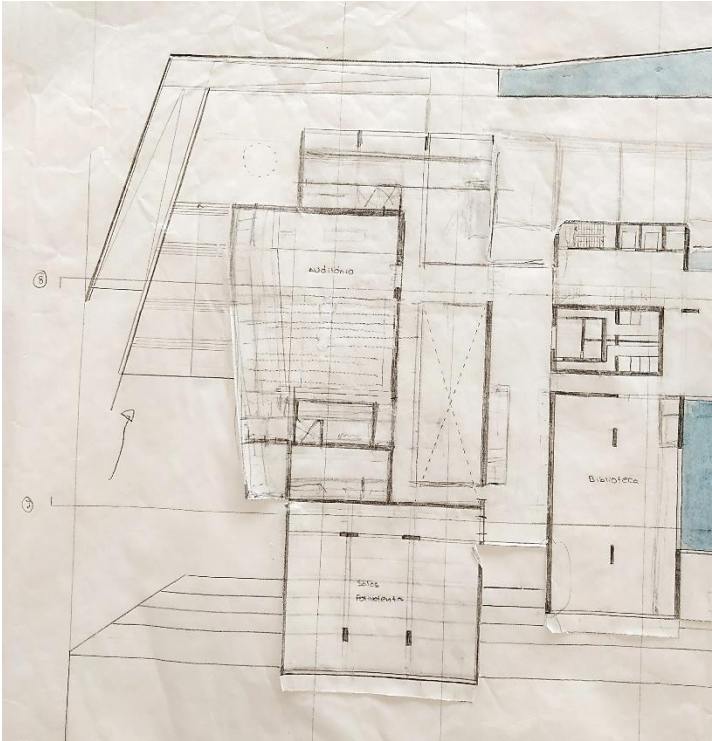


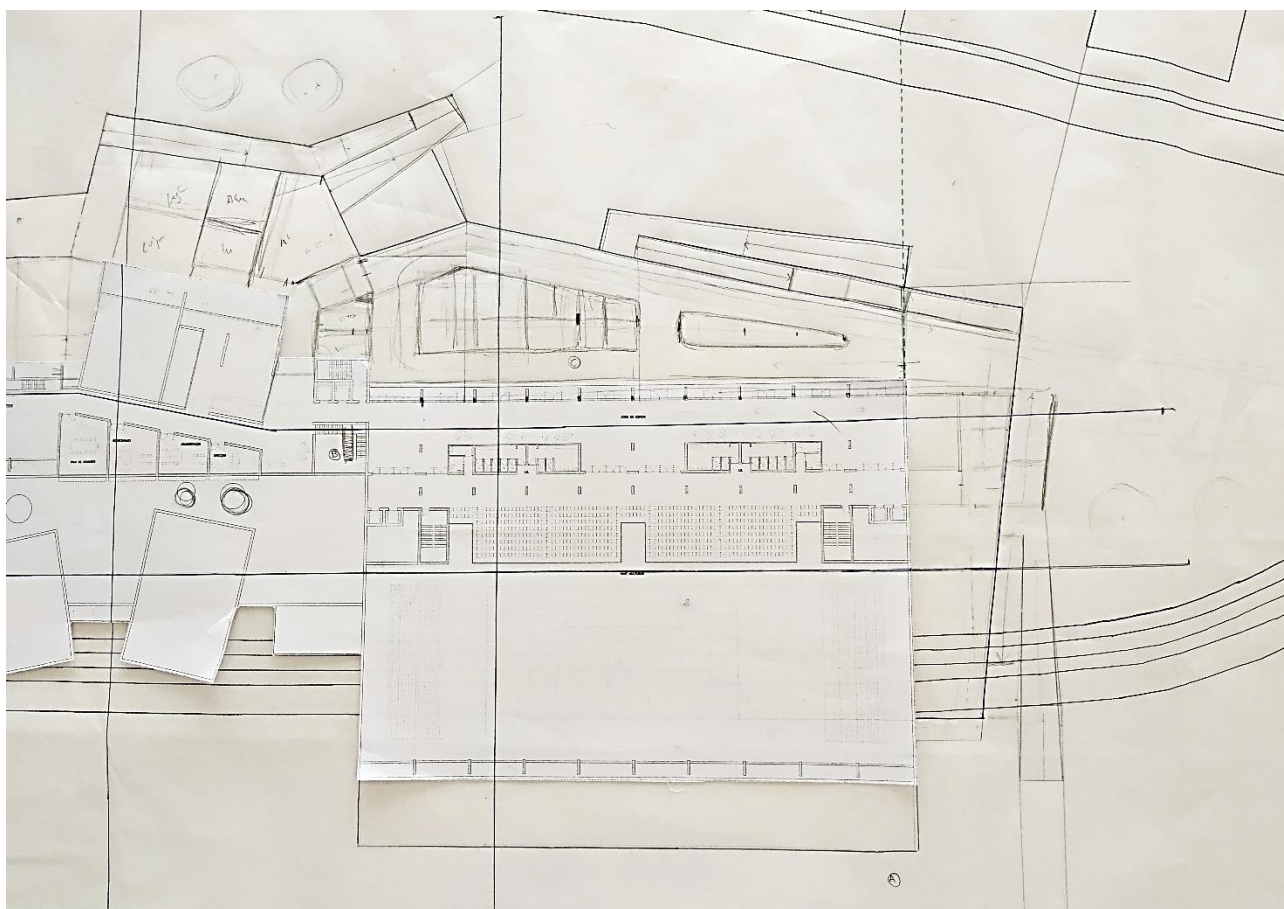
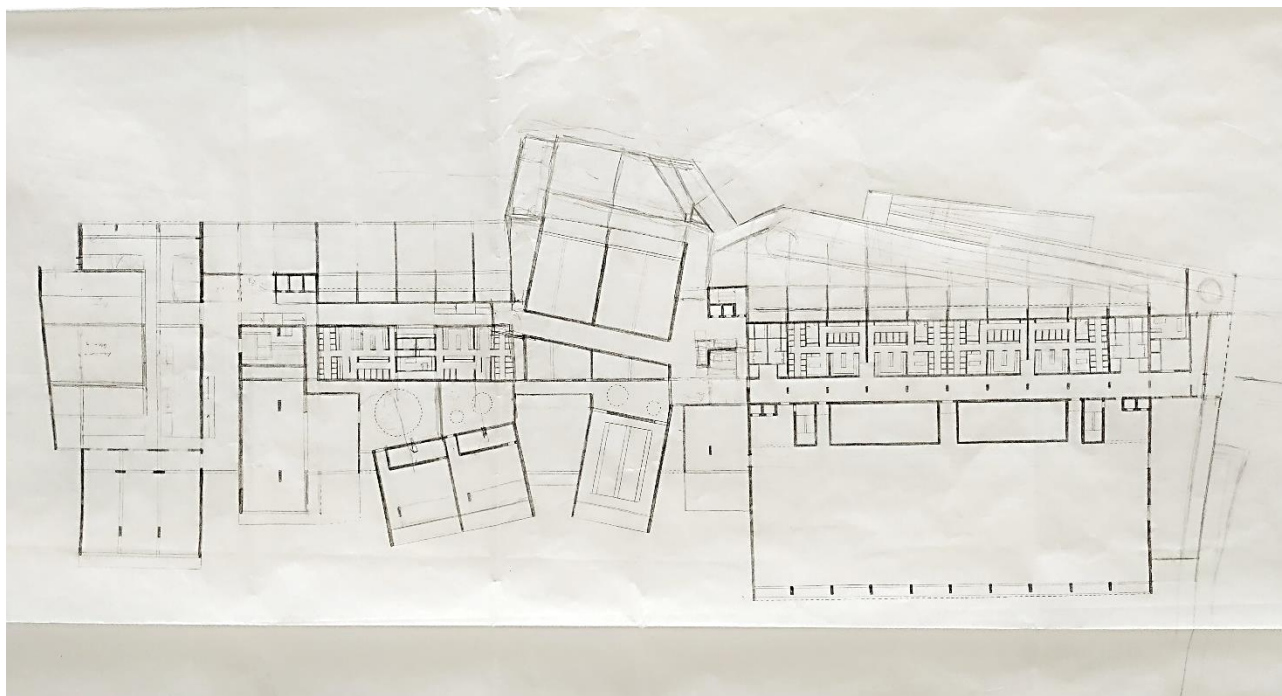


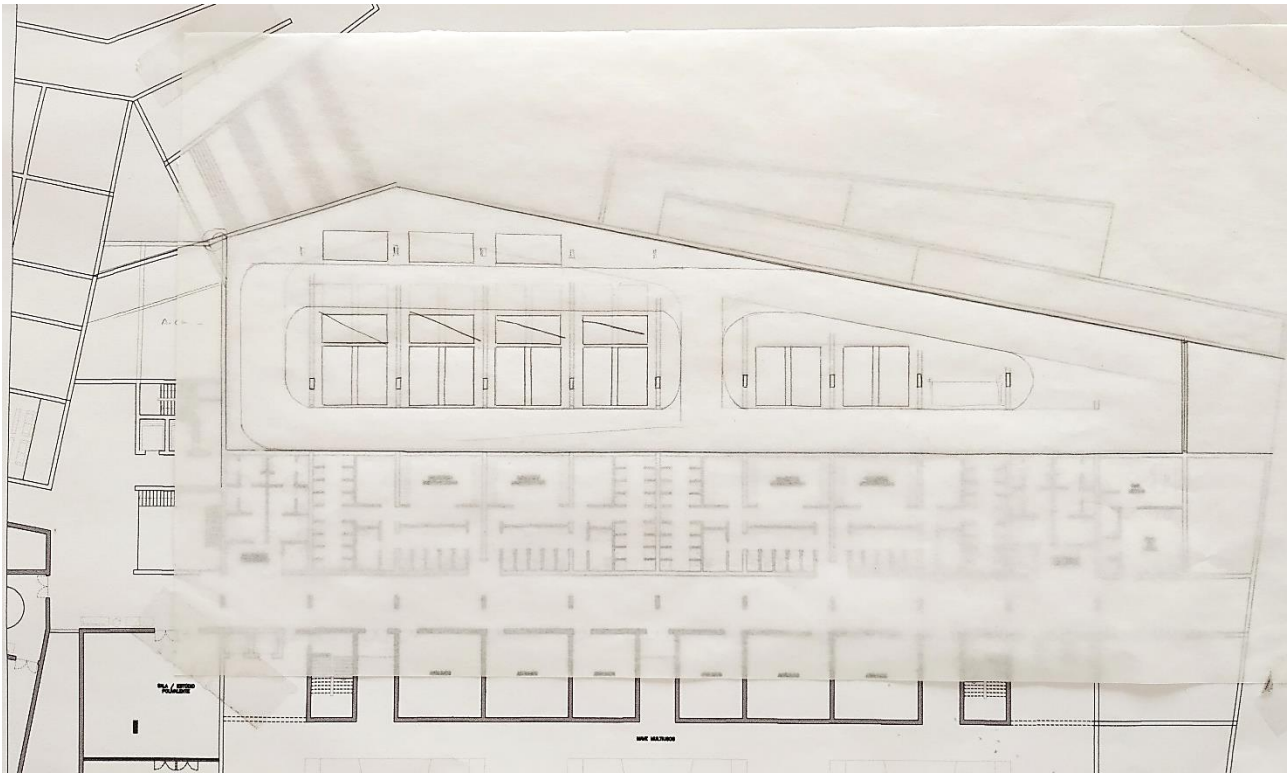
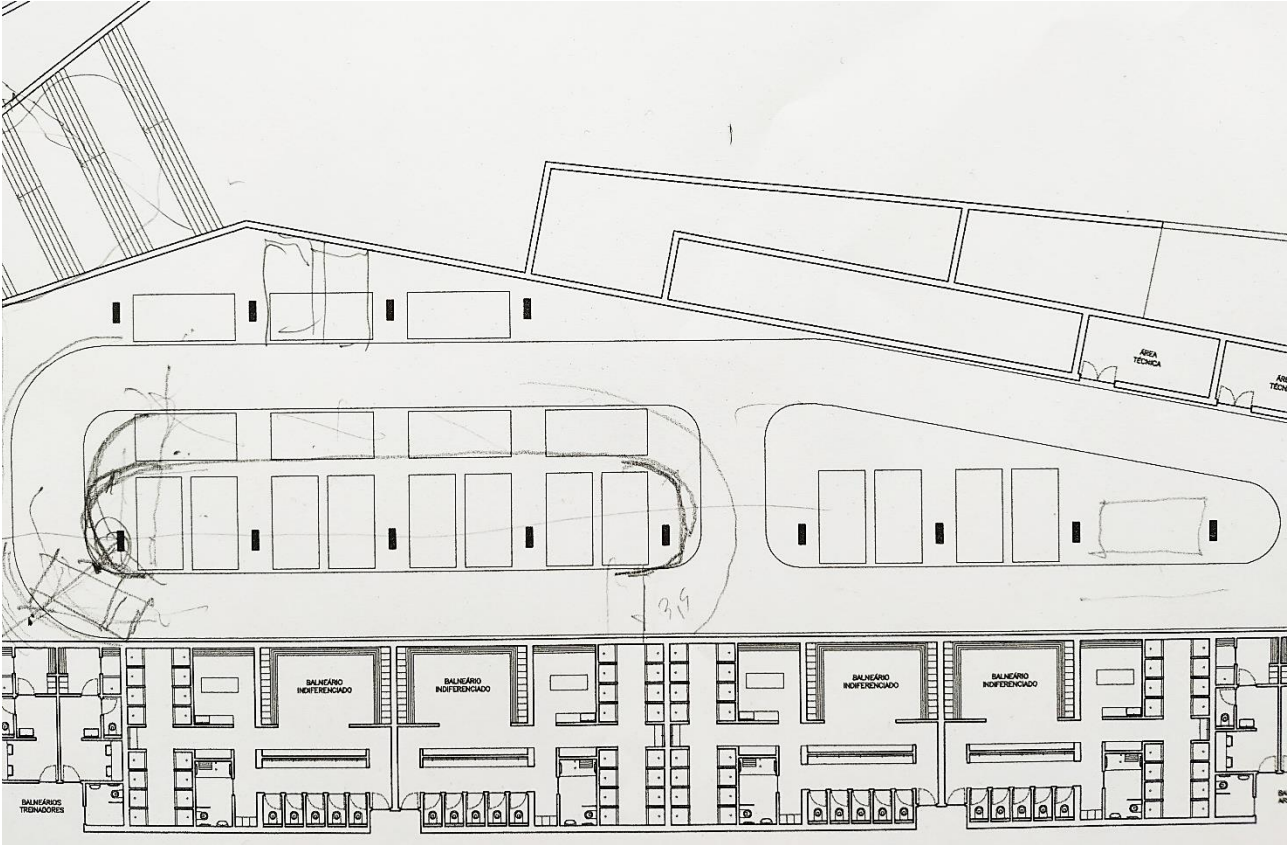


CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante

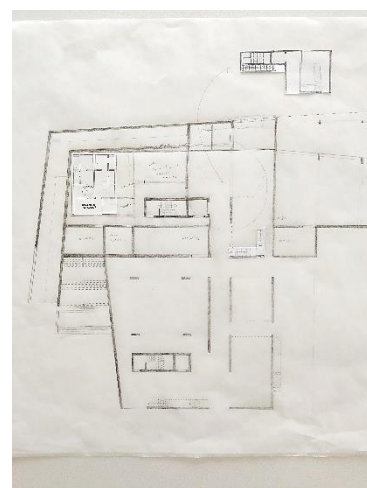
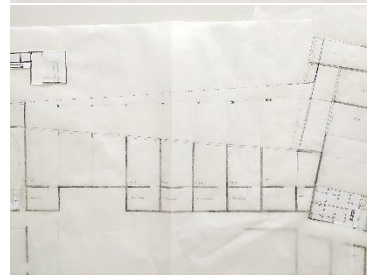
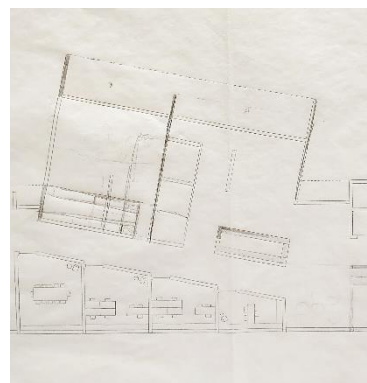
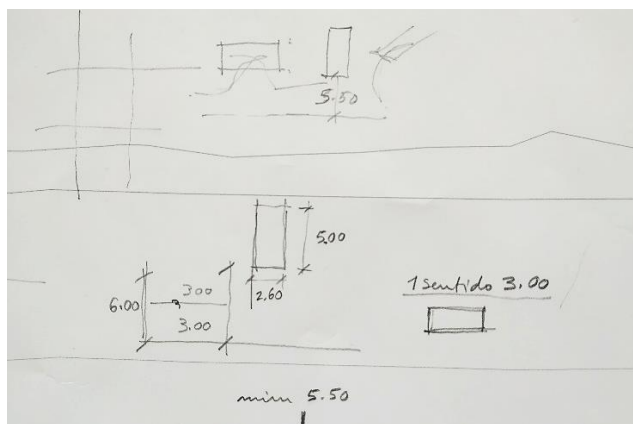
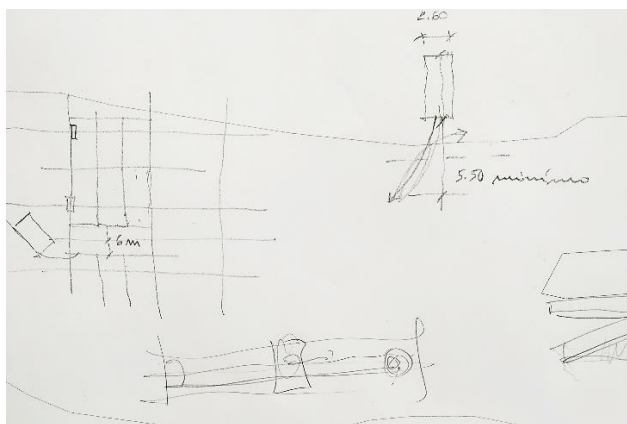


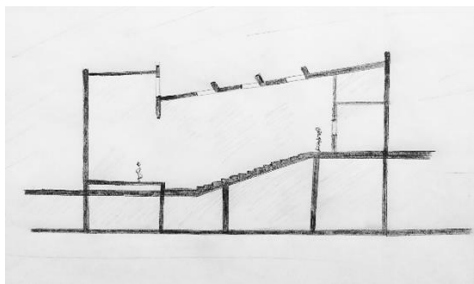
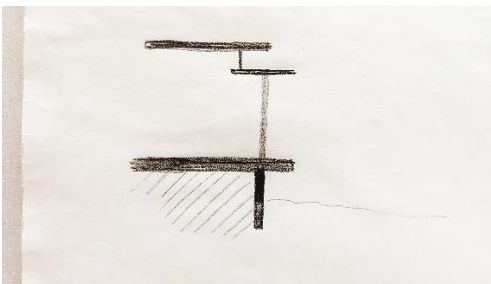
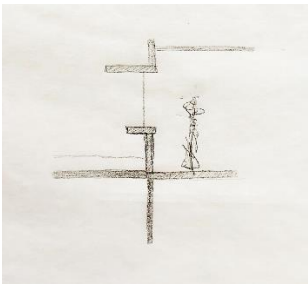
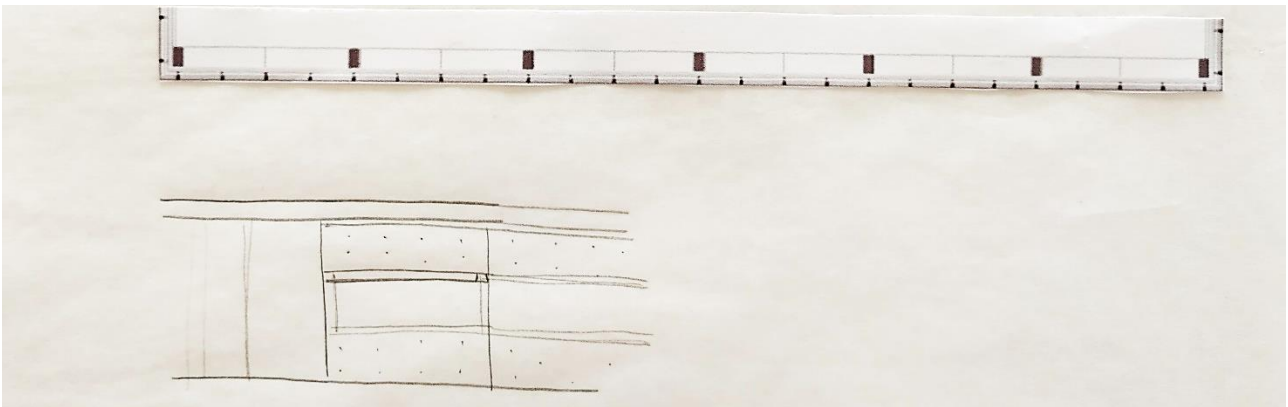
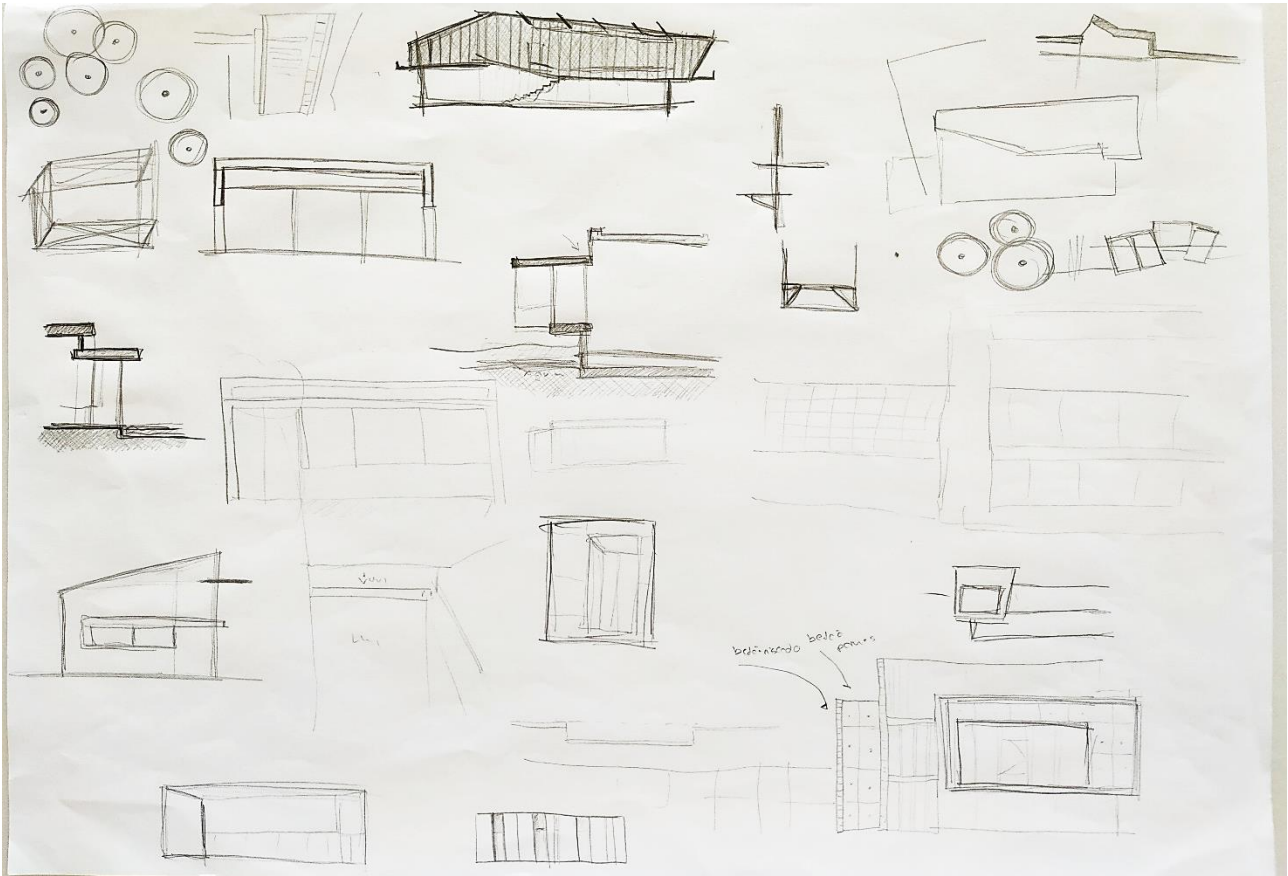


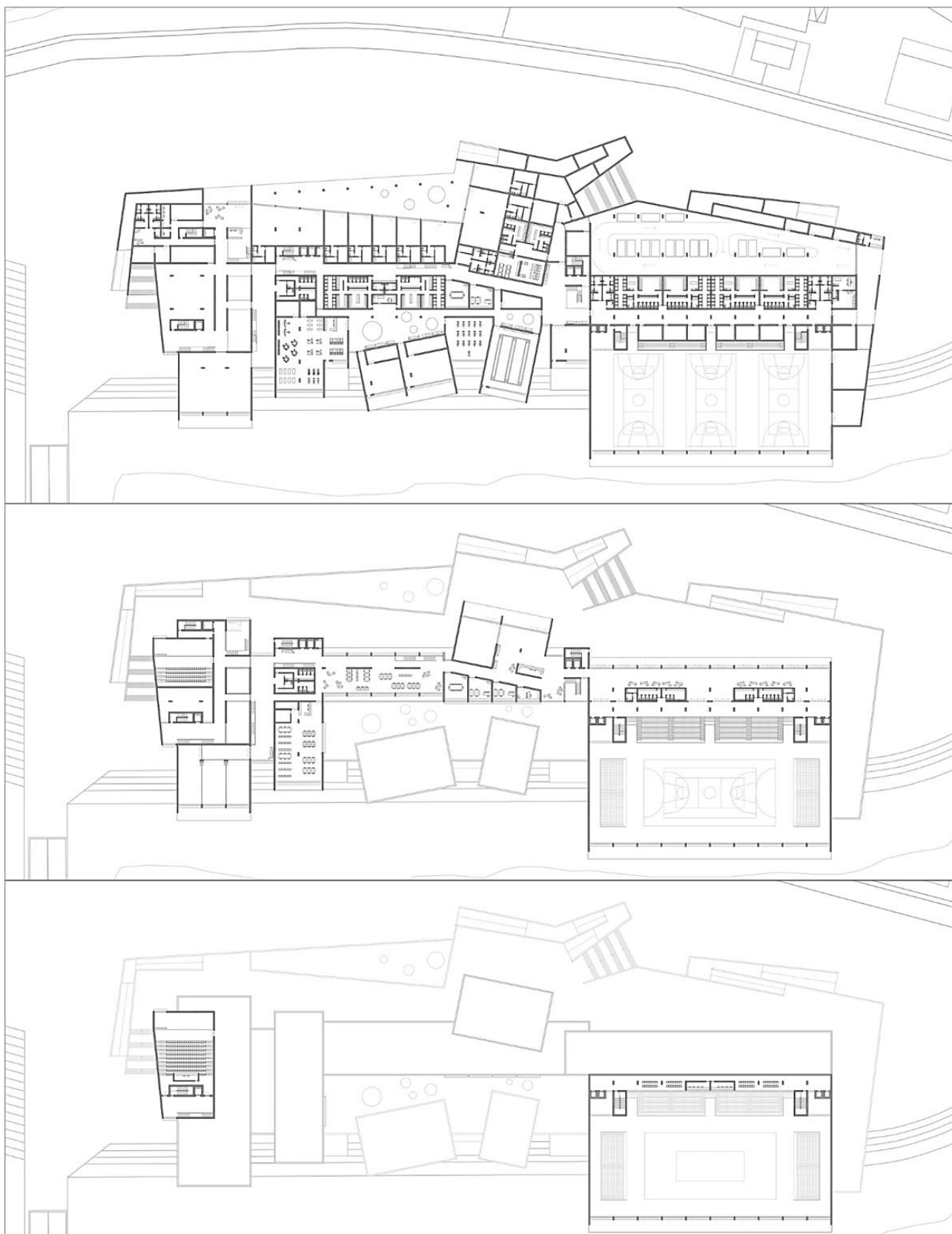




CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante



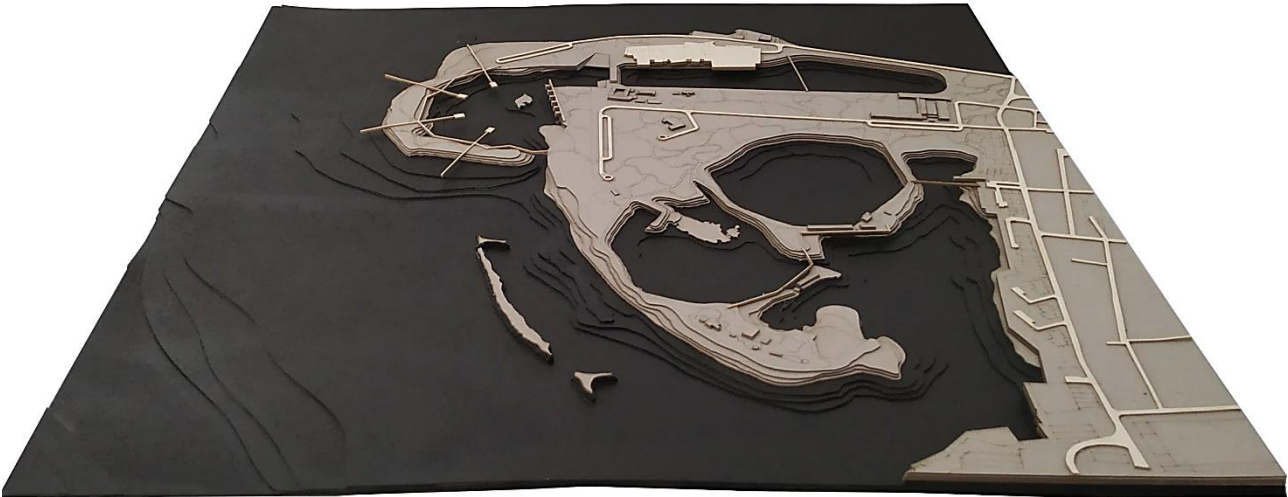




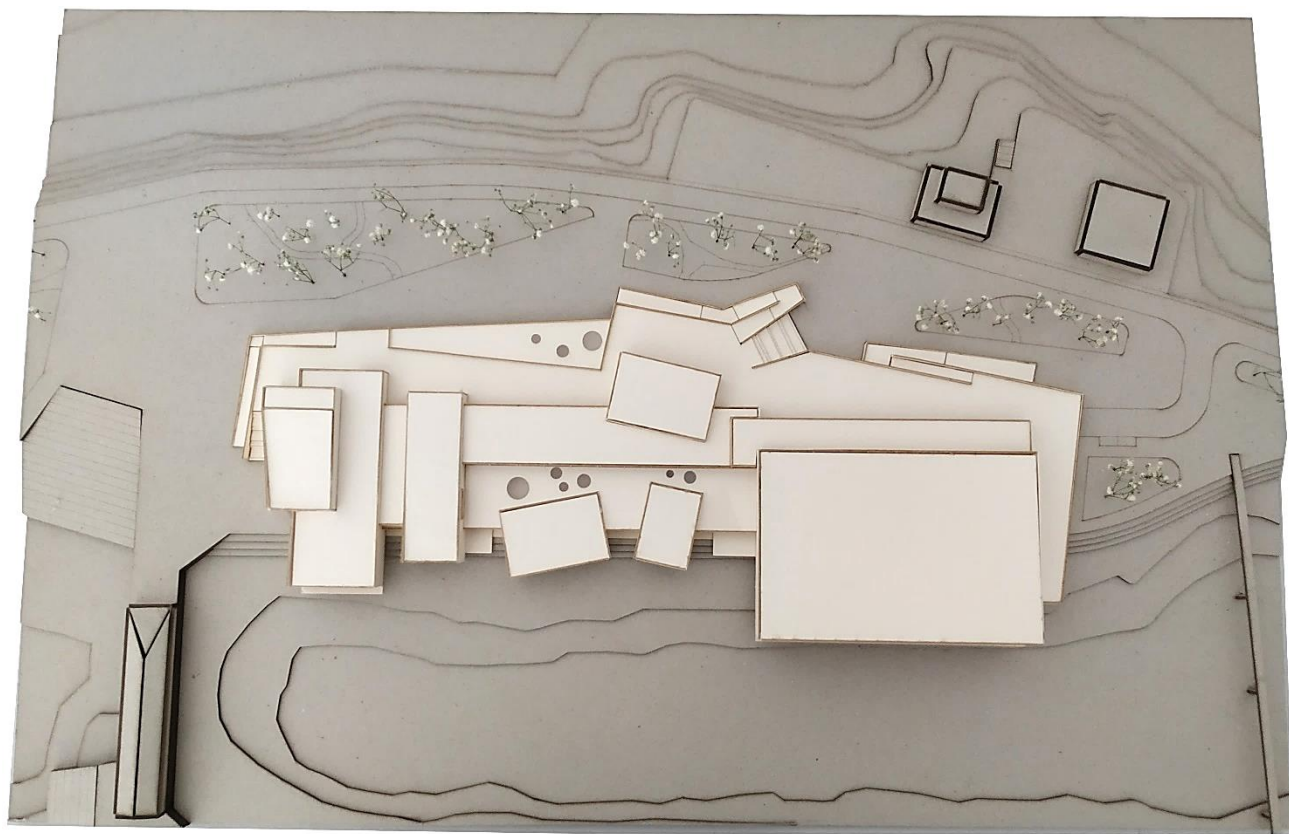
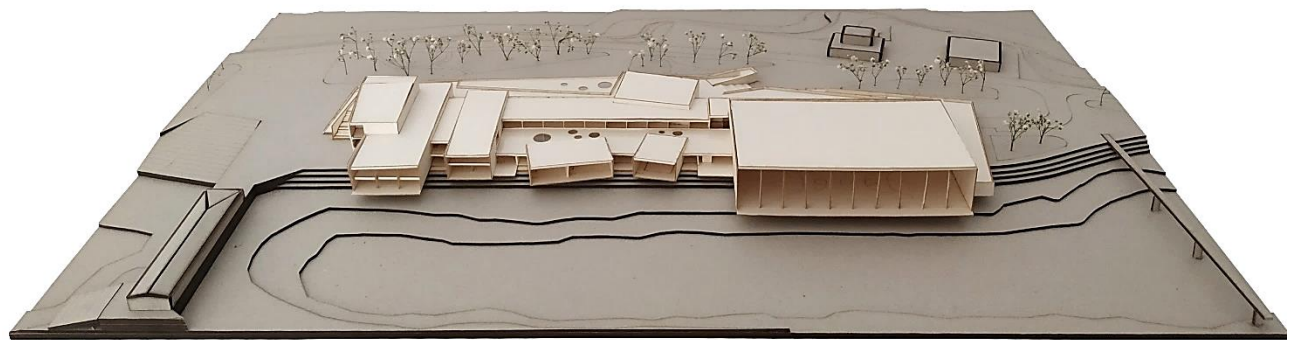
MAQUETES DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO



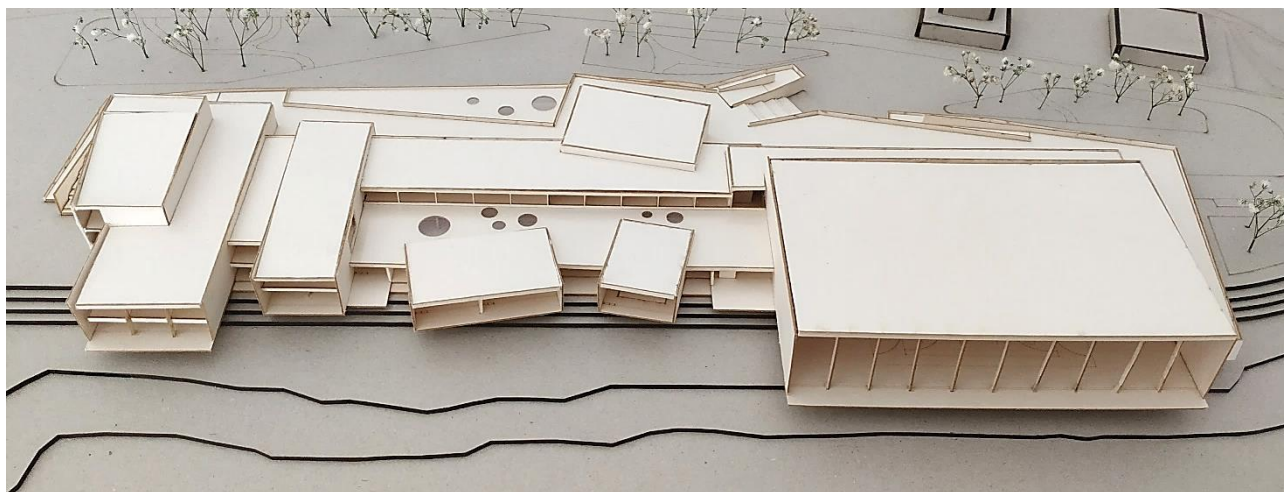


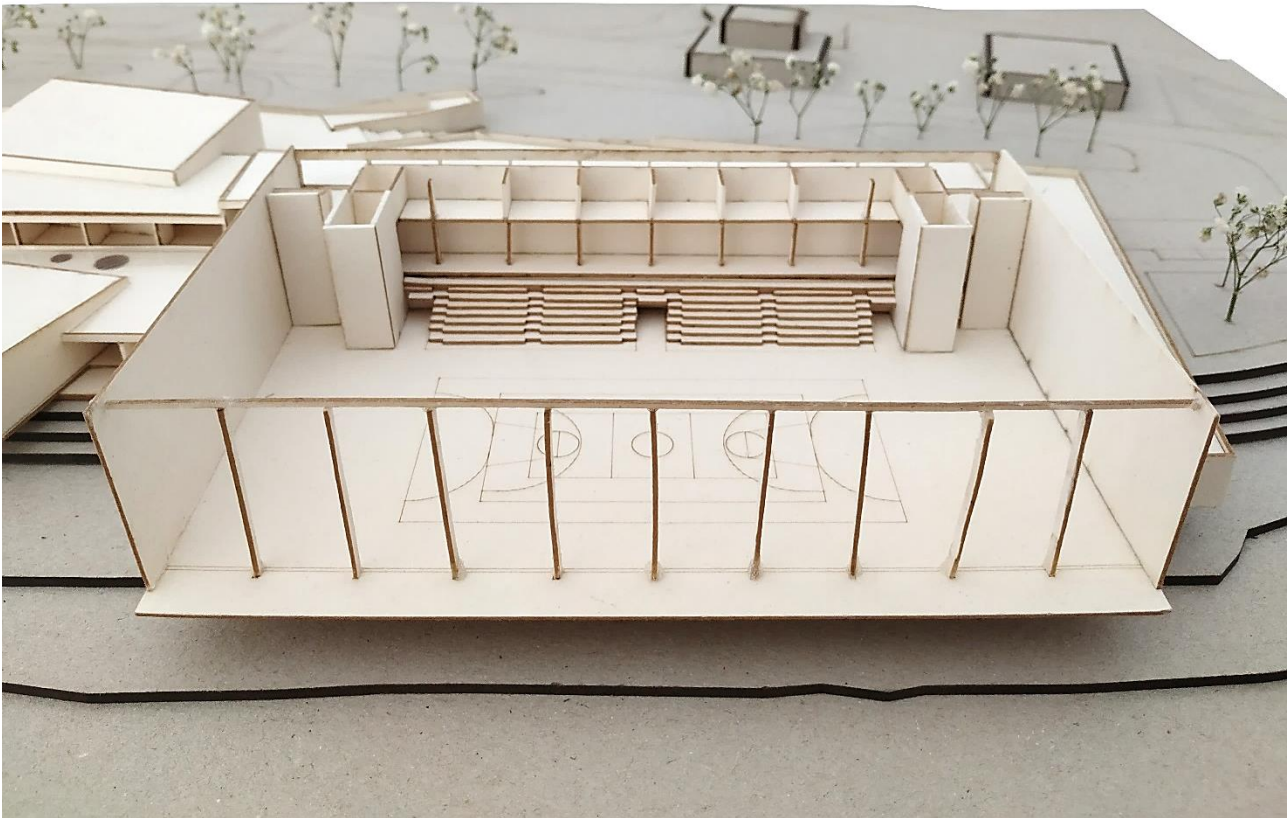




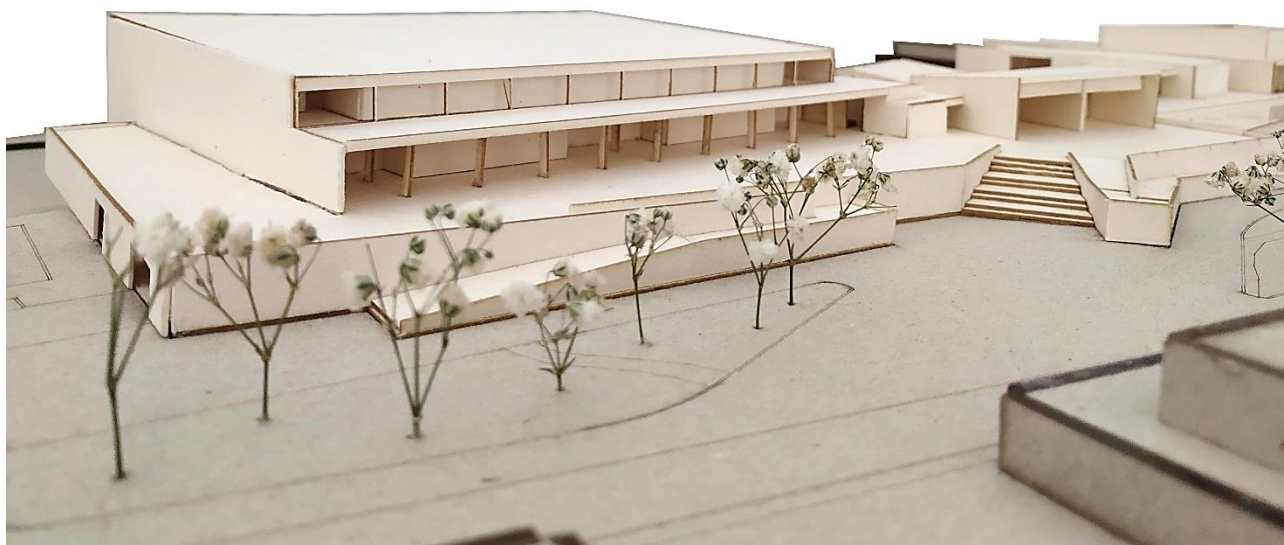


CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante



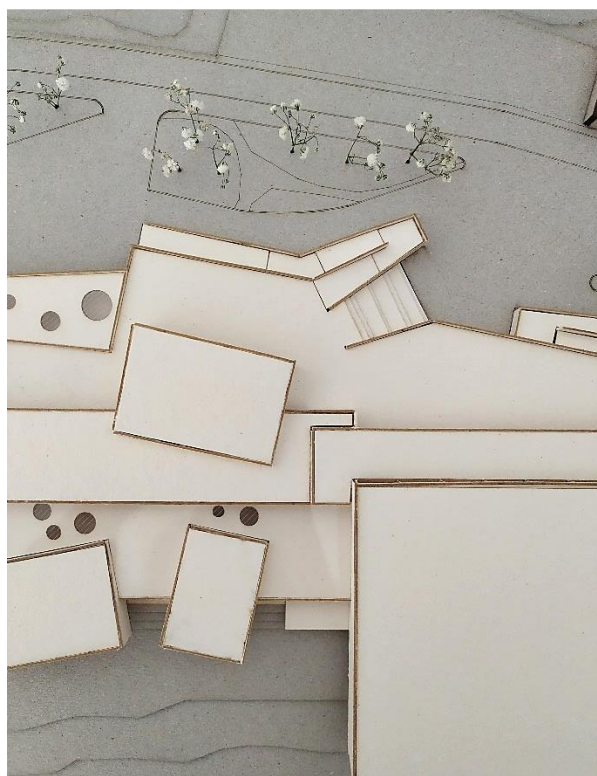
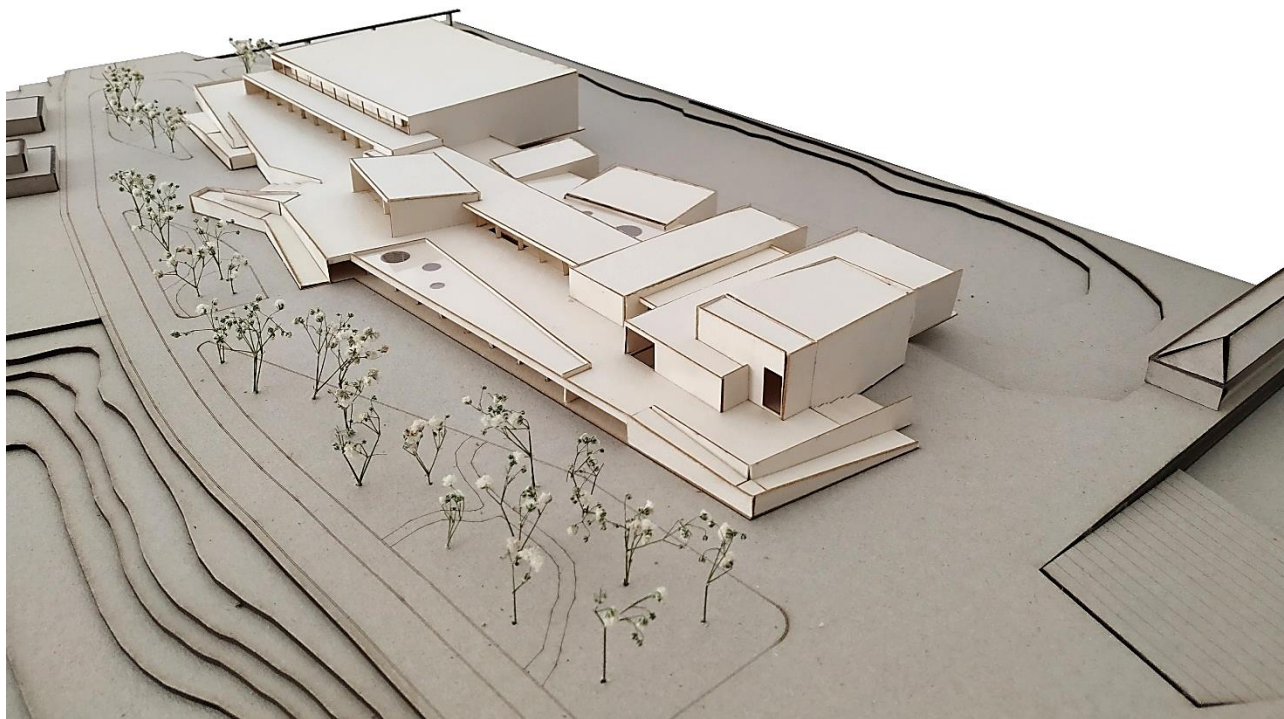


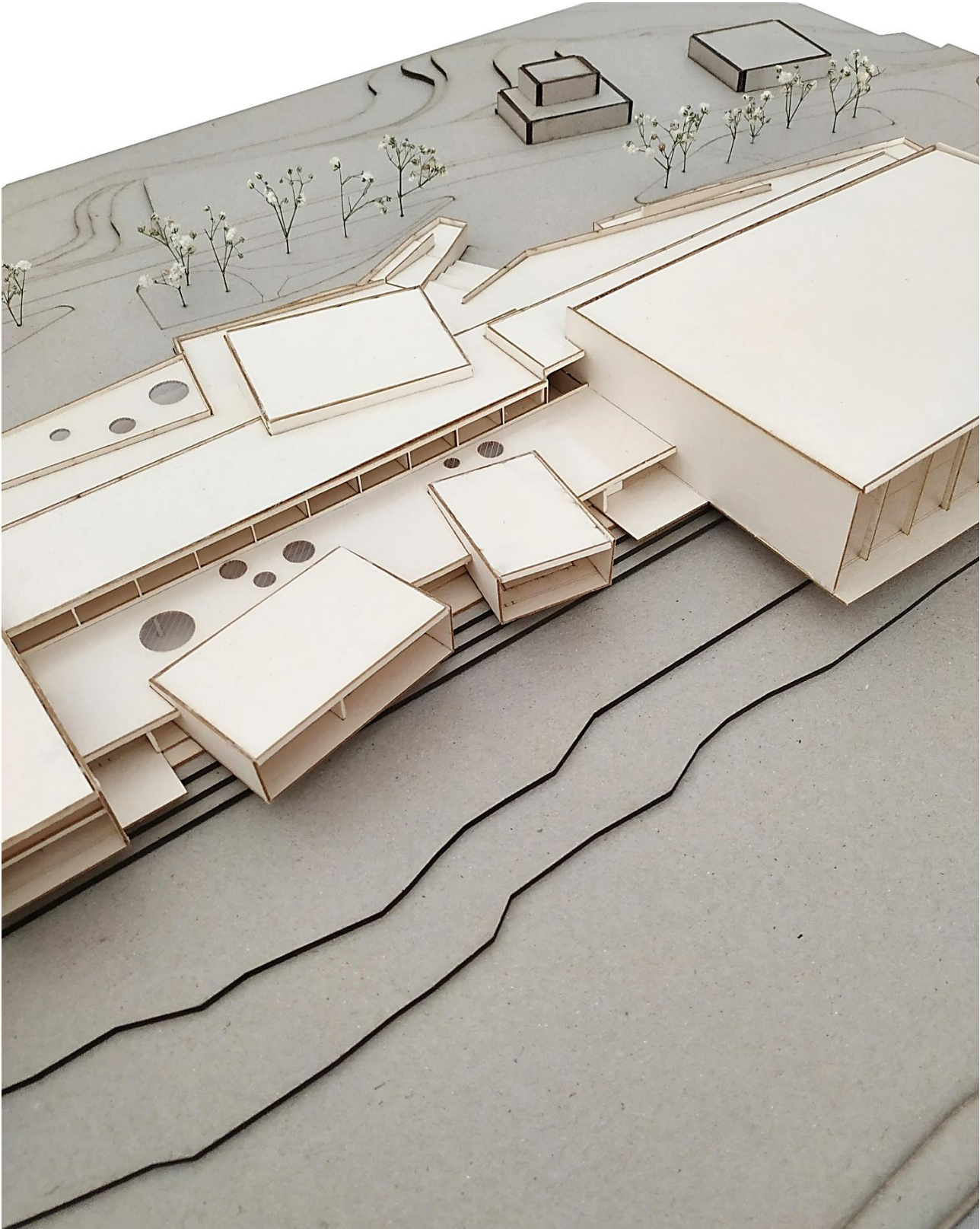
CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante





CENTRO MULTIUSOS EM ALBURRICA
O Equipamento enquanto Elemento de Requalificação do Lugar Expectante





PEÇAS DESENHADAS FINAIS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO